



**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS**



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 54

NATAL, JANEIRO/MARÇO - 2018

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado /CJA Edições.

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.54
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 54, jan./mar.2018.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS	7
SANDERSON OU A AMIZADE - Diógenes da Cunha Lima	9
SANDERSON NEGREIROS A BUSCA, O RITMO E OS LAN- CES DA HUMANA PALAVRA NECESSÁRIA - Vicente Serejo	11
SANDERSON E O QUERER BEM - Lívio Oliveira	27
SANDERSON NEGREIROS, UM COPYDESK NA HISTÓ- RIA DO JORNALISMO NO RN - Cassiano Arruda Câmara	29
SANDERSON NEGREIROS: O ARTISTA DAS PALAVRAS - Armando Negreiros	33
SEMPRE ENCONTRANDO - Sônia Faustino	38
SANDERSON NEGREIROS - João Batista Machado.....	41
SANDERSON E AS CONFRARIAS - Carlos Roberto de Mi- randa Gomes	44
A GRATUIDADE POÉTICA DE “DÁDIVA”, DE DIVA CUNHA - Nelson Patriota	52
DEZ ROMANCES BRASILEIROS INDISPENSÁVEIS - Hil- deberto Barbosa Filho.....	58
A POÉTICA FERVENTE DE LÍVIO OLIVEIRA (PARTE 1) - Cássio Augusto Nascimento Farias.....	60
BASHÔ, MESTRE DO HAICAI - Horácio Paiva	68
LEITURAS MACHADIANAS (Parte 1) - João da Mata Costa	72
EVELINE SIN: A POESIA NA RUA - Lanuk Nagibson Araújo Silva.....	76
RACINE SANTOS ENTRE A FICÇÃO E A DRAMATUR- GIA - Manoel Onofre Júnior	89
PADRE LUIZ MONTE, ORADOR - Jurandyr Navarro	92

O ENSINO RELIGIOSO CONFSSIONAL - Padre João Me- deiros Filho.....	98
MOSSORÓ: A CAPITAL DO SEMIÁRIDO - Benedito Vas- concelos Mendes.....	108
CLICHÊS INAPAGÁVEIS - Valério Mesquita.....	115
ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL (2) - Por Antônio Nahud.....	123
CONTOS E CRÔNICAS	129
PERSEGUIÇÃO - Clauder Arcanjo	131
ELA - Francisco Sobreira	135
MENINO DE PERIFERIA – parte 1 - Thiago Gonzaga	137
POEMAS	143
ESTAÇÃO DAS CHUVAS ANGICOS - Jarbas Martins	145
ENTREVISTA - Paulo de Tarso Correia de Melo.....	146
PIRANGI - Marcelo Navarro Ribeiro Dantas.....	150
NOVOS ACADÊMICOS	151
SAUDAÇÃO AO PROFESSOR DALADIER PESSOA CUNHA LIMA PELO ACADÊMICO ARMANDO NE- GREIROS 07/11/2017	153
DISCURSO DE POSSE DE DALADIER PESSOA CUNHA LIMA NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, EM 07/11/2017.....	159



ARTIGOS E ENSAIOS



SANDERSON OU A AMIZADE

Diógenes da Cunha Lima

Sanderson era um iluminado, iluminante. Eu o chamava por um dos seus nomes, Deodato, dado por Deus. De fato, ele foi homem da mais forte ligação com o mundo espiritual.

Ter a sua amizade já era uma forma de distinção. Os amigos eram, por ele, excessivamente valorizados. Nunca foi de cultivar muitos amigos. Repetia a linguagem bíblica: “muitos são chamados e poucos os escolhidos”.

Foram mais de seis décadas de amizade. Morávamos na mesma rua José de Alencar. Ele tinha dezesseis anos quando eu lhe dizia que não deviam ter mudado o nome de rua da Estrela, porque ele era a estrela da rua. Eu ficava encantado com a sua paixão pela leitura e saberes aprendidos no seminário. Deu-me um livro do seu autor predileto: “Recordação da Casa dos Mortos”, de Dostoiévski. No oferecimento, uma expressão latina, que eu desconhecia, *ab imo corde*, do mais íntimo do seu coração. Daí começou a sua mania, muito agradável, de escolher e presentear-me livros.

Quando me enviou a edição do seu “Fábula-Fábula” (1980), lembrou: “Na certeza de que o *ab imo pectore* continua”.

Já com “A Hora da Lua da Tarde”, ele exagerou, e muito, na dedicatória: “Mestre em muitos ofícios e artes de viver; Amigo improrrogável e intermitente; e amizade de vocação e destino de mais de 45 anos – amigo – irmão com as naturais, obrigatórias e inoxidáveis divergências e convergências, que possam aparecer e ser. Depois de tanto discurso, igual ao de Marco Antônio diante do corpo de César – enfim, para o amigo do trovão e pastor dos relâmpagos, o abraço com cantochão e resposos de sinos.”

Não conheci ninguém mais generoso, em gestos e palavras.



Seguindo o pensamento de Harold Bloom, procurava *lendo* dar sentido à vida. Em uma das suas iluminações afirma ser: “O grande mistério que pode chegar até nós, através da arte ou da santidade, do heroísmo ou da poesia”.

Depois que perdeu a sua amada Ângela, ele ficou cada vez mais solitário, vivendo intensamente a solidão: um órfão de amor. Quando tentei levar-lhe consolo, pediu que me sentasse em uma das poltronas cobertas com pano branco. Eram alinhadas no mesmo sentido, para que, sentados, pudessem ver o Potengi. Naturalmente recusei. Como se interrogasse a si mesmo ele como a si me perguntou: “Para que esta paisagem, para que estes livros, para que a vida?” Senti a presença do inexorável. Meu amigo perdera o desejo de encontrar um sentido para a vida, sua vida desabitada.

Agora, com Ângela ao seu lado, ele tem na vida livros infinitos. Além da mais perfeita paisagem: o paraíso.

Diógenes da Cunha Lima é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



SANDERSON NEGREIROS

A BUSCA, O RITMO E OS LANCES DA HUMANA PALAVRA NECESSÁRIA

Vicente Serejo

Não foi no *Diário de Natal*, quando ali cheguei, em maio de 1971, na Av. Deodoro, 245 - que vi pela primeira vez a figura de Sanderson Negreiros. Foi no alpendre da Av. Afonso Pena, 755, Tirol, onde morava minha namorada, Rejane, a caçula de Dr. Omar e D. Cloris. Ele amigo de Otomar, o irmão mais velho. Foi na redação do velho DN, algum tempo depois, que tive o privilégio de uma longa convivência diária com a sua riqueza intelectual.

Já era um homem gordo, bem humorado, óculos ray-ban, e uma pasta de onde saíam livros e brotavam recortes de jornais, daqui e de longe, que ele sabia tingir com tons locais em pautas diárias. Era o chefe de reportagem. O pauteiro, como se dizia no jargão jornalístico da época. Com seus olhos de grande leitor, sabia tudo quanto acontecia no mundo, sem perder de vista a grande lição chapliniana de que a vida, na sua essência, é sempre um assunto local.

O velho Diário foi uma escola, já disse Cassiano Arruda Câmara. Ele e João Neto - João Felismino da Silva - tocavam as edições. Cassiano no turno da tarde e João Neto das seis até o fechamento, nunca antes das dez da noite. Uma redação que tinha alguns dos grandes nomes do jornalismo natalense, fazendo um jornal sob o comando implacável de Luiz Maria Alves, um homem frio e genial, amado e odiado, pagando o preço de ser líder de mercado.

O lirismo de Sanderson transbordava belo e suave todas as manhãs na crônica de sua pequena coluna - *Quadrantes* - sempre no rodapé da quarta página do primeiro caderno. Até que um dia, convidado a dirigir e implantar o jornalismo na futura, mas já anunciada TV-Universitária, foi viver alguns poucos meses em São José dos Campos, São Paulo, para fazer um curso técnico de televisão na



sede do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE. No lugar de *Quadrantes*, nasceu *Roda Viva*, de Cassiano Arruda Câmara, que circulou durante mais de cinquenta anos, fixando-se como um hábito de leitura do natalense, parte integrante do seu café da manhã.

Lá, conheceu Fernando Mendonça, o cientista brasileiro que foi capa da revista *Veja*, a integrar a equipe da NASA, a agência espacial dos Estados Unidos, e que levaria o primeiro homem a pisar na lua. Enquanto aqui, Barreira do Inferno lançava seus primeiros foguetes meteorológicos rasgando o céu natalense.

Ao retornar, além dos conhecimentos, trouxe na bagagem uma história que contava com o rosto iluminado pelo riso a ruborizar suas bochechas gordas. É que uma noite, depois das aulas, foi convidado a sair com alguns colegas e um professor. A conversa, banhada pelo vinho, acabou nas fímbrias das questões filosóficas, dando um terno calor de vida na noite fria de São José dos Campos, afinal os alunos eram professores nas suas universidades de origem.

Eles não sabiam que ali estava um ex-seminarista de largos e surpreendentes domínios nos campos da teologia e filosofia. Um discreto estudioso de Sócrates, a quem retratou num ensaio acadêmico como o *Patrono do Humanismo*. Em dado momento, o professor não conteve o espanto e perguntou como Sanderson, no Nordeste, fazia para ter acesso a livros de filosofia. O nordestino não deixou passar e cortou no ar a curiosidade desrespeitosa e pedante:

- *Encomendo livros aos índios!*

Este era Sanderson Negreiros. Ou José Sanderson Deodato Fernandes Negreiros, seu nome completo. Bacharel em Direito, professor da cadeira de *Cultura Brasileira* no curso de Jornalismo da UFRN e auditor aposentado do Tribunal de Contas. Nasceu em Ceará Mirim, a 6 de julho de 1939, e fechou os olhos para sempre a 19 de dezembro de 2017, aos 78 anos, já viúvo de Ângela, juíza de Direito e sua grande paixão.



O poeta

Sanderson ainda adotou o *José* no primeiro livro - *O Ritmo da Busca* - mas o destino impôs um *Sanderson Negreiros*, a revelar, bem cedo, seu espírito literário. Órfão, a carregar desde menino o sentido trágico da vida que o homem feito viveria tragicamente em Unamuno, de quem foi grande leitor, viveu ouvindo a tosse seca de sua mãe tísica, a encher de dor o longo corredor da infância, em Ceará Mirim, que nem o trem noturno conseguia esmagar nos trilhos, dor revelada em duas crônicas antológicas, *A Casa e A Lembrada Casa Estranha*.

Era um homem triste, mas sabia esconder sua tristeza do outro lado do riso, o biombo que protegia os vastos campos de sua alma. E essa tristeza se revela muito cedo, no conjunto de poemas do seu primeiro livro - *O Ritmo da Busca, Natal, 1956*. Ali estão os versos de um poeta quase menino - tinha apenas dezessete anos ao publicá-los - quando já citava Rilke para avisar ao mundo, numa epígrafe, que em algum lugar alguém chorava por ele.

Irônico, apelou a Manuel Bandeira - *Manuel Bandeira me leve / Manuel Bandeira me leve / Me leve pra Pasárgada* - que conheceu em *gestos incendiados*, e de quem foi leitor a vida inteira, ao lembrar-se dos homens politicando e os cavalões comendo. Registra a saudade da mãe, *Carolina*; homenageia o pai e os irmãos, e confessa que o livro é para Tereza - *a minha solidão poética* - mas assim, sem outro nome que possa identificá-la, posto que a transcendência mágica do tempo torna irreais as coisas verdadeiras.

Quem apresenta o jovem poeta é outro poeta, bem mais velho: Esmeraldo Siqueira. E Sanderson abre com o poema que dá título ao livro, e com a consciência da distância que já separa o homem da felicidade, sempre inalcançável, mas tantas vezes buscada:

Tudo que é longe / é o dia da primavera...

Feito de versos tristes, ensombrados de árvores escuras e nunca primaveris, de mortos que partem para seus naufrágios, de tardes misteriosas e mares de solidão, neles tudo foge: a vida, o sono, os pássaros, o amor, as madrugadas. Até que tudo feche e se acabe, quando o poeta ergue a sua taça e brinda Rimbaud:



- Houve morte de onde nasci...

O Ritmo da Busca, lançado aos 17 anos, é a inscrição precoce da grande procura que o poeta vai empreender, sem pressa e sem demora. É tanto que só cinco anos depois, em 1961, figura no elenco dos novos poetas lançados entre 1961 e 1962 pela *Coleção Jorge Fernandes*, Governo Aluizio Alves. Ao lado de revelações como Deífilo Gurgel - *Cais da Ausência*; Mirian Coeli e Celso da Silveira - *Imagem Virtual*; Dorian Gray - *Os Instrumentos do Sonho*, Luís Carlos Guimarães - *O Aprendiz e a Canção*, e Augusto Severo Neto - *Até que o mar...*

Seu segundo livro - *Fábula, Fábula* - na primeira das suas quatro edições, reúne 27 poemas escritos entre 1956 e 1961, todos posteriores a *O Ritmo da Busca*. O novo livro é dividido em quatro partes - *As Conversações, Fábula, Fábula, O gesto e Os Lances Exatos*, expressão que o poeta assumirá para ser o título do seu terceiro livro de poemas, lançado em 1967, *Coleção Província*, mas sem o artigo: *Lances Exatos*.

Em *Fábula, Fábula* a tristeza como fonte de inspiração é a mesma. Há uma áspera alegoria que continua feita das sombras do poente e de uma lua de trevas. Há um rio vazio a correr entre canaviais e catástrofes e que deságua, cansado numa morte prematura. Na parte seguinte - *Fábula, Fábula* - segunda estação poética e título geral do livro, declara ter a solidão *conhecida por altos príncipes do azul*, entre pássaros suicidas. E proclama em largos ais, liricamente umedecidos, em êxtase numa tarde agônica, quase bilaquiana:

- Bebi teu vinho, ó tarde.

O trigo de sua dádiva, ó azul.

A rigor, há um apuro no olhar do poeta. Parece mais rigoroso, quase formal, algo de cabralino, um dique contra excessos, sem a perda do lirismo que nele é contido e perfeito:

Um pescador joga sua rede no espaço.

E colhe peixes intactos.



O poeta confessa - *Existe além da sombra / o ter sido sombra* - e ainda sente os ventos da memória, reconhecendo que agora há pão e água em sua solidão, diante daquela que despe *o corpo tatuado de relâmpagos*. Pastor das próprias tristezas, como se pastoreasse um rebanho de desejos impossíveis, o poeta indaga:

*Senhor, três horas da madrugada
Bate o vento contra os cristais.
Sei a tristeza que fere as mãos.
Colho a estrela do que for sonho.*

E como quem teme e precisa saber, pergunta bandeirianamente, triste, triste:

Flores nascerão sobre quem se ama?

Mas a infância não foge da memória afetiva. A dor, se parece mais suave, sublimada no fio suavizado das recordações, de vez em quando retorna, forte e submissa - *transida nas réstias do chão*. A velha casa repousa, é verdade, viva, na parede de retratos. Como se uma fina poeira de ternura cobrisse os móveis e as flores que ele sopra de vez em quando.

Mais seis anos se passam, até que o poeta lance novos poemas nas águas do seu rio antigo. Em 1987, com **Lances Exatos**, *Coleção Província*, Natal, o menino ainda espera. A lembrança continua submissa. Mas, o livro é dedicado a Ângela. Só a Ângela. Sem mais uma palavra. A flutuar, única, na brancura da página, para ser a grande musa.

A escolha de abrir o terceiro livro com o último poema do livro anterior - uma urdidura atada nas lembranças - devolve ao poeta a saudade de sua mãe. Outra vez olha a casa - *a lembrada casa estranha* - e ouve os sons tristíssimos da infância, e avisa:

Esse corredor era só para a voz de minha mãe soar...



Fábula, Fábula teve quatro edições: a primeira, e menor, em 1961, com a capa padrão da Coleção Jorge Fernandes; a segunda, pela *Coleção Pirata*, Recife, 1980, introdução do professor Paulo de Tarso Correia de Melo, e reunindo os poemas de *O Ritmo da Busca*, novos poemas, e a quarta parte - *Os Poemas Rupestres, nascidos na fase do Rio de Janeiro; e um pequeno conjunto de cinco crônicas, todas líricas*, e que ele chamou de *Prosa Transeunte: - A Alma dos Amantes, A Hora da Lua da Tarde - que será título de um futuro livro de crônicas - A Casa, A Volta do tom elegíaco, e A lembrada casa estranha*, registrando, pela primeira vez, em livro, o lirismo de sua poética nos traços refinados de verdadeiros poemas em prosa bem nos talhes do ensaio de Xavier Placer. A quarta e última edição é a mais bem cuidada. Capa de Dorian Gray, ilustrações de Newton Navarro, fora do texto, e orelhas de Franco Maria Jasiello. Nasce nos prelos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1998. No acervo poético, repete, integralmente, a terceira edição, Coleção Mossoroense, 1990, a convite de Vingt-un Rosado, esta com uma capa criada pela jornalista Rejane Cardoso - num estilo discreto e afrancesado - a brancura iluminada por um discreto vaso de flores. Na edição da UFRN, o poeta quebra o silêncio de explicações, faz constar um pequeno prefácio e registra a ousadia de sua precocidade:

- Fui o único poeta da minha geração que escreveu seu primeiro livro "O Ritmo da Busca", aos 16 anos de idade.

E conta o trabalho braçal ao lado do jornalista Sebastião Carvalho, levando na cabeça, em tábuas pesadíssimas, o chumbo que sobrava do Diário de Natal para as velhas linotipos da Tipografia Galhardo, na Ribeira. Levavam de noite e traziam de amanhã.

E conclui, lembrando o peso das caminhadas, com uma frase que mais parece o verso de um poema que nunca escreveu:

- A poesia dói, realmente.



O acadêmico

Tão precoce quanto o poeta foi o acadêmico. Escolhido quando a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras buscava completar quarenta nomes seguindo o modelo da francesa e da brasileira, não pediu para ser. Foi eleito à unanimidade a 13 de abril de 1977, um convite do então presidente da Casa, Manuel Rodrigues de Melo, com o entusiasmo do acadêmico e amigo Veríssimo de Melo. Tomou posse no mesmo ano, na noite de 11 de setembro, saudado por Nilo Pereira, seu conterrâneo ilustre. Sanderson tinha apenas 38 anos.

A escolha unânime de Sanderson Negreiros para a Cadeira 40, com o patrono Afonso Bezerra, foi uma moldura perfeita para seu retrato literário. Ali estava, com o mesmo talento precoce, um místico, ensaísta, cronista, e um poeta também tocado pela força da criação. E também um repórter, a enfrentar as questões do seu tempo em reportagens que fazem parte do arsenal de lutas do jornalismo natalense entre os anos cinquenta e setenta.

A precocidade de Afonso Bezerra (1907-1930) - morre aos 23 anos incompletos - não impressionaria apenas a Nilo Pereira, colega no curso de Direito, em Recife, e a Manuel Rodrigues de Melo, o organizador e anotador de sua obra. Em *Angicos*, livro de 1940, edição Pongetti, Aluizio Alves escreve sobre o conterrâneo de Carapebas, então distrito de Angicos, município que hoje tem seu nome:

- Tenho esperança de, quando possível, reunir a sua extensa e valiosa produção literária num volume que possa livrá-lo do esquecimento.

A intensa atividade política, certamente, não deixou que Aluizio Alves pesquisasse a obra esparsa de Afonso Bezerra. Coube a Manuel Rodrigues de Melo. Nem mesmo escreveu as orelhas anunciadas em *Ensaíos, contos e crônicas*, Pongetti, 1967, quando Afonso de Ligório Bezerra faria sessenta anos. Rômulo Wanderley substituiu Aluizio ao lado de Nilo Pereira que escreveu um prefácio, longo, testemunhal e consagrador.

Sanderson foi o nome perfeito. Para saudá-lo, na noite de 11 de setembro de 1977, na solenidade presidida por Manuel Rodrigues

de Melo, estudioso e anotador da obra de Afonso Bezerra, convidou o escritor Nilo Pereira, conterrâneo, filho ilustre de Ceará Mirim.

Nilo recebe Sanderson grifando os liames de sua identificação com a figura de Afonso Bezerra, em claros tons elegíacos. É como se eles, Afonso e Sanderson, o vale e o sertão, se misturassem na mesma inspiração criadora.

Como também não é por simples realce retórico que Nilo revela sua visão da poesia de Sanderson, a poesia de alguém *que fala uma linguagem poética, ao mesmo tempo em que é um poeta que fala uma linguagem filosófica*. E acrescenta, certo:

Penso traduzir bem o sentimento do mundo nessa integração entre o poeta, que o recria, e o filósofo, que o explica. Entre Jó e Sócrates.

Não menos elegíaco é o tom do novo acadêmico diante do legado intelectual e místico do seu patrono. E não bastaram as falas acadêmicas. Ao reuni-las e publicá-las na edição da Fundação José Augusto, com um prefácio de Veríssimo de Melo, revestiu-as, como num imprimatur, também com o tom da transcendência: *A Humana Palavra Necessária*. É tanto que sobre o legado de Afonso, recebido ali, na noite da posse, Sanderson proclama:

- Afonso Bezerra foi daqueles que ansiaram ultrapassar sempre, de constante, o legado do sobreviver diário, inquirindo sobre a finalidade do mundo e do homem, entranhado daquelas constantes que tornam imponderáveis da fé e da graça.

E depois:

- Morrendo em prematuro desígnio, teve sempre a consciência de se afirmar dentro da disciplina quase ascética de buscar, religiosamente, o sentido afirmativo e antropológico de si mesmo, mas também saindo, integralmente, para o necessário encontro com Deus.



O filósofo

Estava certo Nilo Pereira ao perceber a linguagem em trânsito de Sanderson Negreiros, como demarcou: entre o poético e o filosófico, entre Jó e Sócrates. Se a poesia se faz com palavras e a filosofia com idéias, como quer o poeta e filósofo Antônio Cícero, foi assim que o autor de **Lances Exatos** viveu e escreveu: entre a poesia e a filosofia, universos que, em Sanderson, estão sempre matizados por uma forte tintura mística.

Ao apresentar a monografia acadêmica para ascender ao nível de professor-assistente, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando da federalização da Faculdade de Jornalismo, onde era professor, Sanderson vai além do apenas comum numa graduação de Comunicação Social. Escolhe um tema essencialmente filosófico para um docente de História da Cultura: *Sócrates, patrono do humanismo*, depois publicado pela Companhia Editora do Rio Grande do Norte, Cern, Natal, 1978.

A monografia acadêmica, oitenta páginas, é apresentado por Américo de Oliveira Costa que recebe o olhar ensaístico de Sander-son como algo capaz de mostrar uma surpreendente atualidade de Sócrates, *apesar dos milênios que nos separam do filósofo grego*. Para Américo, o jovem professor - escreve - *muito leu e releu nos círculos filosóficos*. E mostra esse apuro pela capacidade de convocar, na expressão do próprio Américo, *o Sócrates de Platão e de Bergson, de Cícero e de Erasmo, de Bertrand Russel e de Padovani, de Toymbée e de Lavelle, de Mondolfo e de Marcel, de Leonel Franca e Maritain, Werne Jaiger e Boutroux, que ele os convoca à cena em sínteses catalizadoras*.

A escolha de Sócrates cimeta, e já agora numa idade intelectual-mente mais madura, a permanência de sua forte identidade com o humanismo. Entre as epígrafes de seis autores, uma revela seu tom interior como marco fundador da busca que, nele, é uma permanência. É de Heráclito, em um dos fragmentos do Efésio:

- Busquei-me a mim mesmo...



O repórter

Sanderson Negreiros, como repórter, foi um grande entrevistador.

Sem descuidar do fato jornalístico, do real como matéria prima da notícia, antecipou na história do jornalismo provinciano uma capacidade extraordinária de percepção da riqueza humana que ele vai buscar no outro lado da vida do entrevistador. Lança seu olhar na fresta e flagra o mais íntimo do sentimento humano. Nos fortes e nos fracos, na grandeza e na miséria, na glória e no fracasso. Não era um entrevistador comum, mas um humanista de olhos acesos a perscrutar a condição humana na gradação de suas várias dimensões.

O entrevistador se revela, por inteiro, nas páginas do livro que reuniu uma seleção de suas entrevistas nos anos sessenta e setenta - *Na Direção do Relâmpago*, edição da UFRN, 2001. Ali, em quase trezentas páginas, ele é um artesão da palavra a reconstituir, na forma de confissões e reflexões, a singularidade humana de cada personagem que o olhar de repórter vai percebendo e desenhando, como se cada pergunta fosse uma pincelada e um sopro de vida.

Naqueles anos sessenta, ainda distantes da tradução, no Brasil, do estudo de Edgar Morin sobre *A Entrevista nas Ciências Sociais, Rádio e Televisão* - incluído por Abraham Molles em *A Linguagem da Cultura de Massa, Vozes*, Petrópolis, 1973 - Sanderson já dominava a entrevista dialógica, uma técnica que a professora Cremilda Medina, baseada em Morin, só estudada no Brasil no seu ensaio *Entrevista, o diálogo possível*, Coleção Princípios, editora Ática, São Paulo, 1986. É que para Morin, a entrevista às vezes apenas espetaculariza o ser humano, quando também pode compreendê-lo, se nascida de um diálogo profundo.

Medina ajuda a revelar o precursor que foi Sanderson. Com o lastro de suas leituras, ele fez do diálogo uma forma de perscrutar o território humano mais íntimo, numa dinâmica refinada a construir pontes entre o entrevistador e o entrevistado. Aquilo que Medina, com base nos postulados teóricos de Morin, classifica de *entrevista dialógica*: as respostas como estímulos geradores de novas perguntas, formando a argamassa que ergue a escultura do perfil humano. Ali,



quem sabe, está o barro da genialidade humana, para lembrar a bela expressão de Octávio Paz, no seu grande estudo sobre a poesia e os poetas no exercício da fascinação.

Cada entrevista busca erguer a escultura viva do entrevistado. É uma reconstrução da arquitetura humana. Ao entrevistador, cabe manter o clima de diálogo. Sem conflitos e sem sonegar a verdade indispensável à modelagem do homem na sua realidade mais íntima e mais pessoal. Um jogo lento e requintado, jogado nos vastos campos da alma, onde cada pergunta busca a compreensão do homem e não a sua simples espetacularização jornalística.

Os retratos humanos, pintados por Sanderson Negreiros, estão espelhados não apenas nos traços do seu humanismo, mas também nas cores de um lirismo filtrado que ele deixava escapar nos títulos, verdadeiros retratos-sínteses de cada entrevistado. Quase sempre nascidos de frases pinçadas da fala do entrevistado, na forma de fragmentos confessionais, ou diretos e objetivos, como é da técnica jornalística, mas sempre reveladores da personalidade de cada entrevistado que ele emoldura como personagem.

Um exemplo é a entrevista com o professor Hermógenes - 'Foi o sofrimento que me fez com que encontrasse Deus'. Em Mário Moacir Porto, viu que 'O mundo de hoje estala pelas costuras'; e em Manuel Rodrigues de Melo viaja ao seu mundo varzeano para conhecer o menino da Várzea do Açú, território da gênese provinciana do grande pesquisador.

É intenso seu encontro com o professor Francisco Ivo Cavalcanti, o último professor de Câmara Cascudo - para olhar 'a vida com sua serena certeza de encontrar-se na poesia'. Ao anotar a conversa com o arcebispo Dom Nivaldo Monte, não perdeu de vista sua grande confissão mística: 'Sou um ambivalente envolvido pela angústia'. E em Eunice Weaver, a paulista conversou três horas com Gandhi e descobriu que 'a bondade é um desafio'.

Com seu olhar iluminista, Sanderson flagrou o homem Jessé Freire do outro lado do empresário frio e do político cerebral e po-

deroso, e viu a face humana de alguém que parecia feito de ferro: ‘A solidão é para mim a pureza de uma descoberta’. Foi ele, Sanderson, que um dia ouviu de Elza Lamartine, uma mulher rica e inteligente: ‘Natal vale pelos amigos que tenho, embora seja uma cidade sem grandeza’. Se para Moacir Duarte, Aluizio Alves, na época cassado e proscrito da vida pública, se explica na medida em que ‘cada um tem a solidão que merece’, de Newton Navarro retratou a alma do artista criador: - ‘Amou e desamou na vida’. Palmilhou, com as alpercatas do encanto, o sertão de Oswaldo Lamartine. E, de Cascudo, já morto, sentiu o grande vazio e levou o personagem real a sublimar-se para um encontro impossível, mas concebido - de conversar com Deus.

O cronista

Tão singular quanto o poeta de *Fábula, Fábula*, o acadêmico de *A Humana Palavra Necessária*, o filósofo de *Sócrates, patrono do humanismo*, e o repórter de *Na Direção do Relâmpago*, é o cronista de *A Hora da Lua da Tarde*. Único livro de crônicas publicado em vida, sua obra de cronista aguarda a edição, agora póstuma, de uma nova e importante reunião de sua prosa poética: *A Casa dos Azulejos Azuis*, a sair com o selo da editora *Sarau das Letras*. A primeira publicação de suas crônicas saiu como parte de *Fábula, Fábula*, a partir da terceira edição, Recife, 1980, cinco crônicas com o título geral de *Prosa Transeunte* que figura como *o quinto livro* na organização geral do volume lançado pelas edições *Pirata*.

É indispensável, no futuro, a edição completa de suas crônicas, mas a grande revelação do cronista, depois da primeira vida nas páginas do Diário de Natal e da Tribuna do Norte, está em *A Hora da Lua da Tarde*, UFRN, 1998. É ali, na seleção que reuniu setenta e quatro crônicas, que está o cronista. O longo prefácio do jornalista Woden Madruga retrata o homem e o escritor. Woden recompõe, num depoimento rico e testemunhal, não apenas o homem nas suas dimensões várias, mas sua trajetória jornalística. Aqui e no Rio de Janeiro, quando partiu do cais do porto de Natal para tentar vencer no mercado



carioca, consagrador para quem, como ele, e a partir da revista *Manchete*, levava na mala o talento de sua fortuna intelectual. A saudade da terra e dos amigos foi maior do que a persistência, e ele voltou.

Mais que a gênese literária do poeta e cronista, Woden, no seu *Tempo Reencontrado*, retrata a Natal a partir dos anos cinquenta, num texto de corte ensaístico que circunstancia o homem, o poeta e o cronista na paisagem cultural e política da cidade a viver seus primeiros contatos com o ritmo moderno das diversas manifestações culturais. É nessa Natal, a fundação do escritor. Entre os livros e as rotativas dos jornais provincianos. Ali, nascem o cronista e a cidade que ele reinventou. A Natal dos seus olhos, de toda sua sensibilidade lírica, entre personagens e histórias, em paisagens humanas e físicas que ele cria e recria.

Culto desde jovem, as suas crônicas tanto seguem o desenho de Cronos, nas narrativas curtas e circunstanciais, aquela *literatura ao rés do chão* de que fala Antônio Cândido, porque tão perto do leitor, como cumpre a matriz ensaística que, para alguns dos nossos teóricos, há de ter se nutrido nos *Ensaio*s de Michel de Montaigne - o estilo da narrativa, o eu narrador a fixar hábitos, costumes, tradições, novidades e espantos.

Vale ressaltar que *A Hora da Lua da Tarde* não segue uma ordem cronológica das publicações originalmente feitas. O cronista preferiu dividi-las em seis estações: *Existencial, Os Personagens, O Chão Amado, Inferno Moderno, Cartas Caprichosas e Memorial*. O conjunto cobre um tempo largo na seleção dos textos: dos anos sessenta aos anos oitenta.

A Hora da Lua da Tarde, a rigor, e por ser uma seleção ao longo de três décadas, é um grande poliedro de temas, mas todos filtrados pelo olhar de um só cronista, portanto, de um só estilo. Nas memórias abertas, no poço das suas reflexões existenciais, no retrato das figuras humanas, nas sempre tristes saudades da infância, nas cartas, nas histórias memoriais, na vida e na morte dele e do seu mundo.

O livro abre com um quase testamento na crônica *Cálculos (sen-satos e decentes)*: o cronista, a título de informar aos leitores seus planos



para o novo ano, promete amar seu amor mais intensamente e ser um aplicado e profundo leitor de Camões, Guimarães Rosa e Mário de Andrade - *minhas três grandes admirações*. Quer ungir-se com os santos óleos da alegria, ler poemas de Fernando Pessoa, fazer yoga. E fecha, antes de dizer *amém*, com uma promessa que cumpriu: fazer um livro de crônicas e poemas com o título de *A Hora da Lua da Tarde*.

É vasta e rica a galeria de personagens e cenários, urbanos e rurais, entre as fazendas e bairros da sua imaginação. Anda pelos chãos da infância - Ceará Mirim, Santa Cruz do Inharé e Olinda. Faz carta aos amigos, de lutas e de amores, e escreve a São Francisco para ser lido *em certo crepúsculo*, revelando mais uma vez o místico que nunca deixou de ser.

Dedica o livro a Ângela - *que me salvou de tudo isso que era desesperança* - com um memorial de recordações. Lembra a figura de Sandoval Wanderley, os homens e as mulheres de antigamente, a Natal velha de cem anos, o Grande Ponto, e fecha com *A Casa*, lugar do eterno retorno. O velho casarão do menino, *propenso às coisas redescobertas, lá onde plantou o primeiro silêncio e ouviu a primeira lágrima à procura do que a infância, um dia, prometeu...*

O antológico

Muito cedo o poeta Sanderson Negreiros saltou dos prelos da aldeia para as antologias locais e depois nacionais.

Sua primeira presença antológica, com o poema *O Gesto*, é nas páginas do *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense*, de Rômulo Wanderley, Edições do Val, Rio, publicada originalmente em 1965 com uma segunda edição em 2008 patrocinada pela Prefeitura de Natal. Em 1979, está em *A Poesia e o Poema do Rio Grande do Norte*, de Moacy Cirne, edição Fundação José Augusto, com segunda pelo Sebo Vermelho, 2014, em dois poemas, um deles em versos fragmentados e experimentais - *Vertente*, datado de 1967.

Em 1984, faz parte do *Guia Poético da Cidade do Natal, de Manoel Onofre Jr.*, coedição Nossa Editora/Fundação José Augusto



com o poema *Canção Desesperada do Beco da Quarentena* e integra o elenco de poemas reunidos também por Onofre em *Poesia Viva de Natal*, coedição Capitanía das Artes/Nordestal, Natal/Recife, 1999.

No plano nacional, para citar as principais, sua primeira presença é na antologia de Walmir Ayala - *A Novíssima Poesia Brasileira*, edição Série Cadernos Brasileiros, Rio, 1962 com os poemas sobre o rio e as aves (sem títulos), ambos do livro *Fábula, Fábula*. Em 1985 faz parte da antologia de poetas organizada por Henrique L. Alves - *Poetas Contemporâneos, edição Revista Kempf Editores, São Paulo, com o poema A Árvore*, do seu segundo livro, *Lances Exatos*. Dez anos depois, integra a antologia *A Poesia Norte-Rio-Grandense no Século XX*, organização de Assis Brasil, com o poema *O Gesto, de Fábula, Fábula*. Sua presença em antologia nacional mais recente está no *Roteiro da Poesia Brasileira, sob a direção de Edla van Steen, com seleção de André Seffrin*, seu prefaciador, edição Global, São Paulo, 2007, no volume dedicado à poesia dos Anos 50. InexPLICavelmente não é incluído no elenco da antologia *Nor-destinos*, na qual o Rio Grande do Norte tem dez poetas, organizada sob a direção de Pedro Américo de Farias, embora cumpra os critérios expostos pelo organizador em seis itens e publicados no próprio livro, edição Editorial Fragmentos, Lisboa, 1994.

A mais forte e consagrada presença nacional da poesia de Sanderson Negreiros só vai ocorrer, de forma individual, em 2008. É convidado pelo editor Waldir Ribeiro do Val, das Edições Galo Branco, para integrar o elenco de poetas nacionais da coleção *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, uma retomada do modelo adotado por José Simeão Leal, o criador dos *Cadernos de Cultura* do Ministério da Educação.

É, mesmo considerando a boa organização editorial de *Fábula, Fábula*, a partir da edição da *Pirata*, em 1980, o melhor ordenamento de sua poética ao longo de dois livros, de - *O Ritmo da Busca*, 1956, e *Fábula, Fabula, 1980*, este com acréscimos e supressões ao longo de quatro edições, a última, em vida, lançada pela UFRN, 1998.



Autor da própria organização, padrão da coleção, Sanderson dividiu os 50 poemas em oito estações com títulos quase sempre numerados: *Poemas dos 26 anos* (seis poemas), *Os Lances Exatos*, (três poemas), *O Nome* (cinco poemas) *Gênero e Espécie* (seis poemas), *A Paisagem* (nove poemas), *As Conversações* (treze poemas), *Os Gestos* (três poemas), *Poemas Rupestres* (cinco poemas). E fecha o livro com uma pequena biografia de sua trajetória intelectual, a relação dos livros publicados - poesia e prosa - e algumas opiniões críticas na forma de fragmentos, com o soneto do poeta Jorge Tufic em sua homenagem.

A obra literária de Sanderson Negreiros que hoje ainda espera pela publicação de três volumes reunindo sua poesia e sua prosa, com nova seleção de 101 crônicas com o título de *A Casa dos Azulejos Azuis* que recomendou dias antes de falecer, já representa um marco na história da literatura e do jornalismo. O poeta, o acadêmico, o professor, o filósofo, o cronista e o repórter, reunidos numa obra erguida em sólidos alicerces, como referência indispensável de erudição e talento no plano intelectual e literário do Rio Grande do Norte.

Em janeiro de 2018, dias depois de sua longa viagem na direção do relâmpago.

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.



SANDERSON E O QUERER BEM

Lúcio Oliveira

Sanderson Negreiros partiu. Foi em busca de outras paisagens e paragens. Despediu-se de nós um dos maiores escritores do Rio Grande do Norte, um dos nossos mais sensíveis e profundos poetas, um amante dos livros, um sábio. Sanderson nos deixou após uma longa temporada de solidão e recolhimento. Imensamente sofria pela perda, há alguns anos, de sua amada Ângela: aquela que ele avistou, pela primeira vez, no céu. Agora, novamente, o fez. No céu. No céu pleno e azul.

Lembro-me dos dias em que tive a especial oportunidade de visitá-lo e entrevistá-lo. O grande poeta e cronista ainda morava no Alto da Candelária, onde convivia apaixonadamente com Ângela e com os livros. Cheguei a acreditar, antes de ingressar naquele verdadeiro templo do intelecto e da sensibilidade, diante de uma bela Acácia que ele plantara, que Sanderson não me receberia bem, que exibiria algum humor dificultoso ou vaidade demasiada (o que chega a ser comum no meio intelectual potiguar). Talvez eu tivesse tais impressões em face do seu semblante muitas vezes hermético, com ares de reflexão ou devaneio.

Nada disso. Nada de mau humor. Sanderson era uma figura terna e harmoniosa. A partir da minha entrada em sua casa, passei a alimentar por ele um querer bem que me pareceu mesmo ser correspondido. Ele me dizia, sim, que eu era uma figura agradável e do bem. E isso me envaidecia, trazia-me e me traz responsabilidades, como me trouxe o voto entusiástico (considero sagrado) que dele recebi para o ingresso na Academia.

Foi ali, em meio aos seus livros, quando eu escrevia uma série de textos para O Galo –posteriormente enfeixados num volume publicado pelo Sebo Vermelho, intitulado “Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte” – que Sanderson me falou acerca do seu maior amor, amor de toda a vida. Nada mais belo do que aquela história.

Foi ele mesmo quem me disse, apontando para a presença forte de Ângela, a nos acompanhar na conversa:

“Conheci a minha mulher na praia de Genipabu, quando eu visitava, junto com Luís Carlos Guimarães, a casa dos pais de Ângela. Um avião pequeno dava rasantes sobre o mar. Eu, que estava pensando em voltar para o Rio de Janeiro, onde estava trabalhando, avisado sobre a moça aviadora, disse logo, sob o olhar desconfiado do seu pai: – Vou casar com ela! Hoje, a minha esposa é a minha conselheira espiritual, minha colaboradora, minha censora, a única pessoa que eu permito que me censure.”

Essa a grande paixão de Sanderson. E todos sabem o que a perda da inesquecível companhia ocasionou no interior do imortal. Todos nós, os seus amigos (apesar das diferenças relativas às gerações, acredito que ele me considerava assim), percebemos que o semblante de Sanderson mudara. Mesmo assim, não deixou de distribuir o bem querer entre as pessoas que o procuravam. A mim, por exemplo, sempre dirigiu palavras de incentivo honesto, verdadeiro e edificante. Sempre as colhi como quem colhe as mais belas flores da primavera. E as guardo na profundidade do coração. E da mente, porque Sanderson também sabia ensinar, orientar. Era uma das suas inegáveis vocações.

Sigo aqui, caro mestre Sanderson, com algumas de suas lições anotadas, como aquela advertência serena com que me presenteou uma vez: – Lívio, não trate o seu livro por “livrinho”. Nunca! Ele pode ficar triste!

Estamos tristes, sim, querido Sanderson, mas ainda ouvimos firme a sua voz, que deixou impressa no tempo, para nos alegrar sempre. Vá em paz, em busca do seu maior amor no céu, onde o viu pela primeira vez. Por aqui, vamos repetindo palavras com que nos brindou a todos, tatuadas na pele do mar: “Tenho a solidão/conhecida por altos príncipes/do azul.”

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “Teorema da Feira” e vários outros livros.



SANDERSON NEGREIROS,

UM COPYDESK NA HISTÓRIA DO JORNALISMO NO RN

Cassiano Arruda Câmara

No começo dos anos 60, enquanto o mundo estava dividido pela guerra fria que colocava Estado Unidos e União Soviética em campos opostos, e o Brasil se dividia em “reaças” e “comunas”, o nosso Rio Grande do Norte ainda continuava atrelado à campanha eleitoral de 1960, dividido em “aluizistas” e “dinartistas” que expunham sua militância nas bandeiras colocadas no frontispício de cada casa; verde, dos “aluizistas”, e “vermelha”, dos dinartistas.

Aluizio Alves havia assumido o Governo do Estado, em 1961, e Dinarte Mariz, grande derrotado na campanha de 1960, havia conquistado uma cadeira no Senado, um ano antes. Aluizio fazia uma administração moderna, mas não se afastava da guerra sem quartel com o adversário que havia eleito para inimigo preferencial.

Foi neste cenário que o Governo do Estado, depois da eleição de 1962, havia anunciado, para funcionar no ano seguinte, a criação da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, vinculada à Fundação José Augusto. Aluizio homenageava o seu mestre de Jornalismo, que o havia guiado nos seus primeiros passos no jornal oficial “A República”, e ainda supria uma lacuna na Universidade Federal, comandada pelo dinartista Onofre Lopes, seu fundador e primeiro Reitor. Nunca a abertura de um curso superior havia sido tão questionada: - Como empregar os jornalistas que a tal faculdade vai formar? Isto numa cidade que contava com o *Diário de Natal e O Poti*, dos Diários Associados; a *Tribuna do Norte*, do próprio Aluizio; o *Jornal do Comércio*, do deputado Theodorico Bezerra; o *Correio do Povo*, de propriedade de Dinarte Mariz, a *Folha da Tarde*, do prefeito Djalma Maranhão e o semanário *A Ordem*, do bispo d. Eugênio de Araújo Sales.

O número de jornais era inversamente proporcional ao nível de empregos oferecidos aos jornalistas, na sua quase totalidade, re-



munerados em cargos públicos conseguidos pelos proprietários dos jornais. Emprego no jornal era só um bico.

Criada para marcar uma nova fase do Jornalismo do RN - *Rio Grande do Norte / Capital Natal / Em cada esquina um poeta / Em cada rua um Jornal* - a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza teve como primeira resposta a “Nova Tribuna”. A promessa de um jornal, incorporando as novidades já adotadas pelos jornais do sul maravilha. Aluizio havia repatriado Walter Gomes, então repórter do *Jornal do Brasil*, para comandar essa revolução, fazendo um jornal moderno. Modernidade que se materializou com a adoção da pauta (com as tarefas diárias de cada repórter), diagramação (trazendo para a redação a tarefa de definir o projeto gráfico da redação que até então era feita pelo pessoal das oficinas, trabalhando com chumbo), a adoção do lead (forma de redigir o primeiro parágrafo das notícias, sepultando o velho “nariz de cera”) e um novo personagem, o *copy-desk* - um redator experiente e com a responsabilidade de garantir a unidade do texto de todas as editorias e melhorar a própria qualidade do material produzido pelos repórteres das diversas editorias.

Gomes conseguiu formar um time invejável atraindo para o copydesk da Nova Tribuna três jornalistas da melhor qualidade, todos três com reconhecida bagagem literária: Berilo Wanderley, Luís Carlos Guimarães e Sanderson Negreiros. Os únicos que atenderam aos seus rígidos critérios para o exercício da tarefa.

Sanderson, nos seus vinte e poucos anos, já era um nome conhecido no jornalismo do Estado, sendo visto como um veterano, assim como Berilo que havia passado uma temporada na Europa, cursando pós-graduação na Espanha. O poeta Luís Carlos encontrava na redação do jornal uma alternativa para sua outra função, Juiz de Direito da Comarca de Lajes, conquistando um livre-trânsito para o exercício de boêmio, na Ribeira velha de guerra.

Assim como Berilo, Sanderson acumulava a função de cronista, com espaço próprio no corpo do jornal, e o título que carregou por mais de 50 anos, até os últimos dias: “Quadrantes”.



O prato de resistência da Nova Tribuna era a reportagem, com o lançamento de muitos nomes (quase todos oriundos da Faculdade de Jornalismo) que assinavam matérias sobre os mais diferentes assuntos, numa linguagem uniformizada e de altíssimo nível. O sucesso desse “novo” caminho justificou o aparecimento de um suplemento dominical, a TN Ilustrada, que abriu as portas do jornal para as “teen ages” (hoje vetustas vovós), prazerosa tarefa confiada a este locutor que vos fala, que aparecia como autor de um texto comparável ao de Sanderson Negreiros - seu legítimo autor do produto final.

Mas, o fato marcante do *copydesk* Sanderson Negreiros foi a formação de uma dupla com o legendário repórter policial Pepe dos Santos (na verdade Eletiel Bezerra, que no futebol de várzea se proclamava como Pepe do Santos, ponta esquerda do time de Pelé, famoso pelo seu chute forte). O apelido que era singular, de um jogador de futebol (“do Santos”), pluralizou-se distinguindo uma família que não era a do nosso herói, (“do Santos”). Pepe era um repórter excepcional, mas tinha enorme dificuldade em colocar no papel o fato policial que havia apurado. Ele exigia ao seu lado alguém capaz de interpretar e traduzir o que ele queria dizer e Sanderson passou a curtir um trabalho desprezado por todos. Tanto que criou uma dupla. Dupla que terminou marcando época, já com a camiseta do *Diário de Natal*, quando Sanderson Negreiros criou um personagem que divertiu muitos natalenses ao acompanharem as estripulias de um “Vampiro”, que apareceu num fato policial corriqueiro identificado por Pepe, mas que Sanderson deu personalidade, sem necessitar revelar sua identidade, nem esconder a sua alma, permitindo que, a partir de um registro policial verdadeiro, fosse narrado entre devaneios de estórias de lobisomem apresentadas pelo talento do copy desk. A caça ao Vampiro tornou-se um esporte numa cidade que beirava os 300 mil habitantes. Surgido em Mãe Luiza, o Vampiro percorreu as ruas e becos de Natal, até se perder nos caminhos das *Quintas Profundas*, nos derradeiros limites da cidade.

Foi depois deste fato que o jornalista Sanderson Negreiros interrompeu a sua carreira de copydesk (e a dupla com Pepe dos Santos), assim como de colunista do *Diário de Natal*.

Nos anos 70, em pleno Milagre Brasileiro, o RN assumia uma posição de vanguarda. Depois de ter sido - nos anos 50 pioneiro em projeto de educação à distância com o funcionamento da Emissora de Educação Rural, comandada por d. Eugênio Sales - chegava a hora da televisão, a partir da Televisão Universitária, trazendo para cá o Projeto SACI, desenvolvido em colaboração com o INPE, que estava presente em Natal operando, com o Ministério da Aeronáutica, a Base de Lançamento de Foguetes de Barreira do Inferno. O ambicioso projeto previa a instalação - em Natal - de uma central de produção de inúmeros programas, começando pelos variados telecursos. Diante da importação de muitos talentos, o bom senso mostrou a necessidade de um talento local. E Sanderson Nogueira é convocado para representar essa inteligência local no projeto nacional apresentado como uma revolução no setor educacional brasileiro.

Seu novo desafio foi, portanto, emprestar seu talento ao veículo televisão, integrando a equipe criativa do Projeto SACI. Para tanto, precisava se integrar a equipe que produziria o conteúdo da TV U. E num espaço curto, vai o nosso herói para São José dos Campos em busca do domínio de uma nova linguagem.

Era o fim da carreira do copydesk e a presença de Sanderson no nosso jornalismo diário.

Não conheço nenhum trabalho que tenha registrado a sua passagem como homem de televisão. Do Projeto SACI se tem uma dimensão exata num simples registro: foi a semente dos telecursos da Rede Globo e Fundação Roberto Marinho, duas experiências que se estruturaram a partir dos profissionais que o Projeto SACI formou.

E Sanderson dá uma nova guinada na sua vida, convocado pelo governador Tarcísio Maia para atuar na sua equipe, tendo sido Assessor de Imprensa, Chefe da Casa Civil e Presidente da Fundação José Augusto.

Mas sempre ligado ao jornalismo, colaborando com várias publicações, até voltar à Tribuna do Norte, onde manteve uma coluna aos domingos até seus últimos dias de vida.

CASSIANO ARRUDA CÂMARA é jornalista e publicitário, autor de “Um Repórter na Roda Viva” e outros trabalhos, membro da Academia Norte-riograndense de Letras.



SANDERSON NEGREIROS

O ARTISTA DAS PALAVRAS

Armando Negreiros

Encantou-se em 19 de dezembro de 2017 o primo e amigo José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros, aos 78 anos (nasceu em Ceará Mirim aos 03 de julho de 1939). Foi casado com a juíza Ângela Negreiros e pai de Rodrigo Negreiros. Depois que enviuvou de Ângela, Sanderson praticamente isolou-se do mundo. Conversar com Sanderson era sempre um prazer renovado. Cultura vasta, lia tudo e todos, escrevia uma prosa diversificada, fazia poesia com naturalidade, verve e beleza, possuía uma biblioteca de mais de vinte mil volumes. Autor de vários livros, começou aos 15 anos editando “O ritmo da busca”. Quando o meu pai, Rafael Negreiros, chegava em Natal ele fazia questão de encontrá-lo todos os dias, ocasiões em que ficava provocando para que seu Rafael contasse histórias que ele já conhecia.

Era o último fundador vivo de uma cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras – ANRL. Foi eleito em 13 de abril de 1967, aos 28 anos de idade, para a cadeira de número 40, mas, só tomou posse em 11 de dezembro de 1977. Escolheu como patrono Afonso Ligório Bezerra. Tive a honra de ser saudado por Sanderson quando tomei posse na ANRL em 14 de agosto de 2002.

Estudou no Seminário São Pedro, em Natal, entre os nove e treze anos de idade, período da viuvez de seu pai, onde fez o ginásio. Coursou o segundo grau, atual ensino médio, no Atheneu Norte-rio-grandense e, em seguida, fez os vestibulares de Direito e Filosofia. Foi aprovado em ambos, escolheu o Curso de Direito. Era bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Natal, Jornalista, auditor do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte, adjunto de Promotor, professor de “Cultura Brasileira”. Foi secretário de Estado para Assuntos Extraordinários, no Governo do saudoso



Tarcísio de Vasconcelos Maia. Foi, por quase três anos, presidente da “Fundação José Augusto”.

Vejamos a prosa de Sanderson em um prefácio que fez para um livro de Rafael Negreiros:

“Certa vez, levando Rafael à casa de Grácio Barbalho, ele pode comprovar realmente que tudo que passara nos seus olhos, não passou; fixou-se nele como símbolo de espanto. Grácio colocava, na vitrola, discos de filmes antigos. Rafael saía dizendo os nomes por inteiro dos filmes, dos atores, dos diretores, de ajudantes de direção. Por aí afora... Grácio, de pouquíssimas palavras, só fazia murmurar: “É impossível”. Mas para ele não havia medida de tempo nem conveniência. De uma sinceridade universal, era generoso ao extremo. As polêmicas verbais entre Rafael, Jaime Hipólito Dantas e Dorian Jorge Freire eram tensas e intensas, no mesmo dia, procurava-os para um acerto de contas: “Vamos fazer as pazes”. E faziam, como se nada os distanciasse nas opiniões opostas.

O grande amigo, também memorialista, foi-lhe Francisco Fausto. Este, magro e irônico, soberano na arte de escrever e grande na virtude de narrar oralmente o acontecido, foi uma figura marcante da amizade de Rafael. Poucas vezes, Woden Madruga com ele esteve, mas era como se tivessem conhecimento um do outro há várias reencarnações. Rafael tinha o faro de gostar de cara – as afinidades eletivas não precisavam de tempo nem de aproximação.

Tudo isso que revejo e sob o lume de saudosa recordação, vem, principalmente, a propósito dos 80 anos de Elizabeth Negreiros (14 de agosto de 2010), que estou a saber agora, acontecidos e comemorados. Esposa de Rafael, é uma doce figura humana, que sempre pôde ser mística presença de bondade, com seu riso claro, de água cantante de fonte, que fez a contrapartida de tudo aquilo que em Rafael podia ser exagero, vibração incontida de falar e revelar. Às cinco da manhã, Elizabeth estava a orar na Catedral de Mossoró, tão meiga e generosa, como estou a imaginá-la nos seus gestos de mãe e esposa, que dela, com afeto, carrego pela vida afora; de minha vida



que já ultrapassou a cancela dos 70 anos; e prossegue para limitar os últimos hectares dessa desprovida passagem terrena.”

Pelo trecho acima podemos avaliar a sensibilidade do escritor poeta.

Um pouco de genealogia para esclarecer o parentesco. O pai de Sanderson chamava-se Abílio Deodato do Nascimento e a mãe Carolina Fernandes de Negreiros. Como podemos observar, Abílio homenageava as mulheres já que colocou o sobrenome da sua mãe – Deodato – e da sua esposa – Fernandes de Negreiros – em todos os filhos. Eram irmãos de Sanderson: Nelson, desembargador; Emerson, monsenhor, passou os últimos anos na paróquia de Niterói – RJ; Jackson, tabelião, pai de Jackson, Marckson, José Neuman e duas gêmeas, Maria Delsa e Gelsa Carolina.

A mãe de Sanderson, Carolina, era filha de Porfírio Antunes de Negreiros e Maria Alves Maia (Cocota ou Maricota Negreiros). Tinha cinco irmãos: Solon Fernandes de Negreiros, pai de Elizabeth, minha mãe; Manoel Fernandes de Negreiros, pai de Rafael, meu pai; Diogo, José, Seledon e Margarida. Portanto, Sanderson era primo legítimo do meu pai e da minha mãe. Depois que ficou viúvo, Abílio casou-se com Nitinha Costa e tiveram Gunderson, dentista.

Para encerrar vamos curtir a prosa de Sanderson em alguns trechos do Discurso de Recepção que ele fez na minha posse:

“Eu sou o último dos que entraram nesta Academia por ordem de escolha, e não por eleição. Eu e Newton Navarro. Certa vez, quando ainda vaquejava a vida, sendo repórter do Diário de Natal, na velha avenida Rio Branco, exatamente na ladeira que se entrega à Ribeira libérrima, Manuel Rodrigues de Melo e Veríssimo de Melo procuraram-me na redação e me intimaram: “Por sistema de escolha, você, a partir deste instante, é imortal por nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras”. Eu tinha 27 anos. Lembrei-me da boutade de Olavo Bilac: “É-se imortal porque não se tem onde cair morto”. Passei dez anos para tomar posse e, usando como hoje uso, esta beca azul com imenso medalhão medieval, tenho sido talvez o que mais tenha feito desta tribuna discursos de saudação, recepção-

nando os imortais que chegam, até que Vicente Serejo — conforme sua promessa a mim feita — faça o discurso de despedida.

Agora, tenho que empregar, em meio à prática estatutária e sentencial desta Casa, uma maneira menos convencional possível: saúdo um primo em segundo grau, filho de dois primos legítimos, raiz do meu chão mais verdadeiro, filho de um Rafael, numeroso de ideias e rasgos de inteligência, e de Elizabeth, madona de ternura e priora de santidade comum e cotidiana. O que me lembra o verso famoso de um poeta potiguar que devia ser famoso no mundo inteiro, chamado João Lins Caldas, que sentenciava: “Eu tenho um mundo de primos no mundo”. Todos nós somos descendentes de um tio que eu muito amei, avô de Armando. Seu nome era Manuel, que nunca foi aluno sequer do curso primário, mas era capaz de recitar *Os Lusíadas*, de maneira tão encantatória e eloquente, como se estivesse apostrofando de uma tribuna de júri. Vi-o, inesquecivelmente, quando eu era menino, e minha mãe me levou de Ceará-Mirim para passear em Mossoró, recitando poemas para um passarinho de sua criação e estima, parece que um concriz; recitando e dialogando como um devoto reza a Oração da Manhã. Tenho a impressão que aquela visão me encaminhou definitivamente para a Poesia.

Manuel Fernandes de Negreiros era seu nome todo; vivia como uma dessas árvores, poderosas e solitárias, que aparecem em meio ao deserto, capazes de receber tempestades e devolver raios. Era um homem de temperamento forte como só se via antigamente nos Negreiros, misturados aos Maia e Fernandes. Morreu de uma doença violenta, mas ele, com coragem e paciência, já domado pela prática habitual da Yoga, suavizava tudo e todos com encantamento, tanto foi que se tornou exemplar registro do grande mestre espiritualista José Hermógenes de Andrade, em um seu livro de testemunhos sobre os que mudaram a vida através da prática de paz e saúde que o Oriente tanto nos tem ensinado.

A vida deixou de pertencer aos desígnios de Deus; ao humor dos comediantes gregos e latinos; aos versos de Fernando Pessoa e Manuel Bandeira; às orações de João Paulo II e Chico Xavier; ao



encanto dos ventos nordestinos e às auroras boreais; ao sorriso de Irmã Dulce e do amor aos leprosos, no quente coração da África, de Albert Schweitzer — a Vida deixou tudo isso, para pertencer unicamente a um senhor que ninguém vê nem pode tocar, intangível e incorpóreo, chamado Mercado. Esse Mercado tem uma filha chamada globalização e uma neta apelidada de corrupção, ou hedonismo, ou desaparecimento de valores antigamente chamados altruístas. Hoje, é conhecida apenas pela designação de “ausência total de todo valor que inspire e engrandeça o homem”. O resto é literatura. Literatura que pode ser definida também como cultura literária, escondida sob os arcanos desta Academia, construída com invencível amor, pedra sobre pedra, pedidos de humildade e fortaleza de sertanejo, de seu grande presidente, escritor Manuel Rodrigues de Melo, por quem e para quem, com saudade e reverência multiplicadoras, enviamos nosso mais puro pensamento de gratidão.

Esta noite sutilizou-se, rarefez-se, com a presença de tantas gerações, visíveis e invisíveis. Mas que tem, principalmente, a presença daquele que você chamava de “seu Rafael”. Chame-o agora. E peça que ele lhe vista a toga azul dos imortais. Ele, o menos imortal, e o mais generoso dos homens, sob o olhar diáfano de Elizabeth, do amor de Kátia, Carla e Bruna, da amizade dos seus irmãos, da ternura de suas tias Ivy e Maria Luzia, e do mundo de primos e amigos que você tem neste mundo.

E, ao final de tudo, senhor Presidente Diógenes da Cunha Lima: se real e belamente é como dissestes — que só o que passa, permanece —, pelo menos permaneça a alegria desta minha crônica familiar, menos discurso possível, e mais afetividade transbordante. E que o resto passe, passe mesmo.”

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



SEMPRE ENCONTRANDO

Sônia Faustino

Hoje cedo resolvi assuntar o mar antes de escrever sobre um poeta que de vez em quando cruzou as diversas esquinas do meu viver.

Mossoró, década de 30

Seu irmão, também poeta, dedica a uma jovem estudante um poema de amor cujo mote era o seguinte:

Na rua Dionísio Filgueira

mora a deusa da beleza...

À época, nas saídas do internato do Colégio das Freiras Franciscanas, a moça Lindalva ficava em casa de João Almino e Natália, seus primos e correspondentes, situada naquela rua.

Década de 50

Em Natal, na rua José de Alencar, meus avós maternos foram vizinhos do poeta que naquele tempo morava com sua família. Um jovem gorduchinho paquerava com minha tia, também adolescente...

Anos 70

Em nossa casa de praia em Ponta Negra, muitos encontros acontecem entre os jovens João Faustino, Secretário de Educação, e Sanderson Negreiros, presidente da Fundação José Augusto. Em um certo dia de sábado, o poeta perdeu a hora de voltar para casa e ao se aproximar do seu carro nos chamou para ver o que continha na mala do veículo: dezenas de livros desarrumados e num canto um balaio de cipó repleto de frutas e verduras. Ele havia saído muito cedo para a feira do Alecrim mas esquecera de deixar as compras em casa...



Anos depois, novo encontro no Tribunal de Contas, onde trabalhávamos: Sanderson, auditor, e Lindalva, conselheira, tornaram-se grandes amigos.

Interlúdio

1986: “Um ano que não terminou”.

– Lindalva, leve Sônia para conhecer um grande amigo meu, espiritualista, que mora na Rua Apodi, próximo ao Colégio Marista – assim falou o poeta.

Naquele ano, o genro da mãe zelosa era candidato a um cargo majoritário e aqui transcrevo um diálogo que confirma a preocupação do nosso querido amigo:

– Dona Lindalva, sua filha pensa que eu sou um Gary Grant.

A filha então interfere:

– Não, João, você é muito mais bonito do que ele. Para mim, você se parece com William Holden...

Alívio, o ano terminou!

A paz voltou a reinar no universo familiar.

Anos 90

Encontro semanal no Conselho de Cultura. Lembro-me de algumas conversas fortuitas com o poeta na hora do cafezinho:

– Hoje você está parecida com uma espanhola!

(Era o meu xale catalão).

– Eu e Ângela queremos que você e João visitem a nossa casa no Bonfim...

– Gostei do seu livro “Rosa la France”!

Ao que respondi:

– Obrigada, Sanderson! Sou uma mera “escrevinhadora”...



Ele retrucou:

– Nunca mais se diga “escrevinhadora”, você é uma escritora!

Em 2004, cheguei à Academia com o seu apoio. No meu discurso de posse, ao saudar os meus colegas, fiz um destaque especial a Sanderson, que está inserido no meu livro “Iluminuras” (2006).

Relembrações:

Em um final de tarde, sobrevoando os Alpes, lia alguns poemas do seu “Fábula, Fábula” para o meu neto mais velho; entre um poema e outro apreciávamos um espetáculo de cores fugazes luminescentes sobre o gelo... Um cenário que só o Artista Maior do universo poderia nos oferecer!

Enfim, Poeta Sanderson Negreiros, diante desse mar azulescente continuo a fazer aquela velha e conhecida indagação de alguns poetas: “Estarão todos dormindo?...”

Puro enigma!

Mistério é mistério!

Praia de Cotovelo, verão de 2018.

SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO é professora e escritora. Autora de *A Magia da Pipa*, *Ressonância* e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.



SANDERSON NEGREIROS

João Batista Machado

Conheci José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros na redação da Tribuna do Norte, começo dos anos 60. Já era cronista reverenciado responsável pela Coluna Quadrantes, uma das mais lidas do jornal. Foi adolescente precoce. Publicou seu primeiro livro Ritmo da Busca aos 15 anos. Ingressou no jornalismo escrevendo crônicas, tornando-se um dos melhores da imprensa norte-riograndense no gênero, à semelhança dos consagrados Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, José Carlos Oliveira entre outros.

Posteriormente, ao transferir-se da Tribuna do Norte para o Diário de Natal assumiu outras funções no jornal associado – editorialista, redator, copidesque e chefe de reportagem - pautando repórteres sobre variados assuntos do cotidiano e descobrindo os que tinham mais talento para escrever sobre determinados temas. No meu caso específico, convenceu-me escrever sobre política.

No começo houve certa reação de minha parte. Mas depois me convenci diante dos seus convincentes argumentos. Ele tinha razão. Realmente o jornalismo político me proporcionou ao longo do tempo um legado de informações indispensáveis a publicação de onze livros dedicados a essa vertente fascinante e fértil no Rio Grande do Norte.

O Diário de Natal implantou no Estado moderno sistema Offset, sonho do então diretor Luiz Maria Alves em 1970. Foi um dos pioneiros no país, apesar da resistência dos companheiros do Condomínio dos Diários Associados deixado por Assis Chateaubriand como herança aos seus fieis seguidores. A partir daí, a imprensa local se dividiu em duas etapas distintas: antes e depois do Offset.

O jornal ingressava na modernidade aumentando sua tiragem alcançando novos mercados. Sanderson Negreiros participou ativamente das suas mudanças inovadoras. Deixou de ser um ves-



pertino lido apenas pelos natalenses para se transformar em porta-voz dos interesses maiores do Estado circulando, simultaneamente, em mais de 150 municípios.

Na época, o editorial escrito por Sanderson na primeira página da edição histórica, marcou nova fase do jornalismo provinciano. O diretor Luiz Maria Alves fez questão de mostrá-lo ao superintendente-geral dos Diários Associados, Paulo Cabral, convidado especial para assistir o evento que marcaria para sempre a história da imprensa no Rio Grande do Norte.

Após a leitura do texto, comentou entusiasmado com Alves: "Este editorial está tão perfeito, que poderia ser publicado no New York Times." Logo em seguida, fez questão de conhecer Sanderson para cumprimentá-lo pessoalmente. O elogio do chefe associado não alterou em nada sua maneira de ser. Era um homem simples despedido de qualquer tipo de vaidade

O sucesso nunca lhe subiu à cabeça. Mas, depois de certo tempo resolveu arriscar o desafio profissional no Rio de Janeiro. Foi redator e repórter especial da Manchete, revista semanal do grupo Block que competia com O Cruzeiro editada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Lá, outro potiguar, Murilo Melo Filho obteve sucesso escrevendo a coluna política Posto de Escuta.

Seus amigos foram até o Porto assistir sua partida para o Rio num navio cargueiro. Sanderson encantou-se com a Cidade Maravilhosa. Logo se transformou num exímio dançarino de tango na Lapa, em companhia do amigo Hélio Vasconcelos que há anos morava lá. Passou a ser seu cicerone. Deixara Natal após ser perseguido e preso durante o recém-implantado regime militar.

Foi o redator responsável pela cobertura da visita ao Brasil da ex-imperatriz do Irã, Soraya, que veio em busca da cura da infertilidade, se banhando nas águas termais de Araxá, Minas Gerais. Ela havia perdido o trono porque não pôde dar um herdeiro ao imperador que se casou, pela segunda vez, com Farah Diba que lhe deu vários filhos.



Hélio narrava com entusiasmo as proezas do poeta dançarino em terras cariocas onde fora em busca de realização profissional. Os amigos sentiam sua falta, mas acreditavam no sucesso onde fosse fixar residência. Talento e competência não lhe faltavam. No seu retorno à Natal ganharam todos: admiradores e amigos.

Um encontro casual com o presidente do TCE, conselheiro Romildo Fernandes Gurgel, que estava hospedado num hotel da cidade, mudou seu destino. Foi convidado pelo parente a retornar a Natal. Difícil seria resistir ao convite insistente do gordo Romildo, um sedutor convincente.

Sanderson voltou e pouco tempo depois seria nomeado auditor do Tribunal de Contas do Estado no governo Tarcísio Maia (1975/1979). Anteriormente, havia sido presidente da Fundação José Augusto, no governo Cortez Pereira. Criou o Museu Café Filho e o Circo da Cultura, entre outras realizações culturais.

Privei de sua amizade durante décadas, sem nenhuma interrupção. Tanto na imprensa – Tribuna do Norte e Diário de Natal - como em cargos públicos. Fomos secretário de Estado no governo Tarcísio Maia, em gabinetes próximos do antigo Palácio Potengi, Praça Sete de Setembro. Jamais perdemos os contatos quase diários pelo telefone. Às vezes, se surpreendia com a pergunta:

- Poeta, alguma novidade?

- Machado, eu tenho horror a novidade, respondia enfático. Logo em seguida, a conversa fluía normalmente.

JOÃO BATISTA MACHADO é jornalista, escritor e historiador. Membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



SANDERSON E AS CONFRARIAS

Carlos Roberto de Miranda Gomes



O artigo que elaborei, por sugestão do Diretor da Revista Manoel Onofre Júnior, deve ter alguma relação com o saudoso confrade SANDERSON NEGREIROS. Tal iniciativa me faz lembrar a mesma intenção do grande escritor potiguar Jorge Fernandes de Oliveira, que adotava o mesmo critério nas suas publicações na revista *Pax*, veículo mensal do Grêmio Literário Augusto Severo, no longínquo ano de 1908, como melhor forma de manter viva a lembrança dos nossos intelectuais.

Agora, com a partida do saudoso Sanderson para outra dimensão da existência, procurei algum fato comum do nosso relacionamento, até porque fomos colegas auditores do Tribunal de Contas do Estado nos anos 1970. Em verdade não localizei nada, possivelmente pela circunstância de ser o estimado colega uma criatura introvertida, mas com um laurel de sucesso literário, mercê da precocidade no mundo da cultura, que de certa forma contrastava com a minha inibição.



Contudo, lembrei-me das suas passagens pela Confraria da Livraria Universitária, onde trocava alguma prosa com os circundantes da Academia da Mesa. Então pensei em fazer uma breve incursão em trabalho que estou elaborando pertinente às confrarias daqui e de alhures.

Na pesquisa realizada, localizei um bom número de fotografias de alguns encontros que participei e, por tal razão pensei em aproveitar esse pequeno acervo para falar sobre elas. No entanto, a cada descoberta, fui me aprofundando em novas procuras e terminei encontrando coisas efetivamente importantes para a nossa convivência fraterna, como assim considero tais reuniões informais e de plena liberdade.

Em verdade, deve ser entendida como “Confraria” no sentido do bem, a procura do crescimento humano ou da sociedade, como dizia Carlos Drummond de Andrade:

Pessoas que se reúnem não para corromper, roubar, mentir, mas para cultivar a paixão da literatura, o gosto de ler, a alegria de partilhar ideias, semear conhecimento e dividir saber. Mais do que clube de leitura, com hierarquia e regulamento, é mesmo uma confraria, em que colegas e amigos se irmanam por sentimentos afins e interesses comuns. Em vez de programas e atas, prevalecem a liberdade, a relação informal, o convívio ameno.

Suas reuniões aconteciam em qualquer *canto mágico da cidade, num beco que ganhou status de galeria, numa Livraria ou num café – até mesmo em um bar*, desde que ocorressem com alguma continuidade. Enfim, correspondem às associações de pessoas com interesses comuns mais variados, que se tratam ou cumprimentam, variavelmente, como amigos, confrades/ confradeiras, correligionários/ correligionárias, também como companheiros/companheiras, ou ainda, como irmãos/irmãs, tamanho o grau de afinidades entre elas.

As mais antigas tiveram fundamento canônico, de origem Greco-Romana, difundidas depois em Portugal.

No Brasil, elas coincidem com o tempo em que os intelectuais brasileiros davam os seus primeiros passos na direção da consolidação da sua independência e, posteriormente, da República, buscando uma autonomia criativa, agregando escritores, poetas, artistas, re-



ligiosos, militares e cientistas, em tertúlias políticas e literárias, onde tudo era discutido e se encontrava caminho para as soluções dos problemas do universo.

No Rio de Janeiro, então capital da República, o Café Java era um dos pontos prediletos dos estudantes da Politécnica, entre os quais Lima Barreto (Affonso Henriques), jovem de linguagem cáustica, que fazia parte de um grupo um tanto rebelde e nesse ambiente criou alguns figurantes de seus romances, que definia, nos cafés: *indispensáveis à revelação dos obscuros, à troca de ideias, ao entrelaçamento das inteligências, enfim, formadores de uma sociedade para os que não têm uma à sua altura, já pela origem, já pelas condições de fortunas, ou para os que não se sentem bem em nenhuma*.¹

Relata-se que este grupo opunha-se ao de Olavo Bilac, Elísio de Carvalho, Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque – “nefelibatas” (nuvem em que se pode andar). Igualmente, confrontava-se com o grupo liderado por Machado de Assis, que frequentava a Garnier² e era um dos mais respeitados de então.

Em nossa Capital não foi diferente, houve afluência de uma plêiade de intelectuais para encontros periódicos, cujos relatos, fui colhendo, pacientemente, nos livros e nos depoimentos de estudiosos como Edgard Dantas, Jurandyr Navarro e Vicente Serejo, além das informações sempre precisas do “Bispo de Taipu” (Inácio Magalhães de Sena), registrando, em particular, a grande exposição do estimado Tarcísio Gurgel em sua obra *Belle Époque na esquina* onde,

1 **SCHWARCZ**, Lilia Moritz. *LIMA BARRETO – Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

2 **A B. L. Garnier**, anteriormente denominada **Garnier Irmãos**, tornando-se, porém, mais conhecida como **Livraria Garnier**, também editora localizada no Rio de Janeiro, e que esteve em atividade entre os anos de 1844 e 1934. Seu presidente era Baptiste Louis Garnier. Notabilizou-se por publicar livros de escritores que se tornaram famosos, como Machado de Assis. Os historiadores afirmam que ali era o ninho de águias, onde botaram o ovo de que surgiria a Academia Brasileira de Letras. Era ambiente refinado, onde seus frequentadores eram cidadãos empertigados de fraque e cartola, afastando aque'loutros que contestavam essa pompa, como é o caso do grande escritor Lima Barreto.



de pronto, faz homenagens a Cascudo, o Príncipe do Tirol e a muitas outras personalidades que construíram a história da cultura em tempos diversos e comandaram tertúlias inesquecíveis, a exemplo de: *Pedro Velho, Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Manoel Dantas, Juvenal Lamartine, Tavares de Lyra, Aderbal França, Erasmo Xavier, Cristovão Dantas, Jorge Fernandes, José Mariano Pinto, Juvenal Antunes, Augusto Severo, Edgard Dantas, Adauto da Câmara, Jaime dos G. Wanderley, Polycarpo Feitosa, Murilo Aranha, Segundo Wanderley, Antonio Marinho, Pierre, Virgílio Pinheiro, Eduardo Medeiros, Othoniel Menezes, Januário Cicco, Lauro Pinto, Elias Souto, Abner de Brito, Francisco Cascudo, Herculano Ramos, Octavio Pinto, João de Amorim Guimarães, Celina e Eliseu Viana, Palmira Wanderley, Júlia Barbosa, Tonheca Dantas, Dioclécio Duarte, Nestor Lima, Antonio Soares, Ezequiel Wanderley, Virgílio Trindade, Joaquim Moura, Edgar Barbosa, Omar O’Grady, José Augusto, Antonio Bento, Fortunato Aranha. Elegantes e talentosos, eles atuaram no espetáculo da Belle Époque potiguar, deixando sucessores como Alvamar Furtado de Mendonça, Américo de Oliveira Costa, Augusto Severo Neto e Sanderson Negreiros – igualmente admiráveis.*

Sem delongas, guardando a devida cronologia, podemos enumerar os *Cantões, o Café Potiguarânia* (Magestic³), o Café Grande Ponto, *a República Filopança, o Clube dos Inocentes* (criado nos idos de 1952, que se reunia em casa de cada um ou num ou noutro bar, liderada pelo Mestre Cascudo, Professor José Saturnino e o escritor José Melquíades), o Café São Luiz, fundado em 1937 pelo industrial Luiz Veiga e fechado em 2017, palco de encontros de toda ordem, uma verdadeira Ágora da intelectualidade e dos políticos. Fizeram

3 O Café Magestic, localizado na Cidade Alta, dividia as preferências com o Salão Rio Branco, este mais como casa de bilhar. No dizer da escritora Maiara Juliana Gonçalves da Silva (ARRAES). O Magestic, em frente ao Royal Cinema, talvez represente o mais significativo espaço da sociabilidade de Natal. Em citação de João Amorim Guimarães, a articulista transcreve: “O Magestic regurgitava de gente, num movimento ensurdecido a DIOCÉSIA (a ‘RODA LITERÁRIA’) esgueirava-se pela escada acima e ia alojar-se no sótão e lá ficava, na alegria das palestras literárias ou contando histórias humorísticas”.



história, ainda, o Natal Clube⁴, que completava o fervilhar cultural da cidade, o Café Cova da Onça, que em sua gênese, segundo depoimento de Lauro Pinto no programa Memória Viva, em 27/03/1980 (TVU) – *era um Café político dominado pelos governistas (perrepistas)*, onde se reunia a nata da politicagem.

Mais contemporaneamente surgem os confrades da Livraria Universitária, mantendo o espírito associativo dos homens de vanguarda. Era o mesmo propósito, com atores diferentes, que receberam o beneplácito do inesquecível livreiro Walter Pereira⁵, titular da tradicional livraria, período a que darei especial tratamento, coincidente com a minha iniciação nesse tipo de sodalício de amigos.

Os confrades eram divididos em dois grupos, apenas em razão da faixa etária ou da experiência no mundo literário/profissional, dado que cuidavam de assuntos mais consentâneos com a idade e mantinham a discricção natural do calor menos intenso que os jovens do outro grupo. Era o que se convencionava chamar de “Alto Clero”.

Assim, os mais vetustos eram representados pelas figuras notáveis do próprio livreiro e mais Gorgônio Regalado de Medeiros, Diógenes da Cunha Lima e João Medeiros Filho, egressos da “Confraria do Clube dos Inocentes” e mais o Coronel Leão, Mário Moacyr Porto, Arlindo Pereira, Américo de Oliveira Costa, Alvamar Furtado, Humberto Nesi, Franco Jasiello, Raul Fernandes, Clovis Gentile, Jornalista Leonardo Bezerra, Prof. Veríssimo de Melo, Augusto Severo Neto, Newton Navarro entre outros que apareciam esporadicamente, como Zila Mamede, Celso da Silveira, Luiz Carlos Guimarães, Varela Barca, Luiz Romano de Madeira Melo, Tarcísio

4 Natal Club, associação para jogos, artes, cultura e também de festas e danças. Ficava no coração da cidade alta em lugar privilegiado no centro da cidade (local que hoje corresponde à Praça Kennedy) e que já foi apelidada de Praça das Cocadas.

5 Seu Walter é uma doçura de pessoa (1926-1982), tradicional livreiro, que herdou a profissão do seu pai Ismael Pereira, que em 1959 criou a Livraria Universitária, na Av. Rio Branco, 590 – Cidade Alta., proclamada ponto de reunião de várias gerações de intelectuais potiguares, desde Luís da Câmara Cascudo, Nilo Pereira e Edgar Barbosa até outros de gerações posteriores, como mencionados neste texto.



Gurgel, Nei Leandro de Castro, Moacyr Cirne, Sanderson Negreiros e Berilo Wanderley.

As reuniões ocorriam no anexo da livraria, que ficava aos fundos do prédio da Av. Rio Branco, atravessando o Beco da Lama (local do estoque) e com quase nenhum movimento, senão dos funcionários. Era o divisor entre águas mansas e turbulentas, alimentadas pela experiência de lá e o atrevimento da juventude de cá – nada, porém, que não permitisse o encontro das duas torrentes).

Fiz parte do “Baixo Clero”, que se reunia no 1º andar da livraria, com a companhia dos sempre queridos Doutores médicos Djacir Dantas Pereira de Macêdo, Chiquinho (Francisco Lima), João Batista Costa de Medeiros, Edson Gutemberg, Professor Stênio, Bob Furtado (Roberto Furtado de Mendonça) e Gilvan Carvalho; aos quais se agregavam Nelson Patriota, Francisco da Chagas Pereira (Juiz do Trabalho), Inácio Magalhães de Sena (o mais assíduo de todos), Homero Costa, Manoel Onofre Júnior, outro habituê fiel, Nássaro Nasser e Betinha, Nilo Lourival Ferreira, Eduardo Marinho Pereira, Volonté, Eduardo Gosson e outros, onde era servido aos presentes, além de cafezinho, chá mate gelado, batizado pelo “Bispo de Taipu” de “Espumas Flutuantes”, estes assistidos por Gilson Pereira e Marconi Macedo – o primeiro patrão, e o segundo empregado, sem conflito de luta de classes. Não eram poucas as incursões dos Cardeais nas conversas dos confrades mais simplórios – um deles era Sanderson.

No caminhar do tempo, o Alto Clero se desfez pelas sucessivas viagens finais dos seus componentes, ficando o Baixo Clero que insistia na frequência dos encontros, pelo menos até dezembro de 1992, quando fomos surpreendidos com uma atitude estranha – quando os novos gestores assumiram, sentimos uma transformação. Um dia, ao chegarmos para as nossas tertúlias semanais, sentimos que as estantes com os livros de maior interesse dos integrantes da Confraria haviam descido para o térreo, já não mais nos ofereciam o cafezinho ou o chá. Constatamos que era um convite de despejo e fomos procurar outra pousada.



Lamentamos as partidas de muitos confrades daquela Academia sem régua ou compasso, dentre os quais registro os da minha convivência mais recente, como Mário Moacy Porto, o Embaixador Fernando Abbott de Miranda Galvão, Bosco Lopes, Tarcísio Motta, Moacy Cirne, Acadêmico Pedro Vicente, Alma de Vaqueiro (Francisco de Paula Medeiros), Dr. José Pinto e Palocha (Paulo Francinetti da Rocha) e o último passageiro para a eternidade Sanderson Negreiros. Sodalício inicialmente sob a batuta do saudoso Walter Duarte Pereira e, na continuidade, mudando de endereços, a saber: Livrarias Potylivros (da Rua Felipe Camarão), Câmara Cascudo (Av. Rio Branco). Não perdemos, porém, o contato com remanescentes frequentadores e, gradualmente, fomos nos reagrupando em vários chãos - no Sebo Universo Literário, da Rua Ulisses Caldas, onde ficamos por pouco tempo, uma vez que não houve convivência satisfatória por conta das nossas irreverências e a turma se espalhou por outros locais de encontros com pessoas diferentes. Desde 2016 estamos no Café Avenida defronte ao antigo Colégio da Conceição, hoje Unifacex.

Dos membros da congregação, continuam fiéis os diletos amigos o “Bispo” Inácio Magalhães de Sena, Manoel Onofre Júnior, Bob Furtado, Gilvan Carvalho, Edson Gutemberg, Nássaro Nasser, José Maria de Figueredo, Manoelzinho (Manoel de Souza, juiz aposentado), Racine Santos, o nissei Satoru Hannaka, e Carlos Gomes (eu). Esporadicamente Volonté. Perdemos o contato com Soares dos Anjos (José Soares) e seu irmão Jeová, Betinha, Elvira, Homero Costa, o Rabino Manoel Moura, Antonio Capistrano, Tarcísio Gurgel, Nei Leandro de Castro, Wandyr Villar e Andrade – hoje funcionário da Saraiva.

Ficamos algum tempo como órfãos, sem pouso certo, amenizado sempre pelo companheirismo de Abimael Silva, no Sebo Vermelho, que nunca nos faltou e além de comparecer esporadicamente às nossas reuniões, sobretudo nas festivas levadas a efeito nos finais de ano, nos abriu as portas para as reuniões, que não lograram assiduidade por falta de espaço.



Um registro meritório para Abimael, reeditando obras da maior importância para o conhecimento do cenário cultural do nosso Estado, em várias fases, além da projeção de vetustos e novos escritores para o mercado literário, sendo considerado o maior editor do Rio Grande do Norte de todos os tempos.

É difícil avaliar, com precisão, o bem que fazem essas reuniões. O clima é de permanente coleguismo. A igualdade impera – todos têm o direito de falar e de errar também. As fofocas são formidáveis.

Sinceramente, as nossas reuniões sempre acalmam, instruem e informam, bem diferente de outras confrarias mais elitizadas, em particular as Academias de Letras que, lamentavelmente, perdem o encantamento por não albergarem os mesmos sentimentos de solidariedade e harmonia. Sanderson revive em nossos encontros.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, professor e escritor, autor de *O Menino do Poema de Concreto* e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



A GRATUIDADE POÉTICA DE “DÁDIVA”, DE DIVA CUNHA

Nelson Patriota

No ensaio “2. Poesia e preguiça”, do seu livro “A poesia e a crítica” (Companhia das Letras, 2017), o poeta e crítico Antonio Cicero alude à “necessária preguiça” presente na criação poética. Cicero vai buscar esse conceito no poeta T. S. Eliot, o qual, em seu ensaio “Tradition and the individual talent” (1951) destaca que a preguiça, juntamente com a receptividade não é, para o poeta, “propriedade menos importante do que a erudição”. A preguiça, aqui, seria tão somente o outro nome para o tempo que o poeta devota à maturação do poema; expressão da falsa preguiça que finda por ser uma exaustiva labuta interior.

Cicero chega mesmo a citar uma controversa citação de Lawrence Durrell, também atribuída a Eliot, defendendo que “um poeta deve ser deliberadamente preguiçoso. Deve escrever o mínimo”.

Talvez a segunda suposta afirmação de Eliot seja, digamos, excessiva. Mas que poeta hesitaria em dar ao seu poema em progresso o tempo que ele demandar? É verdade que o mesmo raciocínio se aplica à produção literária em geral, mas a poesia parece se mostrar mais rigorosa do que a prosa, nesse sentido. Tanto é verdade que os livros de poesia costumam ser mais exíguos do que os de prosa, e separados por largos espaços de tempo ao longo da vida de um poeta. Mas não nos enganemos, pois alguns poemas costumam ser tão densos que levam mais tempo para serem lidos do que o tempo que porventura o poeta dispendeu para escrevê-los. E, a cada releitura pode mesmo parecer outro poema. Poderia render, portanto, inúmeras páginas em prosa...

O novo livro de poemas de Diva Cunha, sintomaticamente intitulado “Dádiva” (da Diva? da diva?), aparece oito anos depois da



publicação de “Resina” pela autora, o qual, por sua vez, se distinguiu das obras singulares da poeta por reunir uma parte expressiva da sua produção poética anterior. É significativo que ela nomeie seu novo rebento de “Dádiva”, nome indescritivelmente adequado para descrever a alquimia da escrita poética em sua espontaneidade graciosa: até então, inexistente; agora, tornada indispensável.

Esse conceito de algo que, até a pouco, era desconhecido e, portanto, desnecessário, mas que se torna necessário tão logo se apresenta, é a própria alma da poesia. Diva o captura no poema não titulado, à página 31:

Encosto meu corpo no corpo do poema
arranho-me em sua barba:
o poema é macho?

Nunca se sabe com poemas:
Alto ou baixo
branco ou preto
gordo ou magro

Ele toma as rédeas e parte a galope
para um possível encontro:
sol na boca

De fato, quando o poema toma as rédeas e parte a galope acontece a dádiva da poesia, madura e pronta para o consumo inexaurível. A poeta chega mesmo a prescrever sua receita infalível para a composição do verso, à maneira da “Poética” de Manuel Bandeira, ou da “Oração pelo poema” de Alberto da Cunha Melo:



Pese as palavras
confira a gramatura
não se arrisque
um passo em falso
a ofegante respiração
é deslize fatal
a última lição

A temática do poema transparece em “Dádiva” (dá Diva) desde a epígrafe, onde a autora faz sua profissão de fé: “Nasci num verso / nele deslizo sem cerimônia / gente de casa, enturmada // Nasci num verso / que me fez poema / mesmo calada”. O poema e sua matéria – as palavras – repercutem, numa síntese essencial, no poema sem título, à página 28:

A fome cresce com o dia
nunca satisfeito desejo
de colar-me inteira
ao corpo das palavras
extraíndo delas
o sumo que preciso
pra sobreviver

Sob variados aspectos, “Dádiva” é um livro denso, o que requer, por suposto, uma leitura pausada, a fim de que o essencial de cada poema não escape à fruição do leitor. Acresce a isso a temática deísta, já presente em “Resina”, e que ressurge, densa, em “Dádiva”, como se Deus estivesse sempre à espreita do tempo adequado ao diálogo com a poeta, ainda quando se fecha em crescente silêncio.



Leia-se: “Os silêncios de Deus / crescem dentro de mim / ocupam todos os vãos / respondem todas as perguntas [...]”; ou, à página 39, este “O dedo de Deus / toca no abdome / funda o homem // a mulher / tirada da costela / já nasce pronta / Deus sabia o ofício / caprichou por vício”. Ecos de Deus tremulam em outros poemas de “Dádiva”, mas o leitor não deve tecer ilusões redentoras, consciente de que esse é o preço por viver em tempos de cultura literária (laicos, portanto), como defende Richard Rorty, o filósofo da poética da filosofia. Daí a autora a fazer a escritura de um poema de tinturas metafísicas, é um sopro:

Aguardo a minha morte
sentada dentro de mim
não tenho medo
não temos medo
não é o fim

Citações literárias (*Claro enigma no poema, mais vasto é o meu coração*; “Bandeiriana”), biográfico-emotivas (“Djair”), geográficas (“Natal”, “Barcelona”, “Espelho de Velásquez”) anima toda a primeira parte de “Dádiva”, intitulada, apropriadamente, “Multiversos”. “Ronda Matutina”, parte seguinte do livro, abre com um apelo a título de epígrafe: “Me passa a limpo / me deixa clara / no escuro em que vivo // Retoca meu borrão / me dá a mão!”.

No poema que se segue, em tom de ode pessoana, mas agora sem metafísica (?) (que se acautele o leitor!), a poeta escancara as portas do seu dia, saída de um sonho do qual acorda “grávida, peitos duros de leite”, desencadeando uma série caótica de imagens que passam a galope por suas portas múltiplas. A rigor, trata-se do dia de uma poeta, e logo se percebe que o motivo por trás do dia, suas tralhas, suas fugas, sua libido intermitente, suas canções incidentais, tudo realça, volta e meia, a paixão pelo poema: “Quero mesmo é me empapar de versos / ver o dia nascer em outra lente / mais potente



[...]”. antes, deixa entornar um verso verlainiano: “Chove fora ou dentro de mim”; aludiu a uma poetisa russa “feita de neve e dor”; fez o elogio do poeta popular “que rima sem pudor / verbo com verbo / no finito da graça”; deixa escapar uma confissão: “Esse é o meu exercício matinal / casar Palmyra com um poeta nacional”, e à guisa de utopia, proclama: “Vou botar a boca no trombone / vou fazer desse mundo um novo mundo / onde valha a pena semear poemas”.

Ao aproximar-se do seu término, porém, de súbito uma forte dissonância se impõe à harmonia poética da ode, forçando a poeta a desculpar-se ao poeta Ferreira Gullar por ter de contrariar justo o espírito de um dos seus poemas mais populares e incensados, aquele cujo título é já por si uma teoria política em embrião. Trata-se de “Meu povo, meu poema”, com versos memoráveis como este: “No povo meu poema está maduro / como o sol / na garganta do futuro”.

Nada disso impede que a poetisa não se sinta contrariada com os sucessos de uma manhã que seguia plácida como uma ode de Ricardo Reis. Diz ela – é um desabafo: “Gullar, reconheço contrita, contrafeita / no meu poema o povo não está maduro / está azedo, murcho ou de vez / lançando sempre os mesmos dados: / quem sabe um dia / pode ser / talvez?”. // Assumo a parte que me cabe / meu dever de ofício / perpetrar poemas / que acolham outros poemas / por amor / por vício. // Que é feito da minha bela / tecelã incansável que me entretece / se sou apenas vagas no mar? [...]”. O poema se encerra com duas indagações capitais. A segunda, retórica. A primeira, porém, vem sendo respondida à medida que a poeta assenta cada novo tijolo na assimetria de sua obra.

Com isso, chega-se a “Legado”, derradeira seção de “Dádiva” e termo mais intimista do vagar da nova poesia de Diva Cunha. Entre evocações à rua da infância: “Rua do Fogo porque me afogueaste/ numa perna de pinto me queimaste [...]”, onde alude ao outro nome que a rua tomou até hoje: padre Pinto, Diva Cunha revisita lembranças de pessoas, acontecimentos, coisas que ficaram para trás na sua infância; o ambiente doméstico, os pais, os irmãos, parentes, amigos. Por vezes, sente-lhes o peso e recupera impasses que marca-



ram aqueles “infantes dias” .:

Carrego nos ombros
pai e mãe quatro avós
oito bisavós
dezesseis trisavós
a humanidade inteira
[...]

Em suma, em seu novo livro a poeta Diva Cunha conquista novos territórios para sua poesia enquanto reelabora outros tantos, num amálgama de ritmos poéticos onde uns e outros se fundem e resultam novos. O recado é simples: sua poesia não se contenta mais com nada que seja menos que o real, menos que a vida. Ainda que aí se confundam amor e vício.

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de *Uns Potiguares*, *Tribulações de um Homem Chamado Silêncio* e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



DEZ ROMANCES BRASILEIROS INDISPENSÁVEIS

Hildeberto Barbosa Filho

Instado por uma aluna para relacionar, se possível, os dez romances brasileiros indispensáveis a uma boa formação literária, me vi como Augusto Meyer, provocado por José Condé, à época do *Jornal de Letras*, para listar os dez maiores romances da literatura universal, de que resultou um curioso artigo do crítico gaúcho, inserido, mais tarde, em “A forma secreta”. Diria que me vi com algumas certezas e muitas dúvidas!

Como se sabe, o terreno do juízo estético, em que pese o valor de critérios objetivos, é movediço e traiçoeiro, embora não tanto como a terra mais frouxa e precária do gosto pessoal. Não obstante, nem sempre é possível distinguir e separar as fronteiras de geografia tão difusa e escorregadia. Portanto, a lista que aí vai, a título de mera sugestão didático-pedagógica, ou mesmo pelas surpreendentes exigências da função lúdica a que não devem ser indiferentes os sortilégios da sala de aula, possui um tanto da objetividade que deve orientar o juízo estético e um tanto de subjetividade que parece enformar os enigmas do gosto.

A cronologia, nesses casos, pode ajudar, embora se saiba que o deus Cronos não rege com segurança e rigor os vastos territórios da literatura, pois, se existe uma historicidade para as obras literárias, situando-as num determinado tempo, existe, por outro lado e paradoxalmente, uma historicidade que ultrapassa as marcas do tempo, fazendo-as durar e permanecer numa transtemporalidade que dilui datas, acontecimentos e personagens, numa resposta inquietante às questões de agora e de todas os períodos.

É esta característica que provoca a releitura de tantas obras. É por isto mesmo que certos romances, mesmo falando ao contexto histórico de origem e produção, presos aos liames da singularidade e da particularidade do tempo e do espaço, atingem a universalidade



intrínseca às autênticas e verdadeiras obras de arte. Passam a constituir o acervo das obras referenciais, dos modelos canônicos, enfim, dos clássicos da cultura de um país.

“Memórias de um sargento de milícias”, de Manuel Antônio de Almeida; “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis; “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo; “O Ateneu”, de Raul Pompéia; “Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto; “São Bernardo”, de Graciliano Ramos; “Fogo-morto”, de José Lins do Rego; “Grande sertão; veredas”, de Guimarães Rosa; “A paixão segundo G. H.”, de Clarice Lispector, e “A pedra do reino”, de Ariano Suassuna, constituem uma lista razoável, não somente pelo que revelam em suas tendências históricas e romanescas, porém, sobretudo, pelas virtualidades estéticas que possuem.

Fica de fora muita coisa, e coisa boa, é verdade. Enfim, toda lista é excludente e pode ser alterada, revista, problematizada. Poderia muito bem fazer outra, convocando títulos e autores, como “O tempo e o vento”, de Érico Veríssimo; “Gabriela, cravo e canela”, de Jorge Amado; “Os ratos”, de Dyonélio Machado; “Marcoré”, de Antonio Olavo Pereira; “O coronel e o lobisomem”, de José Cândido de Carvalho; “A crônica da casa assassinada”, de Lúcio Cardoso; “A menina morta”, de Cornélio Pena; “Viva o povo brasileiro”, de João Ubaldo Ribeiro; “O chapadão do bugre”, de Mário Palmério, e “Lavoura arcaica”, de Raduan Nassar etc. etc.

Mas minha aluna falou que tinha de ser dez, nem mais nem menos. Assim, não abduco da primeira. Se o leitor não concordar, que faça a sua!

HILDEBERTO BARBOSA FILHO é escritor, crítico literário, poeta e professor, membro da Academia Paraibana de Letras, autor de “O Galo da Torre”, “Nem Morrer é Remédio” e vários outros livros.



A POÉTICA FERVENTE DE LÍVIO OLIVEIRA (PARTE 1)

Cássio Augusto Nascimento Farias

Introdução

Em *Festa da salsicha* (2016), comédia de animação escrachada de Seth Rogen, Evan Goldberg e Jonah Hill, os personagens são alimentos antropomórficos que lutam para não serem devorados pelos humanos. Tendo como ambiente um grande supermercado, produtos de diversos países estão separados de acordo com seu tipo e origem. Entre as brincadeiras que o longa traz acerca dos conflitos culturais representados por meio dessas metonímias, a cena final é talvez a que chama mais atenção. Nos derradeiros minutos, há uma orgia psicodélica com todos os alimentos, incluindo os que são historicamente rivais. Para derrotar o inimigo maior, as comidas unem-se, esquecendo a hostilidade que as separam, e comemoram a vitória em uma mundana e caótica festa sexual.

É a partir dessa imagem que nos aproximamos do livro de poemas de Lívio Oliveira, *O teorema da feira* (2012). Diferentemente do supermercado, fechado e organizado ao extremo, a feira é por si só uma orgia festiva, o que só ocorre no final da animação. Um espetáculo de cores, sabores e odores, a feira comporta tanto alimentos e artes locais quanto produtos de fora, comumente estampados com os dizeres “*Made in China*” ou “*Made in USA*”. Muitas vezes realizadas a céu aberto, elas estão indefesas contra os efeitos do calor e da chuva. Por esses motivos, a feira é plural e imprevisível. E o leitor, somente no ato de folhear a obra de Oliveira, sentirá que a escolha do termo “feira” não é aleatória. Nele, denota-se uma das essências que regem o livro: a multiplicidade estética e temática. Ler *O teorema da feira* é, pois, uma festa, assim como a feira. É um passeio pelo mundo e pela arte.



Por esse caráter híbrido de Lívio Oliveira, a obra pode ilustrar os fenômenos da pós-modernidade e suas consequências na literatura. Um período de instabilidade de sentidos antes tidos como fixos, de trocas e conflitos culturais, de inquietação e pluralidade. Em face dessa realidade, quais os desafios e prazeres que o poeta enfrenta na sua produção artística? Como ele lida com a polissemia violenta da vida e da palavra? Não há uma só resposta. Nosso foco é analisar como os poemas metalinguísticos de *O teorema da feira* nos oferecem um dos caminhos que o artista pode tomar ao bater de frente com a era em que vivemos. Para tanto, selecionamos os poemas “Ensaio de língua (lalangue)”, “O bico do peito”, “Artesania” e “Do mar até a palavra”.

Porém, vale ressaltar que esses não são os únicos metalinguísticos do livro. Existem outros, como “Ao último poeta maldito”, “Silêncio do tempo”, “Eis o silêncio: (e) o que reina?” e “Pontessono”. Nosso recorte se dá pelo fato de que os primeiros poemas mencionados compartilham de temáticas semelhantes: os quatro pulsam o erotismo e o calor como elementos em comum. Nesse sentido, buscamos investigar como esses itens contribuem para compreender o fazer poético na pós-modernidade e, mais especificamente, como eles traduzem o processo de criação lírica de Lívio Oliveira. Para tanto, contextualizaremos nosso debate com as ponderações de Lipovetsky e Serroy (2011) sobre a pós-modernidade, estendendo as reflexões para o modo como a literatura e, mais especificamente, a poesia, apossa-se dos acontecimentos da atualidade com Ramalho (2004) e Bauman (1998). Estabeleceremos também um diálogo com os estudos de Bataille (1988) acerca do erotismo para interpretar o uso dessa metáfora nos textos. Ademais, faremos uso de conceitos pontuais distintos, relevantes para a análise com o auxílio de Santos (2012), Ferreira (1986) e Ribeiro (1996).

Teorema da poesia pós-moderna

Lívio Oliveira é um homem dividido entre o ofício de escrever e o de advogar. Nascido em Natal, Rio Grande do Norte, o autor

publicou, além de livros de poemas, uma reunião de ensaios intitulado *Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte* (2005). *O teorema da feira*, de 2012, é seu quinto livro de poemas, antecedido por *O Colecionador de Horas* (2002), *Telha Crua* (2004), *Penas Mínimas* (2007) e *Dança em Seda Nua* (2009), e sucedido por *Resma* (2014). Como já elucidamos, a obra aqui estudada denuncia a riqueza de fontes em que Lívio bebe para a sua produção lírica. O cinema, a música, as artes plásticas e a literatura universal e local são algumas das molas propulsoras para sua obra. Como, então, pegando emprestado o termo presente no título do livro, traçar um teorema da produção de Oliveira? Faz-se necessário nos armarmos, em primeiro lugar, do teorema da pós-modernidade.

A cultura-mundo (2011), de Lipovetsky e Serroy, pode nos oferecer uma interpretação do momento em que vivemos, denominado pelos autores de era hipermoderna. Segundo os ensaístas franceses, o que há hoje é uma mercantilização violenta da cultura de diferentes origens e de suas diversas formas de produção. Fenômeno esse que, chamado pelos autores de cultura-mundo ou hipercultura, tem trazido consequências claras, uma delas é que, sendo essa hipercultura uma “janela para o mundo, ela não cessa de remodelar nossos conhecimentos sobre ele” (2011, p. 10). Como Lipovetsky e Serroy explicam, “os indivíduos dispõem de mais imagens, mais referências, modelos, e podem assim encontrar elementos de identificação mais diversificados para construir sua existência” (2011, p. 15), logo o sentimento de incerteza também aumenta, na medida em que somos bombardeados pelo excesso de informações que a mídia e o mercado promovem, e, como efeito disso, nossos conceitos sobre a realidade passam a ser instáveis e imprevisíveis. Ademais, muitos críticos ainda acusam a hipermodernidade de uniformizar as opiniões e os pensamentos daqueles que a experimentam.

Diante dessa desorientação que tem surgido, duas alternativas são possíveis, segundo Lipovetsky e Serroy. Uma delas é o que já está acontecendo, que é a tentativa de retomar as fronteiras culturais: “longe de fazer declinar as questões culturais, o mundo tecno-



cantil contribui para relançá-las por meio da problemática das identidades coletivas, das ‘raízes’, do patrimônio, das línguas nacionais, do religioso e dos sentidos” (2011, p. 17). O receio da uniformização e da incerteza têm levado muitos grupos a se ilharem, negando-se a participar da hibridização que toma o planeta. Lipovetsky e Serroy, por sua vez, propõem uma segunda opção: a desforra da cultura, que não pretende acabar com a cultura-mundo, mas civilizá-la. O que se deseja nessa abordagem é, portanto, devolver “aos homens um poder sobre sua própria vida, que reduz justamente a força dos mercados globalizados” (2011, p. 28). O indivíduo deve fazer uso do que recebe de forma ativa, possibilitando que ele se abra para pensar um futuro em que o caos que hoje assola o mundo dê lugar a uma cultura democrática.

Perspectivas semelhantes podem ser trazidas para a literatura. Ramalho (2004), em seu artigo “*Hybris*: nosso inusitado tempo de poesia”, nos faz refletir sobre os efeitos dos fenômenos da atualidade na produção poética. A autora inicia seu debate apresentando o que vem sendo denominado de hibridismo: com a globalização, com o contato direto com outras culturas promovidas pelo mercado, a identidade fragmentou-se, impedindo-a de se estabelecer numa imagem estanque. A literatura, por sua vez, não deixa de se apropriar de tais fatos: “o hibridismo retorna como única forma possível de se justificar a microscópica fragmentação da própria vida, fragmentação esta iconicamente observada na estética multifacetada que traduz a poesia atual” (2004, p. 44). Assim como a humanidade hoje se vê em um labirinto de espelhos que a representam de inúmeras formas, a poesia busca registrar esteticamente a vida dentro desse labirinto.

Ramalho também destaca formas de identificar como a hibridização se faz presente no poema. A primeira, talvez a mais relevante para esta análise, refere-se à “metalinguagem como índice do hibridismo consciente na criação poemática” (2004, p. 50). Consoante a pesquisadora, é possível reconhecer nos poemas que se encaixam nessa categoria “um especial destaque à explicação do fazer poético como ponto de convergência de influências e referências diversas”



(*idem*), ou seja, o eu-lírico faz questão de destacar os/as autores/as e as obras que serviram de ponto de partida para sua produção. No entanto, vale destacar que “voando em meio ao mar de referências, [o lirismo pós-moderno] cria um trajeto único, um desenho próprio, no qual as referências se perdem ou passam despercebidas” (2004, p. 54). Assim como a desforra cultural proposta por Lipovetsky e Serroy, as informações alheias não são recebidas de forma a serem repetidas, mas sim com o intuito de alterá-las a ponto de deixar sua própria assinatura na criação artística. As outras maneiras de notar o hibridismo na poesia, mas que nem sempre apresentam a metalinguagem como característica, são a “intertextualidade estética e artística” (*idem*), que se define pela reunião de linguagens diferentes no poema (como a pintura); e a “contextualidade híbrida referenciada nos poemas” (2004, p. 57), em que o texto literário apresenta diferentes contextos (como o bíblico ou o histórico).

Outro adendo relevante que se pode fazer é a discussão sobre a arte pós-moderna de Bauman, em “O significado da arte e a arte do significado”, de 1998. O capítulo discute o fato de que a arte hoje não se contenta com um significado último e fechado, e, ao mesmo tempo, que se recusa a representar o real. A arte contemporânea, segundo o sociólogo polonês, não está preocupada com a “representação”, pois “ela já não admite que a verdade que precisa ser captada pela obra de arte se ache em ocultação ‘exterior’” (1998, p. 134). Dessa maneira, “a imagem artística reclama (e desfruta!), no agitado processo de elaboração do significado” (*idem*). Com efeito, livrando-se do compromisso de representar o real, a arte simula o que lhe é exterior, pois dá a ele novos significados. Ela própria é também produtora de saber.

Além disso, o mundo de hoje, “notório por ser simultaneamente afortunado e flagelado pela insuficiência e pelo excesso de significados” (1998, p. 135), tem feito com que se encarem todos os significados como “sugestões, permitindo convites ao estudo e demonstração, à interpretação e a reinterpretação” (*idem*). Nesse mundo, “os signos flutuam em busca de significados e os significados se



deixam levar em busca dos signos” (*idem*). Como resultado,

O significado da arte pós-moderna, pode-se dizer, é estimular o processo de elaboração do significado e defendê-lo contra o perigo de, algum dia, se desgastar até uma parada; alterar para a inerente polifonia do significado e para a complexidade de toda interpretação; agir como uma espécie de anticongelante intelectual e emocional, que previna a solidificação de qualquer invenção a meio caminho para um cânone gelado que detenha o fluxo de possibilidades (1998, p. 136).

Assim, conforme Bauman, o artista está condenado a viver, a experimentar sempre. Opondo-se ao artista moderno, que repelia o passado, o pós-moderno aceita a herança histórica, mas de forma crítica e inventiva. Ele não deve encarar o cânone como um modelo a ser repetido, mas a ser pervertido. O calor da vida, do fluxo imparável de uma cachoeira, toma conta dele, que recusa as certezas que o congelariam. A verdade, o significado estável e fixo, as poças estancadas e frias não são mais o que impulsiona o artista na pós-modernidade. Os sentidos da vida e, conseqüentemente, o da arte, estão em constante interpretação e reinterpretação, impedindo-a de se chegar a um saber único. O artista, portanto, ao tentar dar significado ao exterior, tem consciência de que esse significado não é um ponto final, mas uma página que pode ser e será virada.

A metáfora do erotismo pode traduzir com precisão a literatura pós-moderna. Como nos ensina Bataille (1988), o erotismo não se define pela finalidade reprodutora da atividade sexual, contudo “o sentido fundamental da reprodução continua a ser a chave do erotismo” (1988, p. 12). Segundo o escritor francês,

Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros e os seres reproduzidos são distintos entre si, como distintos são dos seres que lhes deram origem. Cada ser é distinto de todos os



outros. (...) Entre um ser e outros seres, há um abismo, há uma descontinuidade (*idem*).

No entanto, a reprodução promovida pela união dos corpos intervém na descontinuidade dos seres:

a reprodução sexual que, na base, faz intervir a divisão das células funcionais, tal como na reprodução assexuada, leva a uma nova espécie de passagem da descontinuidade à continuidade. O espermatozoide e o óvulo são, no estado elementar, seres descontínuos, mas que se unem e, em consequência, estabelece-se entre eles uma continuidade que leva à formação dum novo ser, a partir da morte, do desaparecimento dos seres separados. O novo ser é em si mesmo descontínuo, mas traz em si a passagem à continuidade, à fusão, mortal para cada um deles, de dois seres distintos (1988, p. 13).

Estabelecendo uma comparação com as teorias de Ramalho e Bauman, podemos interpretar a relação do poeta contemporâneo com qualquer fonte de inspiração como um encontro entre dois seres de características individuais, descontínuas. A união de ambos promove uma morte simbólica, pois se rompe o abismo que os separavam, gerando uma nova vida que possibilita dar continuidade ao ser descontínuo por meio do diálogo estabelecido. Nenhum dos dois é mais um elemento fechado e isolado, uma vez que estão interligados. O novo ser (ou, melhor dizendo, a obra) que nasce desse intercurso sexual é ao mesmo tempo contínuo e descontínuo, pois traz em si características singulares a partir da fusão daqueles que o geraram. Por conseguinte, a criação do poeta preserva, respeita e dá continuidade ao passado, mas também o perverte e o corrompe. Portanto, a produção de algo diferente, mesmo que vinculada ao que veio antes, é uma constante na literatura pós-moderna. A obra surge dessa convergência entre escritor e suas influências, de modo que ela é em si única porque carrega no seu cerne a junção de universos múltiplos e inigualáveis.



Em resumo, o poeta de hoje se vê em um mundo híbrido, onde diversas culturas e produções culturais estão ao alcance da mão e moldam nosso modo de pensar e significar a realidade, sem nunca chegar a uma definição imutável. Da mesma forma que o alimento que tem seu sabor realçado ao ser fervido, a literatura tem como papel receber todas as informações de modo ativo, corrompendo o seu estado inicial *in natura*. O cânone não deve ser repetido nem repellido, mas reaproveitado e reinterpretado à exaustão. A escrita pós-moderna é sim plural, pois nela percebemos inúmeras influências. O poeta, no entanto, também deixa a sua marca ao dar novos significados aos textos originais. Assim, o teorema da literatura contemporânea é que não existe uma verdade, mas verdades, e o poeta, ao cozinhar de modo sensual e singular seus temperos, contribui para criar uma que seja sua, mesmo ciente da vulnerabilidade e da liquidez dessa própria verdade.

CÁSSIO AUGUSTO NASCIMENTO FARIAS: Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail:cassio.augusto88@hotmail.com. Bolsista Capes.



BASHÔ, MESTRE DO HAICAI

Horácio Paiva

Seu nome de nascimento era Kinkasu. Bashô foi seu último (e definitivo) nome literário, já que no passado chegara a utilizar outros, como Sobo e, depois, Tosei.

Descendente de samurais (seu próprio pai fora um deles, a serviço da poderosa família Todo), não seguiu Bashô a tradição guerreira de seus familiares e antepassados. Antes - espírito especulativo, criativo, religioso e artístico - tornou-se poeta, um grande poeta, um dos melhores, e não apenas de sua pátria, o Japão, mas do mundo.

Nasceu Matsuo Bashô em 1644, em Ueno. Ainda criança, aos nove anos, foi entregue à família dos senhores de seu pai, servindo-a como pagem do filho herdeiro, Yoshitada, apenas um pouco mais velho do que ele. Vieram a ser grandes amigos. Ambos com vocação para a poesia. Num ambiente propício à boa educação, com mestres notáveis, logo cedo passaram a compor poemas. Morrendo precocemente o amigo, retirou-se Bashô para Edo (Tóquio), tornando-se discípulo, durante anos, do monge zen-budista Buccho, o que, afinal, veio a ser relevante na vida de Bashô e na definição de seus rumos estéticos.

A propósito do aprendizado do Zen, são palavras do mestre Seigen: *“Antes de estudar o Zen, as montanhas são montanhas e as águas são águas; após uma primeira noção sobre a verdade do Zen, as montanhas já não são apenas montanhas e as águas já não são apenas águas; mas, quando se atinge o conhecimento, as montanhas voltam a ser montanhas e as águas voltam a ser águas.”*

Octavio Paz, no brilhante opúsculo *“A Poesia de Matsuo Bashô”*, diz com precisão: *“A doutrina Zen - e isto a coloca em oposição às demais doutrinas budistas - afirma que as fórmulas, os livros canônicos,*



os ensinamentos dos grandes teólogos e ainda a palavra mesma de Buda são desnecessários. O Zen prega a iluminação súbita. Os demais budistas crêem que o Nirvana só pode ser alcançado depois de passar por muitas reencarnações; Guatama mesmo conseguiu a iluminação quando já era um homem maduro e depois de ter passado por milhares de existências prévias que a lenda budista recolheu com grande poesia (Jatakas). O Zen afirma que o estado satori é aqui e agora mesmo, um instante que é todos os instantes, momento de revelação em que o universo inteiro - e com ele a corrente da temporalidade que o sustém - desmorona. Este instante nega o tempo e nos põe em confronto com a verdade.”

É notória a influência do zen-budismo - e de seu conceito de súbita iluminação - na produção artística de Bashô. Na verdade, não podemos passar ao largo dessa informação, se quisermos melhor apreender o significado de sua obra.

Renomado mestre do *haikai* (poema curto japonês, composto de três versos), observa Manuel Bandeira que essa forma poética será levada, na literatura japonesa, “à extrema perfeição no século XVII pelo grande Bashô e seus discípulos Ransetsu e Kikaku.” Vários outros grandes nomes, porém, agregaram-se a essa lista, como são exemplos Issa e Buson.

Viajante contumaz, deixou-nos Bashô cinco diários com relatos de suas viagens feitas a pé, como um monge, pelo Japão, “*verdadeiros cadernos de esboços, impressões e apontamentos. Estes diários são exemplos perfeitos de um gênero em voga na época de Bashô e do qual ele é grande mestre: o haibun, texto em prosa que rodeia, como se fossem pequenas ilhas, um grupo de haikus. Poemas e passagens em prosa se completam e reciprocamente se iluminam*”(Olga Savary).

Tive o prazer estético de ler (e reler, naturalmente) a obra-prima (assim unanimemente considerada) desses relatos, o livro “*Sendas de Oku*”, na tradução de Olga Savary (feita através do castelhano, via Octavio Paz), editado, em 1983, por Roswitha Kempf/Editores. Já no início, no primeiro parágrafo, sente-se a força da poesia: “*Os meses e os dias são viajantes da eternidade. O ano que se vai e o que*



vem também são viajantes. Para aqueles que deixam flutuar suas vidas a bordo dos barcos, ou envelhecem conduzindo cavalos, todos os dias são viagem e sua casa mesma é viagem.”

A frase inicial do segundo parágrafo, não obstante dirigir-se ao passado, é profética, em relação ao seu genial autor: “*Entre os antigos, muitos morreram em plena rota.*” Com efeito, morreu Bashô em Osaka, destino de uma de suas viagens, em 12/10/1694. Foi enterrado em Otsu, às margens do lago Biwa.

MATSUO BASHÔ (n. 1644, Ueno; m. 12/10/1694, Osaka):

Do mesmo haicai, duas traduções de Olga Savary (eminente escritora que destacou, em carta a mim dirigida, o seu pioneirismo no trato do haicai no Brasil):

Sobre um velho tanque
salta uma rã: ruído
submergindo.

Sobre o tanque morto
um ruído de rã
submergindo.

Eu faria a síntese, com a seguinte versão:

*Sobre o velho tanque
ruído de rã
submergindo.*



Quatro traduções de Manuel Bandeira:

Quatro horas soaram.
Levantei-me nove vezes
Para ver a lua.

Fecho a minha porta.
Silencioso vou deitar-me.
Prazer de estar só...

A cigarra... Ouvi:
Nada revela em seu canto
Que ela vai morrer.

Quimonos secando
Ao sol. Oh aquela manguinha
Da criança morta!

-X-X-X-X-X-

HORÁCIO PAIVA é poeta, escritor e advogado, autor de “Navio Entre Espadas” e outros livros.



LEITURAS MACHADIANAS

[PARTE 1]

João da Mata Costa

O centenário do escritor Machado de Assis foi celebrado em todo o Brasil com a reedição de sua obra, biografias, debates e novos estudos. A fortuna crítica do nosso maior escritor não para de crescer. Machado é quase uma unanimidade nacional. Digo quase, pois nem sempre a crítica lhe foi favorável. Nesse ensaio lembramos de algumas dessas críticas. Comentamos também da influência de Cervantes na obra machadiana e a gralha tipográfica nas edições das poesias completas de Machado pela editora francesa Garnier, em 1902.

Apesar de algumas críticas, ninguém ousa questionar o escritor de gênio que o tempo só faz consagrar. As efemérides literárias, felizmente, nos proporcionam essa revisão e releitura. Bom que conheçamos as críticas favoráveis e desfavoráveis, para saber que a literatura é feita por gente e para gente. E que a crítica é necessária, mesmo que muitas vezes falha. Os apologistas muitas vezes fazem uso de uma pena banhada no fel das vicissitudes de uma época, de um capricho, de uma estética ou da incompreensão própria do humano.

Sílvio Romero (1851-1914) – Um crítico hidrófobo

O escritor e crítico literário sergipano Sílvio Romero foi um dos maiores escritores brasileiros da belle époque brasileira. A vida literária era, para Romero, uma eterna arena. Em sua época eram muito comuns as polêmicas acirradas. Em 1909, encerrou uma polêmica de três anos com o também crítico José Veríssimo. Atacou Castro Alves e Valentim Magalhães, quando da posse de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras.

Sílvio foi um grande pesquisador do folclore e da literatura popular. Diga aí, Cascudo! Pioneiro em reconhecer a mestiçagem



como elemento importante na formação da identidade nacional. Foi mais um crítico cultural que literário. Como crítico literário se equivocou muitas vezes. Penso, e o Antônio Candido concorda, que a maior importância de Romero está na Historiografia Literária. Grandes contribuições ele deu nesse campo. Grande foi o resgate e sistematização que ele deu para a História da Literatura. Como crítico e polemista contumaz, equivocou-se. Seus pressupostos raciais para a formação da literatura não se sustentam.

Em sua monografia “ Machado de Assis (1897)”, o crítico ataca o escritor Machado de Assis e comete, na nossa opinião, um erro crasso e uma grande injustiça. No centenário de Machado de Assis - o nosso maior escritor, lembramos esse fato, para mostrar como o grande crítico literário Romero pôde se equivocar de forma tão hidrofóbica com relação a um escritor que as gerações futuras só têm consagrado.

Para Sílvio Romero, Machado, com seu “pessimismo de potilha” e seu “humorismo de almanaque”, não traria nada de novo para a literatura brasileira e nem contribuiria para a sua linha evolutiva. Seu conterrâneo Tobias Barreto é superior a Machado. Continua vociferando o crítico sergipano: “A terra da poesia é a nossa Alemanha”, escreveu Machado, embora sem chegar nunca aos extremos tudescos de um Tobias, para não lembrar os menos exaltados Capistrano e João Ribeiro (Grieco A. 1959 Machado de ASSIS). Parece que foi para Romero que Machado escreveu: “ Ninguém sabe o que sou quando rumino”

“ Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão de um eterno tartamudear. Esse vezo é o resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra.”

“ Em prosa falada ou escrita, no estilo fluente, imaginoso, poético, e no gracioso e humorístico, Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto; é-lhe sempre inferior.”



Agrippino Grieco

Agrippino Grieco foi um dos maiores críticos literários brasileiros da primeira metade do século passado. Escreveu dois livros de duras críticas a Machado. *Machado de Assis* (1959) e *Viagem em torno de Machado de Assis* (1969). Nesses livros, Grieco crítica violentamente a poesia de Machado. Diz que seus contos não chegam à preeminência do romancista. Analisa minuciosamente as possíveis influências machadianas e - até mesmo, plágios. Não bastasse todo esse ataque, o mordaz crítico de “Carças Gloriosas” ainda faz uma compilação de todas as críticas desabonadoras ao grande escritor. O que mostra como até mesmo um grande crítico pode se equivocar. Muitos desses erros foram apontados pelo Augusto Meyer (*Textos críticos*, Editora Perspectiva, 1982).

Algumas críticas citadas por Grieco:

Mário de Andrade

“Uma natureza sem generosidade”

Augusto Meyer

“Obra monótona e desfigurada pelo vício da acrobacia humorística superficial”

José Veríssimo

O pudor do poeta às vezes era quase “pusilanimidade espiritual”



Medeiros e Albuquerque

“ Romances para romancistas, literatura para literatos”

Corrêa Pinto, em uma plaquete de 1958 – *Machado de Assis*, diz que nenhum de seus biógrafos e críticos o entendeu.

Analisando as críticas a Machado acima referidas, só podemos dizer – nós machadólatras - que eles se enganaram. Machado é eterno. O tempo só confirma a sua genialidade de criador de tipos inesquecíveis. De uma prosa e verve primorosa. Um estilista da língua portuguesa.

Saudações machadianas

JOÃO DA MATA COSTA é professor e escritor, colabora em jornais e blogs com artigos e crônicas.



EVELINE SIN:

A POESIA NA RUA

Lanuk Nagibson Araújo Silva

1 INTRODUÇÃO

Eveline Gomes da Silva Minchoni nasceu na capital norte-rio-grandense, no ano de 1982, mas está radicada na cidade de São Paulo há dez anos. No início da sua carreira era conhecida como Sinhá, nome com o qual assinava seus grafites e com qual lançou seus três livros: **Devolva meu lado de dentro** (2012), pela editora Jovens Escribas, **Nas vestes dos peixes as palavras de ontem** (2014) e **Manga Espada** (2015), ambos pela editora do Burro, comandada pelo seu esposo Daniel Minchoni. Há poucos meses, a poetisa, que também é artista de rua, publicou uma nota em seu perfil pessoal do *facebook* declarando que mudara seu nome artístico para Eveline Sin. A escritora alegou não se sentir mais à vontade de ser reconhecida como Sinhá devido à carga negativa que historicamente esse substantivo carrega, tendo em vista que era a palavra utilizada pelos escravos para se referirem à sua senhora, o que demonstrava uma relação de poder existente entre a Sinhá e os que lhe eram subalternos.

Numa sociedade regada por superficialidades, relacionamentos voláteis e amores líquidos, Eveline Sin nos assombra e nos faz parar diante do que expõe. Autora de grafites e de poemas, que dialogam visceralmente entre si, ela nos convida a uma reflexão intensa do que publica. No seu primeiro livro, se revela, afirmando:

no meu peito,
não tem miséria
é carne farta
de coração.
(2012, p. 26)



A poetisa nos convida a entrar no seu interior e a navegar pela sua subjetividade como um ponto de partida que norteia a empatia da poetisa com aqueles que se encontram em estado de sofrimento e marginalização na nossa sociedade. Apesar de ser um poema pequeno, causa um grande incômodo por falar uma verdade de maneira tão simples e profunda ao mesmo tempo, característica que sai não só das páginas dos seus livros, mas também de seus grafites que estão nas ruas de Natal e São Paulo.

A arte de Eveline Sin escapa das páginas dos livros, pois a sua poesia vai além das palavras. Conforme Octavio Paz (2012, p. 21), “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. [...] [quer seja] falada pintada, escrita”. Artista urbana, seus grafites, colore paredes de sua cidade natal e daquela onde mora, carregando significados, vozes e assombros. Na medida em que ficamos chocados e horrorizados, somos assombrados, atraídos e convidados a mergulhar nos seus grafites. Seu eu-lírico é assumidamente feminino, seja o que se manifesta em paredes ou em páginas. Nos poemas, é ela quem manda nos sentimentos e de maneira muitas vezes racional dialoga consigo mesma para entender o que está se passando dentro desse universo que é ser mulher. Nas suas obras, encontramos sempre a imagem de uma mulher em tom arroxeadado, na maioria das vezes com olhos vazados, lábios vermelhos, sempre com presença de longos cabelos negros e com os seios à mostra, como uma maneira de marcar a feminilidade do seu eu-lírico.

A grafiteira nos assombra, nos choca, nos paralisa, nos repele, porém intensamente nos leva a penetrar nessas imagens que subvertem padrões e estereótipos. A poetisa – pois seus grafites também são poesia – produz uma literatura que alcança todos os níveis da sociedade. Como Antonio Candido (1998) defende: a literatura é uma necessidade essencial do ser humano, pois humaniza e confere humanidade ao Homem.

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o



homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1998, p.175)

Acreditamos que Sin partilha do entendimento de Candido de que todos precisam ter acesso à literatura, à arte. É isso que ela faz ao não se restringir aos livros, ao permitir que muitos tenham acesso à poesia, pois qualquer transeunte, independentemente da classe social, tem acesso aos seus grafites, pode ser tocado pela poesia que brota dessas imagens.

É válido mencionar que em 2015, na avenida 23 de Maio, em São Paulo, Eveline juntamente com seu esposo Daniel Minchoni pintaram o painel “Cega seca: São Paulo é meu sertão e retirantes”. O painel falava sobre a falta de água no estado, ironizava a inversão de valores e denunciava o preconceito dos paulistanos com os estados do nordeste brasileiro. Mesmo deteriorado pelo tempo e pelo cotidiano, o grafite era um manifesto dos nordestinos, marcava a sua presença na cidade que foi construída por eles, mas que os estigmatiza. Entretanto, em 2017, uma mordaza silenciou esse grito, pois o painel foi apagado a mando do prefeito João Doria Junior.



Figura 1: Cega seca: São Paulo é meu sertão e retirantes.
(Eveline Sin e Daniel Minchoni – disponível em: [Facebook](#).)

2 EVELINE SIN COMO LITERATURA

De acordo com Roland Bathes (1977), a literatura vem se construindo à medida que a história da humanidade vem sendo tecida. Para o crítico literário francês, a literatura é o único lugar onde podemos enxergar a língua isolada do poder, pois ela é uma “trapaça salutar, uma esquiwa, e um logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder” (1977, p.17). Para Antonio Candido, a literatura é um agente capaz de transformar mundos, visto que:

[...] as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. (CANDIDO, 1972, p. 84)

Podemos afirmar que os grafites de Eveline Sin são verdadeiras obras literárias, pois há um convite ao inculcamento. Somos convidados a olhar, ler, reler e tentar decifrar o que ela quis transmitir aos seus leitores. A poetisa deixa a porta do imaginário aberta para que possamos entrar, nos convida a sentar e nos deixa à vontade para interpretar o seu interior exposto nos grafites por meio da representação de mulheres.

Esse é o tipo de convite que nos assusta, ou melhor, nos assombra, pois no primeiro contato não achamos belo o que vemos, queremos fugir, porém ao mesmo tempo em que somos repelidos pelo horror, reconhecemos verdades ali expressas e, à medida que nos reconhecemos e nos identificamos com a mensagem ali transmitida, somos repelidos e atraídos pelo horror. Perante esse paradoxo, nos lançamos à leitura desses grafites que nos assombam, porque simplesmente fomos tocados por sua poesia. Como caracteriza Octávio Paz, “A estranheza é assombro diante de uma realidade cotidiana que se revela de repente como o nunca visto” (2012, p. 135). Paz ainda continua definindo tal sentimento como um mistério que nos faz tremer e afirma:

Mas, analisando esse mistério terrível, percebemos que o que sentimos diante do desconhecido não é sempre terror ou temor. Pode muito bem ocorrer que experimentemos o contrário: alegria, fascinação. Em sua forma mais pura e original, a experiência da “outridade” é estranheza, estupefação, paralisia do ânimo: assombro. [...] a estupefação diante do sobrenatural não se manifesta como terror ou temor, como alegria ou amor, mas como horror. O horror inclui o terror – o ir para trás – e a fascinação que nos leva a fundir-nos com a presença. O horror nos paralisa. E não porque a Presença seja ameaçadora em si mesma, mas porque sua visão é insuportável e fascinante ao mesmo tempo (2012, p. 136)

Tudo isso ocorre, pois o horror nos confronta e põe a nossa existência em questão. Isso é comprovável quando lemos a poesia grafitada de Eveline Sin:



Figura 2: Obra sem título
(Eveline Sin – disponível em: <http://sinhacrua.tumblr.com/>)

Na figura 2, vê-se uma mulher pintada em cor violeta, chorando sangue, sem seios e sem braços, e uma chuva de lágrimas. Cada um desses signos está colocado ali propositalmente, nenhum foi colocado por acaso, tudo tem um sentido, um objetivo a ser alcançado. Denotativamente jamais conseguiremos interpretar o que está exposto no grafite, não há cores, nem sons com significados em si mesmo, mas, como Paz afirma, quando esses elementos são tocados pelo homem, eles perdem sua neutralidade e desembocam em algum significado. Barthes declara que em todo discurso há poder, não existe discurso neutro.

Na maioria das vezes, as personagens da grafiteira estão mutiladas, maneira com a qual Eveline Sin transmite suas mensagens e nos alerta para problemas vividos pelas mulheres, mostrando a dor e/ou a violência, seja ela física ou verbal, que a mulher sofre em nossa sociedade. De acordo com uma pesquisa⁶ realizada pela Datafolha e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança, uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de agressão no ano passado; cerca de 503 mulheres são agredidas por hora em nosso país. Os números são alarmantes, a realidade é preocupante e as mulheres que passam por esse tipo de agressão podem encontrar-se na dor grafitada por Sin nos muros da cidade. A poetisa tem a intenção de que as pessoas sejam tocadas por essas imagens, porque essas personagens tão presentes em seus grafites não se encontram prontas, pois quem vai completá-las é cada leitor que se permitir entrar no mundo subjetivo ali apresentado e esse direito é dado a qualquer um que parou para olhar, porque se assombrou perante essa outridade. A única exigência para ler Eveline Sin é ser sensível ao outro e assim ser atingido pela poesia. Como Octávio Paz afirma a poesia é:

6 Pesquisa divulgada pelo site da revista Exame (<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>), no dia 8 de março de 2017.

Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza: exercício espiritual, é um método de libertação interior [...] Pão dos escolhidos, alimento maldito. [...] Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. Oração ladainha, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. [...] Filha do acaso; fruto de cálculo. Arte de falar de forma superior; linguagem primitiva. (2012, p. 21)

Eveline Sin liberta seu interior e nos aprisiona nele, seu conjuro se torna o nosso exorcismo, nossa epifania e ladainha, nos encontramos com o Outro, contudo ao mesmo tempo nos enxergamos nele. Sua poesia é o pão dos escolhidos e alimenta os malditos, famintos e desesperados por se encontrarem nesse mundo.

3 A LEITURA INTERSEMIÓTICA E A VOZ DA MULHER

O crítico literário e semiólogo francês, Roland Barthes, define, em **A aula**, semiologia como:

[...] aquele trabalho que recolhe o impuro da língua, o refugo da linguística, corrupção imediata da mensagem: nada menos do que os desejos, os temores, as caras, as intimidações, as aproximações, as ternuras, os protestos, as desculpas, as agressões, as músicas de que é feira a língua ativa” (1980, p. 34)

Ou seja, Barthes caracteriza como semiologia, “os sentimentos” existentes por trás das palavras, aquilo que ficou subentendido, o que foge do significado gregário e que a linguística despreza, por isso o crítico caracteriza a literatura como uma trapaça salutar, o lugar onde a língua pode ser ouvida, simultaneamente, dentro e fora dela. Barthes também defende a literatura como o lugar no qual o



escritor torna-se senhor e servo da sua língua, em suma o semiólogo caracteriza como semiologia a investigação do que há por trás dos signos verbais, ou seja, das palavras.

A poesia de Sin está nas páginas como nas paredes, isto é, tanto na escrita como nos grafites há sentidos, significados e principalmente vozes que se fazem presentes nas palavras, nas rimas, nas formas e nas cores, uma conversa que promove leituras bastante interessantes e diálogos profundos, como se vê na imagem abaixo:



Figura 3: Obra sem título
(Eveline Sin – disponível em: <http://sinhacrua.tumblr.com/>)

Enquanto Sin se autodescobre, assume o que é ser mulher, decola voo e apropria-se desse lugar que outrora fora tomado pelos

padrões patriarcais que suprimiram a mulher dos espaços culturais. Sin bate asas e alça voo rumo à assunção da identidade feminina: ela contesta, subverte padrões e assume a face feminista em seus grafites. Dialogando diretamente com o poema “sou buracos” (2012, p. 99), podemos usar os estudos semióticos de Pierce para fazer a leitura da Figura 3. Nesta vemos uma mulher deitada, pintada na cor violeta, o que nos remete para uma identidade feminina que não é preta, nem branca, nem rica, nem pobre, mas cuja cor simboliza a mistura da intensidade do vermelho com calma do azul, a proporcionalidade entre lucidez e ação, sentidos e espírito, paixão e inteligência, amor e sabedoria. Símbolo da alquimia, ou seja, a troca de energias entre a terra e o céu, do contínuo e do descontínuo, da vida e da morte, essa mulher recolhe em si todos esses sentidos, representação que remete para profusão, troca de energias e para a experiência da ascensão e da involução. Retratando o feminino - cabelos longos como símbolo da sensualidade da mulher - junto do coração vê-se um pássaro que fez abrigo no coração dessa personagem. É nítido que no grafite há um protesto, uma reclamação de Eveline Sin em relação à sociedade, pois ela está marcando as paredes da cidade, para que todos possam ler e ser atingidos pela sua obra.

Ana Cristina César afirma que: “[...] a velha contradição que os românticos não conseguiram resolver. Mulher é intangível e sensual ao mesmo tempo. Carne e luz. Poesia também. O poético e o feminino se identificam.” (2016, p. 257). Aproximando essas palavras da poesia de Sin presente nos grafites e nos poemas, podemos ver a poetisa confessando que:

sou buracos
onde os pássaros vem morar.
constroem seus ninhos,
com galhos meus.



arrancam suas penas
querem minha pele.
esses pássaros
que se alimentam
de pedaços perdidos.

sou devorada enquanto voo.

(2012, p. 99)

Pode-se ver no poema “sou buracos” a contestação de alguém que cansou de viver como objeto de outros, servir de capacho para os outros, há uma reclamação constante do eu-lírico que relata que em seus buracos, em seus espaços, os pássaros, ou seja, a metáforas de pessoas que aparentemente são livres e vêm a ela, fazer dela o seu lugar de habitação e não apenas isso. Esse eu-lírico está relatando que esses pássaros se aconchegam em seus buracos, porém eles constroem os seus ninhos com “galhos” dela, arrancam suas “penas” e querem a sua pele, entendendo-se que eles constroem a sua casa nela e com partes dela. Sin ainda relata que esses pássaros se alimentam de pedaços perdidos dela, a poetisa finaliza o poema com um verso que explica as questões levantadas anteriormente: “sou devorada enquanto voo”. Conclui-se que ela, como mulher, clama pela sua existência, enquanto, simultaneamente, tenta encontrar seu espaço em uma sociedade altamente patriarcal, regida pelos padrões falocêntricos que a oprimem. Simone de Beauvoir afirma que: “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (1970, p. 7). O lugar da mulher foi imposto na e pela sociedade, o que é ser mulher foi construído ao longo dos anos em oposição ao que é ser homem. Esses pássaros, que chegaram e construíram seus ninhos nesse eu-lírico, podem não representar a liberdade, mas, paradoxalmente, a limitação que veio com os estereótipos que foram construídos sobre o feminino.



Os estudos semióticos nos ajudam a compreender que pelo fato de Sin escrever todo o poema com letras minúsculas, e isso é uma característica da sua escrita, ela deseja mostrar que dá voz a quem se encontra à margem, a quem está fora dos lugares de poder, um ser com voz, mas interditado de entrar em lugares de prestígio. Essa interdição marcada na escrita, como um reflexo do que já se vive na sociedade patriarcal, nasce da contestação, vem como o grito de alguém que não é *sinhá*, mas de alguém que quer dizer ‘*sin*’ e ir além das imposições, para isso Beauvoir nos assegura:

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação *lhe* é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: “Você pensa assim porque é uma mulher. (1970, p. 9)

De acordo com a crítica feminista, a escrita da mulher divide-se em três: feminina, feminista e fêmea, essa última uma escrita de autodescoberta, para que haja um empoderamento e assim venha uma escrita feminista, uma escrita de contestação. Segundo Zolin,

Trata-se de escritoras que, tendo em vista a mudança da mentalidade descortinada pelo feminismo em relação à condição social da mulher, lançam-se no mundo da ficção, até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão que a ideologia patriarcal relegou a mulher. (2009, p. 329).

Eveline Sin foi onde disseram que ela não podia ir, rasgou os padrões e criou a sua própria ordem, a grafiteira é voz dos silenciados e ela não cabe dentro dos padrões que foram a ela impostos.



CONCLUSÃO

Por meio dos estudos semióticos e da crítica feminista concluimos que a poesia de Eveline Sin não se limita às estantes das livrarias. Sua poesia chega aonde os livros não chegariam, invade as ruas por meio de seus grafites. A leitura desses signos permite que tanto alfabetizados quanto os letrados “leiam”, independentemente de haver ou não condições de acesso ao livro. Os grafites que ocupam muros tornam-se verdadeiras telas pelas mãos de Eveline Sin, oportunizando, tanto ao rico como ao pobre, o acesso à arte. Ambos usarão da sua cosmovisão e de diversos elementos para interpretar, questionar e indagar os signos criados pela poetisa potiguar. Ler Eveline Sin, seja escrita ou grafitada, nos permite reviver, recriar e sentir diversas emoções enquanto buscamos entender seu processo de criação na tentativa de adentrar nesse universo feminino.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix. 16ª reimpressão. 1980; BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Disponível em: < <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf> >. Acessado em 10 de Junho de 2017.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**. São Paulo. USP, 1972;

CÉSAR, Ana Cristina. “Literatura e Mulher: essa palavra de luxo”. *In*: _____. **Crítica e tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

FLORES, Conceição. **Dicionário de escritores norte rio-grandenses**: de Nísia Floresta à contemporaneidade. Natal: EdUnp, 2014;

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify. 2ª Edição. 2012;

SANTOS, Bárbara Ferreira. **Os números de violência contra a mulher no Brasil**. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> >. Acessado

em 27 de Junho de 2017;

SINHÁ. **Devolva meu lado de dentro**. Natal: Jovens Escribas, 2012;

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. *In*:_____. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009; _____ . Literatura de autoria feminina. *In*:_____. BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

LANUK GIBSON é graduado em Letras, pesquisador do grupo PET, de Literatura Potiguar, da UNP.



RACINE SANTOS ENTRE A FICÇÃO E A DRAMATURGIA

Manoel Ofofre Júnior

A cidade de Macaíba, situada na zona metropolitana de Natal, distingue-se dos demais núcleos urbanos do RN por ser a terra de ilustres personalidades, notadamente escritores. Auta de Souza, Henrique Castriano, Octacílio Alecrim, Renard Perez, Augusto Tavares de Lyra são macaibenses de nascença. Ao que me consta, eles não enfocaram a cidade em suas obras, exceto Octacílio Alecrim que escreveu páginas de memórias antológicas sobre a sua infância na Macaíba das primeiras décadas do século XX. Contemporaneamente, porém, outros escritores têm abordado aspectos da crônica de Macaíba, como, por exemplo, Valério Mesquita, autor de “Macaíba de Seu Mesquita” (1982). Dois deles, Osair Vasconcelos e Racine Santos tomaram a cidade como cenário para obras de ficção.

Já tendo publicado “A Cidade que Ninguém Inventou” (2010) espécie de breviário sentimental, Osair lançou por último um livro de contos, “As Pequenas Histórias” (2015), cujas narrativas transcorrem numa Macaíba imaginária onde se mesclam realidade e fantasia com muito humor, poesia e dramaticidade.

Ainda no campo da ficção, mas em forma de romance, Racine Santos, que não nasceu em Macaíba, mas viveu lá, busca apreender a alma da cidade no seu livro “Macaíba em Alvorço”, recentemente lançado. Fazendo alusão no título a uma canção de Aldair Soares e Raimundo Evangelista, “Macaíba em Alvorço” não é o seu primeiro trabalho ficcional, mas, sem dúvidas, é aquele em que o conhecido dramaturgo e poeta se firma como ficcionista.

A narrativa bem urdida recria o pequeno mundo de uma comunidade interiorana com sua gente simples, pitoresca. Personagens como Xexéu, poeta popular; Cancão, soldado de polícia; o cabeceiro Sérgio e sua mulher, Anjinha, tipos populares admiráveis pela dimensão humana, que se contrapõem ao farisaísmo de outros personagens: o Prefeito, o Vigário e o delegado de Polícia

Aspectos diversos podem e devem ser focalizados numa análise aprofundada dessa obra, como, por exemplo, a presença da cultura popular - joão redondo, pastoril, literatura de cordel, credices, etc., tudo, engenhosamente, feito matéria de ficção. O viés policial, com suspense e algo de terror, contribui para aumentar o interesse pela leitura. Sob o prisma da forma, ressalte-se o estilo leve, ágil e a linguagem valorizadora do coloquial nordestino.

Como numa peça de Ariano Suassuna, escritor com quem o autor revela afinidades, “Macaíba em Alvorço” contém uma mensagem de sentido moral, bem expressada no final pelas sábias palavras de um personagem que o leitor logo percebe ter sido calcado na pessoa do escritor Câmara Cascudo

Não tenho receio de afirmar, como, aliás, já o fiz no texto de apresentação: esse livro nasceu fadado a tornar-se um marco na ficção potiguar.

-0-

Racine Santos é um referencial dos mais importantes na dramaturgia norte-rio grandense. Vivesse ele em São Paulo ou no Rio, seu nome teria projeção nacional. Mas Racine não quer outro lugar para morar senão a sua Natal de nascença. E Natal, como já disse outro provinciano incurável, não consagra nem desconsagra ninguém. No entanto, o reconhecimento da sua obra, em todo o país e até mesmo a nível internacional, não tarda. Há algum tempo, teve peças de sua autoria encenadas em Portugal e Espanha.

Autor de comédias, dramas e sátiras, baseadas em grande parte no populário nordestino, e quase todas já encenadas, Racine Santos conhece a fundo os segredos da arte cênica, como dá mostras em um dos seus trabalhos recentes, “O Voo do Cavalo do Cão”. Nesta peça em um ato, tendo por cenário o interior da cadeia pública de uma cidadezinha nordestina, três personagens, Cancão, o soldado fanfarrão, Adelino, poeta medroso e Cavalo do Cão (cujo nome diz tudo), vivem momentos de grande dramaticidade no clímax de uma campanha política que abala toda a comunidade de Coité.



É perceptível a influência da literatura de cordel na caracterização dessas figuras populares, interessantíssimas. Mas, na verdade, há um quarto personagem, embora não apareça em cena e este é o povo de Coité, o povo que dá sentido à peça com o seu clamor de justiça.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor, autor de “Chão dos Simples”, “Ficcionistas Potiguares” e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-riograndense de Letras.



PADRE LUIZ MONTE, ORADOR

Jurandyr Navarro

Proponho-me, hoje, em salientar, em página desta Revista, algumas considerações, de forma sintética, da Oratória do saudoso e eminente sacerdote Padre Luiz Monte, aproveitando o ensejo dos presentes meses conjuntos, janeiro e fevereiro, respectivamente, em que ele nasceu e faleceu. O atual calendário completa um século e treze anos da sua vinda ao nosso planeta.

Viveu apenas trinta e nove anos!

Foi ele um dos sócios fundadores desta Academia, e o autor do seu Lema – *Ad Lucem Versus* – Rumo à Luz, tendo sido, também, o primeiro Acadêmico que sobre ela escreveu, seis dias após a sua fundação, sob o título: “A Nossa Academia de Letras”, no então jornal Católico *A Ordem*, em data de vinte de novembro de mil novecentos e trinta e seis.

Após, por nossa proposta, em reunião da Academia foi aprovado o seu nome para a Biblioteca da instituição citada, por ocasião do Centenário do seu nascimento, ocorrido aos três de janeiro de dois mil e cinco.

Falando sobre *Giácomo Leopardi*, diz *Massimo Bentempelli*: «O homem solitário, Anjo caído do Céu». E acrescenta que todos na humanidade somos anjos caídos. Mas que a sua quase totalidade não consegue refazer as asas para retornar ao Céu porque se perde nos vícios da multidão.

E que poucos, muito poucos, os que libram as asas para o pouso antigo, por terem se afastado da impureza do mundo.

Descendente de família nobre, *Leopardi não gostava de viver envolvido no meio do povo, daí a sua vida solitária.*

Poderia, o Padre Luiz Monte, ter sido um Anjo caído do



Céu, porém jamais evitou a convivência com os semelhantes, embora, discretamente, tivesse uma existência retirada pelos seus múltiplos afazeres religiosos e intelectuais.

Se não foi ele Anjo caído do Céu, se fez Anjo para subir ao Céu!

A vida que levou, na penitência e no estudo, fizeram-no um espírito forte, capaz de ser digno em representar a sua Igreja, no seu ministério de sacerdote.

Parece ter seguido o preceito da moral persa: “ser puro para ser forte e forte para ser criador”.

Foi ele forte e criou em torno de seu espírito uma vida que irradiou luz a toda uma Cidade.

No Sermão da Montanha, Jesus disse que os puros veriam a Deus. O Padre Monte fez jus a essa virtude da pureza e assim se tornou um dos eleitos para ver a face divina, que Moisés, do alto do Monte, divisoou apenas lampejos.

Na Catedral de Copenhague há uma estátua de Cristo, cujo rosto só é visto se a pessoa se ajoelhar.

Dessa peça artística pode se tirar uma conclusão espontânea: as pessoas para se tornarem puras terão de lavar as impurezas, e o farão somente através da Penitência, traduzida em ter uma vida de retidão moral.

Terão de banhar-se na piscina de Siloé, isto é, ajoelhar-se para, de alma limpa, contemplar a Divindade.

Dessa forma procedeu o Padre Monte, na sua vida de mortificação, no estudo da ciência religiosa e profana e dedicação ao próximo.

Embora tenha tido vida séria., debruçado aos livros e ocupado com as obrigações do ofício sacerdotal, não descurou, porém, de um dos lazeres intelectuais: - a Oratória.

Interpelado pelo Cônego Jorge O’Grady qual a impressão que guardou do Padre Monte, respondeu o então Bispo de Niterói, Dom José Pereira Alves, que dirigira a Diocese de Natal, no período de



1924 a 1928: “Três foram as maiores impressões que dele guardei. A primeira foi a de ter conseguido, por meios químicos, obstar de vez ao gotejamento e respingos do teto de telhas francesas do Seminário; a segunda impressão que se me gravou de Monte, foi a pronta resposta que deu a certa dúvida latina. O caso foi proposto pelo Senador José Ferreira de Souza, numa roda de que fazíamos parte. Como eu não pudesse responder, no momento, solucionar a dúvida, pedi a opinião de Monte que se mantinha, até então, reservado. Com grande respeito e modéstia respondeu-me: “Talvez seja isso, Sr. Bispo” e explicou o caso. Era realmente como dizia.

“Mas a maior impressão que conservo dele é a da sua Eloquência, no discurso que proferiu ao meu lado, no almoço-homenagem realizado no Seminário, no dia de sua Ordenação, nos seus 22(vinte e dois) anos de idade. Monte surpreendeu-me desde o primeiro momento que começou a falar. Era a primeira vez que o ouvia. E tais foram os dotes oratórios que revelou que tive funda impressão. O discurso por ele improvisado foi admirável, impecável, primoroso, tanto quanto a forma como pelos conceitos. Confesso que tive, nesse dia, como em nenhum outro, a revelação da extraordinária capacidade de Monte, de quem previ os maiores triunfos, na inteligência e no coração “ .

Isto dito por Dom José Pereira Alves considerado na época um dos maiores oradores sacros do Nordeste brasileiro.

Sobre o tema oratória, expôs Nilo Pereira: “Foi o Padre Luiz Gonzaga do Monte o orador que Natal tão intensamente aplaudiu, podendo filiar-se aos Boassuets e aos Vieiras”. E acrescentou: “O homem recolhido, o pesquisador solitário, o humanista admirável, capaz de valer sozinho uma Academia”.

E Edgar Barbosa, o nosso maior estilista: “Uma das impressões mais fortes que o Padre Monte nos deixou foi a de Orador. Ouvimo-lo em diversas nuances da Oratória e, ao compasso daquelas mãos brancas e descarnadas, cresciam as imagens como ondas de um lago revolto».

Nas festas do Seminário, quando presente, habitualmente lhe concediam a Palavra. Certa vez, numa dessas reuniões, presentindo que



iria falar a todos, acercou-se, previamente, das rodas dos circunstantes, solicitando dissessem uma frase, um verso, uma sentença, um pensamento, e ele ia gravando na mente. Na hora de falar, qual a surpresa: todos aqueles fragmentos linguísticos foram intercalados ao seu discurso.

Em relação a ele, escreveu Luís da Câmara Cascudo em «Acta Diurna» (1944): “Aprendeu sozinho a ser sábio. Foi a cultura mais ampla que possuímos. Era um poço de ciência. Modesto, por um feitio psicológico, defesa natural de quem sabe, diante das eloquências analfabetas e dominadoras. A sua vida foi, como dizia Luís de Camões: “um solitário andar por entre as gentes...”

E acrescenta no seu livro “Na Ronda do Tempo”: “Padre Monte e eu fomos companheiros no magistério do Atheneu Norte Riograndense. Era uma curiosidade desperta e prática na investigação verificadora. Manejava um pequeno laboratório no Seminário, onde ensinava e residia. Temperamento mais receptivo que irradiante, não seria Vianey no confessionário mas Secchi no telescópio. Orador, matemático, teólogo, filósofo, biólogo. Fomos amigos cordiais e sem intimidade. Deu-me a impressão de haver acumulado um gigantesco material para construção que a Morte não permitiu continuidade realizadora. Como o rei David com o Templo. Tive o dever melancólico de falar ao seu túmulo no cemitério do Alecrim “.

O Padre Monte, além de Orador, era um intelectual de saber múltiplo, como se constatou dos testemunhos, acima revelados, por insuspeitos e legítimos representantes da Cultura potiguar, porém, não cabendo nesta página analisar mais esse aspecto da sua personalidade marcante. Apenas, referir as palavras de Platão, que dissera ser muito raro encontrar, num único homem, todo o talento que necessita possuir um filósofo.

E o Padre Monte foi, sem dúvida, um grande pensador.

“Um homem, como ele, que conheci de perto, só pode ter sido educado por Deus!», expressou o seu irmão, Dom Nivaldo Monte.

Concluo com uma imagem poética do eminente Orador da inteligência brasileira, Dom Aquino Corrêa, do seu livro monumental



«Discursos», que poderia ser aplicada, de alguma forma, à cultura do Padre Luiz Monte, em relação à dos seus contemporâneos:

“Ao romper da manhã todos os astros do firmamento se apagam, para contemplarem, esplendente no céu, solitária e límpida, a estrela d’Dalva”.

Finalizo, com a peroração, de uma das conferências do Padre Monte, pronunciada na Escola de Comércio de Natal, em data de trinta e um de outubro de mil novecentos e vinte nove, quando ele tinha, apenas, vinte e quatro anos de idade, ou seja, dois anos após a sua Ordenação como Sacerdote, da qual se constata, sendo já possuidor de uma portentosa cultura e apreciável inspiração!

(...) “Sendo a ordem moral no amor, o tudo está naquele simples e sublime preceito do Evangelho: “Ama ao Senhor teu Deus e ao próximo como a ti mesmo.

Meus senhores, eu me lembro! Sacudida pelas ondas, aflorando às águas como o dorso gigante de cetáceo enorme, ergue-se a ilha de Filoé, coroada dum templozinho grego. Suas colunas, nascidas num ninho de murtas, têm os capitéis cingidos de acanto. Atné Creops, a deusa desse pequenino templo, traz nas mãos uma tabula, onde se vêem escritas, em caracteres púnicos, estas palavras em grego: “Aqui se ensina a amar”. Ovidio, o grande lírico latino, diz que toda a Grécia era um templo ao amor. Quando as vagas se levantavam minazes, contra o peito nu dos rochedos da Tessália morrendo na praia, repetiam: Amor. Quando a brisa caía sobre os bosques da Arcádia, arrancava às cordas eólicas dos carvalhos e dos salgueiros as sílabas: A-mor. Quando Júpiter tonante descia sobre o Olimpo, dardejando o céu, cavalgando o dorso escuro duma tempestade negra, ouvia-se, ao tombar da noite, o coro das Musas entoando a elegia do amor.

O mundo, hoje, não precisa ser como a Grécia — um templo ao amor, mas como o templo de Filoé — uma escola de amor.



Precisamos ser os preceptores do amor. Quando tivermos ensinado o mundo a bem amar, poderemos descansar, teremos feito muito. Não o amor, que brota das espumas das paixões, como Vênus duma concha, no seio das ondas, num leito de coral. Não o amor, que se embriaga com o licor sagrado de Ganímedes, e que se deixa abrasar pela túnica de Djanira. Não o amor, que se coroa de rosas, molemente reclinado em fofos triclinios. Não o amor cingido de murta, que se extasia diante de uma ânfora de Cecubo. Não o amor que embala com os cantos de Juvenal e de Perseu. Não o amor narciso. Mas o amor que abrasa a alma, porém não queima os nervos. Mas o amor do belo, do ideal, da instrução, das tradições gloriosas dos nossos antepassados: o amor, enfim, que o maior de todos os amores. — o Amor de Deus, amor que é imortal”.

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



O ENSINO RELIGIOSO CONFSSIONAL

Padre João Medeiros Filho

HISTÓRICO

Há tempos que os defensores do Ensino Religioso (ER) confessional nas escolas públicas pretendem que essa disciplina, prevista como facultativa na Constituição de 1988, seja determinada pela legislação como elemento constitutivo do currículo. Na proposta de Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ER adquiriu o *status* de componente curricular, apesar da polêmica existente: deve ser incluído como área de conhecimento ou disciplina?

O Artigo 26 da Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) determina que a Base Nacional Comum do Ensino Fundamental e Médio deva abranger, obrigatoriamente, o estudo de Língua Portuguesa, Matemática, do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. Depois de traçar o perfil do currículo do Ensino Fundamental, a lei posicionou o ER como um apêndice. A luta pela inclusão continuou no Conselho Nacional de Educação, que aprovou o Parecer CNE/CEB nº 4/1998 (cfr. Item IV, letra “b”, 10), relatado pela conselheira Regina Alcântara de Assis. Segue-se a Resolução nº 2/1998/CNE/CEB (cfr. Art. 3º, IV, letra “b”, 10) sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, nos quais o ER foi distinguido, à época, como área de conhecimento. Com a extensão da duração do Ensino Fundamental, determinada pela Lei nº 11.274/2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais para esse nível foram retomadas pela Resolução nº 7/2010/ CNE/CEB (cfr. Artigos 14 e 15, Item V), proposta pelo conselheiro Francisco Aparecido Cordão. Ali, o ER permanece também como componente curricular obrigatório.

Nos últimos trinta anos, verificou-se um confronto religioso. Isso se deve, em grande parte, ao avanço de algumas religiões e deno-



minações religiosas, acrescido das mudanças ocorridas na Igreja Católica, sob o pontificado de João Paulo II. A partir de então, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi levada a ter novo enfoque da oferta do ER nas escolas públicas. Entretanto, tal reação não foi homogênea, devido às divisões internas existentes no âmbito da Igreja Católica, não só do clero, como, também, entre os leigos.

Em 1995, criou-se o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), cujo objetivo principal era dar resposta às confissões religiosas concorrentes. Ele passa a exercer a posição diretiva católica junto às demais denominações, especialmente às cristãs. Seu objetivo consistia na efetivação do ER nas escolas públicas e a inclusão de um conteúdo interconfessional na legislação dos sistemas estaduais de ensino. Defendia a existência de professores inseridos no corpo docente por concursos públicos e remunerados pelo Estado, em igualdade de condições com os das demais disciplinas. Mesmo batendo na tecla de que não pretendiam fazer proselitismo, os documentos do FONAPER insistiam na existência de uma espécie de máximo divisor comum entre todas as religiões. Na impossibilidade de autorização de cursos de licenciatura em Teologia, criaram-se os cursos de Ciências da Religião ou Ciências Religiosas, para atender à legislação de regência.

A ADIN DA PGR E A DECISÃO DO SUPREMO

Em julho de 2010, a Procuradoria Geral da República (PGR) apresentou ao Supremo Tribunal Federal (STF) a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) nº 4.439 questionando a concordata Brasil/Santa Sé, celebrada em 11/02/2010 (cfr. Decreto Presidencial 7.107/2010). A ação pede que a Suprema Corte interprete esse acordo e a LDB em função da Constituição. O que estava subjacente era a intenção de alguns grupos de retirar o ER das escolas públicas, de caráter confessional ou mesmo interconfessional, bem como dificultar e proibir o ingresso no quadro do magistério público de professores representantes de confissões religiosas ou por elas credenciados. A argumentação e a justificativa principal consistiam em invocar a



Constituição vigente, que proíbe o Estado de manter relações de dependência ou aliança com as igrejas, ressalvados os interesses públicos, na forma da lei. Na hipótese de não ser possível interpretar a concordata de modo a sintonizá-la com a Constituição brasileira, a ADIN pedia que fosse considerado inconstitucional parte do Artigo 11 do Acordo, justamente o que especificou o ensino religioso católico e de outras confissões religiosas. Juristas católicos perguntavam por que a PGR, antes da assinatura, não questionara a constitucionalidade do Acordo entre os dois países (Brasil e Santa Sé).

O MEC convocou Conferências Nacionais de Educação (CONAE), em 2013 e 2014. Estas contaram com fóruns de discussão nos níveis municipal, estadual e federal, envolvendo autoridades públicas, dirigentes escolares particulares, representantes dos sindicatos, universidades e institutos de pesquisa. Levantou-se a questão da diversidade. Este é outro item previsto na lei, questão não simples de ser resolvida. Como garantir que todos os grupos religiosos – incluindo divisões internas e dissidências – sejam respeitados num país plural como o nosso? Dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que 64,6% da população se declaram católica, 22,2% evangélica, 2% espírita, 3% praticante de outras religiões e 8% sem religião.

No dia 27 de setembro de 2017, o STF decidiu que é compatível viver sob um Estado laico e, ao mesmo tempo, ministrar aulas de ensino religioso confessional, ou seja, de uma ou mais religiões específicas.

O STF, por seis votos a cinco, contraria a ADIN da PGR, que defendia um ensino público religioso, sempre de natureza não confessional e facultativo, sem predomínio de nenhuma religião, como estabelece a Constituição, segundo o entendimento da PGR. Esse modelo, segundo a ADIN

Consiste na exposição das doutrinas, das práticas, da história e de dimensões sociais das diferentes religiões – bem como de posições não religiosas, como

o ateísmo e o agnosticismo, sem qualquer tomada de partido por parte dos educadores.

A PGR também insistia, em sua ação de inconstitucionalidade, na proibição da admissão de professores que atuem como representantes de confissões religiosas. No entanto, a maioria dos ministros do STF considerou que há como ensinar a religião e crenças específicas em escolas públicas sem violar a laicidade do Estado. Assim defendeu a presidente da Corte, ministra Carmen Lúcia, ao desempatar a votação:

Não consigo vislumbrar nas normas autorização para o proselitismo ou catequismo. Não vejo nos preceitos proibição que se possa oferecer ensino religioso com conteúdo específico sendo facultativo.

O julgamento, que decorreu em cinco sessões, revelou como a fé e a influência dos credos nos espaços públicos continuam sendo um desafio num país com vasta diversidade religiosa (calcula-se que há cerca de 140 confissões), mas declaradamente **laico**. O próprio plenário do STF, assim como o da Câmara Federal, exibem um crucifixo na parede.

Um ministro do STF defendia que o ensino religioso confessional, por ser facultativo, não deve ser proibido pela Constituição. Ele chegou até a ironizar a questão.

Aqui me ocorre uma dúvida interessante. Será que precisaremos, eu pergunto, em algum momento chegar ao ponto de discutir a retirada da estátua do Cristo Redentor do morro do Corcovado por simbolizar a influência cristã em nosso País? Ou a extinção do feriado de Nossa Senhora Aparecida? A alteração dos nomes dos Estados? São Paulo passaria a se chamar Paulo? E o Espírito Santo?

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A sanção presidencial do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014) desencadeou a corrida da elaboração da BNCC. A tratar do Ensino Fundamental, o plano fala da necessidade de pactuação entre os três níveis do Estado. No que concerne ao Ensino Médio, estabelece um prazo curto de dois anos para o encaminhamento ao Conselho Nacional de Educação da definição dos direitos e objetivos de aprendizagem (Metas II e III). O processo de elaboração da BNCC teve início em dezembro de 2012 na Secretaria da Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação, mais especificamente na Diretoria de Currículos e Educação Integral, que promoveu atividades que culminaram na montagem de um Grupo de Trabalho sobre os Direitos à Aprendizagem e ao Desenvolvimento. Foram convidados 58 especialistas (mais nove colaboradores eventuais), entre os quais cinco representantes do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), sendo um de cada região do país. O FONAPER participou do grupo de trabalho com quatro pessoas.

A Base Nacional Comum Curricular servirá como referência para a formulação dos currículos dos sistemas, das redes escolares estaduais, municipais e das propostas pedagógicas das instituições escolares.

Uma das mudanças no texto aprovado pelo CNE incluiu novamente orientações sobre o ensino religioso nas escolas. Desde abril de 2017, a BNCC estava em discussão no CNE, enviada pelo Ministério da Educação. O texto passou por algumas modificações, após o recebimento de propostas e a realização de audiências públicas. O documento foi alvo de diversos questionamentos e polêmicas. Um grupo de entidades chegou a pedir a sua retirada de pauta.

Segundo o CNE, o objetivo da BNCC é elevar a qualidade do ensino no país, indicando com clareza o que se espera que os estudantes aprendam na Educação Básica, além de promover equidade nos sistemas de ensino. O texto aprovado pelo CNE incluiu novamente orientações sobre o ensino religioso nas escolas. O assunto

estava nas versões anteriores da BNCC, mas tinha sido excluído da versão enviada pelo MEC em abril, porém sendo recolocado antes da votação. Segundo o texto previsto na BNCC, o ensino religioso deve ser oferecido em instituições públicas e particulares. Mas, como já ocorre e está previsto na LDB, a matrícula poderá ser optativa aos alunos do ensino fundamental. Entre as indicações para esse ensino estão a convivência com a diversidade de identidades, as crenças, pensamentos, convicções e os modos de ser e viver.

Caberá posteriormente ao CNE estabelecer se o ensino religioso terá tratamento como área de conhecimento ou componente curricular da área de Ciências Humanas, no Ensino Fundamental.

No que tange ao processo histórico da disciplina de Ensino Religioso, observamos que por séculos ela esteve à mercê da Igreja Católica. Acreditavam os defensores da retirada do ensino religioso confessional que a separação entre a Igreja Católica e o Estado, na proclamação da República brasileira, haveria de possibilitar uma nova forma de ensinar religião, o que perdurou por todo o século XX. Vê-se, entretanto, que as constituições brasileiras do século passado deram abertura à inclusão do Ensino Religioso nas escolas públicas de Educação Básica. A própria LDB de 1996 possibilitou que a disciplina se mantivesse de oferta obrigatória e matrícula facultativa e assim permaneceu até 2017.

Porém neste intervalo de tempo, no ano de 2015, inicia-se o processo de repensar um novo currículo para o Ensino Fundamental e Médio, voltado para uma padronização em todo o Brasil. A ideia seria construir uma base possibilitando a todos os estados um mesmo conteúdo básico. O resultado desta discussão saiu, na forma de documento, em 2016, depois de milhares de contribuições por todo o Brasil. Em agosto do mesmo ano lançava-se a outra versão da BNCC. Ali discutiu-se que a disciplina de Ensino Religioso, se considerada e discutida com seriedade e em uma perspectiva inclusiva, vai ao encontro daquilo que o ensino propõe. Principalmente, porque a escola é um espaço de socialização com o qual o aluno se depara. Ali, ele encontra vários tipos de culturas e conhecimentos, motivo pelo qual a promo-

ção do respeito ao pensamento do outro é fundamental. E isso inclui a liberdade de manifestação religiosa. E se a religião (assim como a escola) é também entidade como espaço de saber, ela poderá promover relações que fazem parte da socialização do indivíduo e do desenvolvimento cultural. Assim, poderá ser vista como algo que merece atenção pelo Estado, dentro de uma perspectiva inclusiva e pluralista.

FORMAÇÃO DOS DOCENTES

Evidentemente, a BNCC e o posicionamento do STF trouxeram luzes, avanços, mas também inquietações para as denominações religiosas e o Estado brasileiro. Cabe perguntar se as unidades federadas estão preparadas estruturalmente para oferecer o ensino religioso a uma ou mais denominação religiosa, receber o alunado e dispor de recursos materiais e humanos à altura das exigências e necessidades? Num país, onde faltam professores de Matemática, Física, Química etc., como os sistemas de ensino suportarão mais uma exigência, de forma diversificada? Como ficarão as minorias religiosas? Também para as instituições religiosas pairam dúvidas e incertezas. Elas possuem condições de qualificar os docentes, quando se sabe que dioceses fecharam cursos de Teologia, que poderiam formar os futuros professores? Os católicos estão em larga desvantagem com relação a outras denominações evangélicas. Há mais de cem cursos de Teologia de cunho protestante, autorizados e/ou reconhecidos pelo Sistema Federal de Ensino. A Igreja católica conta com menos de quarenta cursos de Teologia autorizados ou reconhecidos pelo MEC. Alguns representantes da Igreja Católica se contentam em afirmar que existem licenciaturas em ciências religiosas ou da religião. No entanto, tais graduações por mais importantes que tenham sido, em determinados momentos da história do ensino religioso, não atendem ao disposto atualmente, máxime, diante da decisão da Corte Suprema. Tais licenciaturas são genéricas, a-confessionais, estudando apenas o fenômeno religioso, sem nenhuma preocupação com a parte confessional e o corpo doutrinário de cada religião.



Além da falta de diretrizes curriculares unificadas para todo o país sobre como deveria se organizar o ensino religioso (enquanto área do conhecimento ou disciplina), a formação e os critérios de admissão de professores para lecioná-lo também são variados e, não raro, improvisados e deficientes. Eles levam em conta, dentre outras questões, a autonomia dos sistemas de ensino nos processos de seleção dos profissionais da educação. A redação original do Artigo 33 da LDB permitia interpretar que a formação deveria ficar a cargo de representantes das igrejas e entidades religiosas. No entanto, na alteração do citado artigo (pela Lei nº 9.475/97), a responsabilidade pela definição dos conteúdos e habilitação de professores recaiu sobre os respectivos sistemas de ensino. A ausência de normas mais objetivas quanto à formação docente para o ensino religioso, torna-o muito diversificado, seguindo as determinações de cada ente federado. Isto reflete muito na concepção e aceitação dos tipos de habilitação de docentes e sobretudo na transmissão dos conteúdos. Por exemplo, no Estado do Rio de Janeiro, os critérios de admissão do professor de ensino religioso consistem apenas na titulação de licenciado em qualquer área do conhecimento e na apresentação de um documento da instituição religiosa que o qualifica a lecionar sobre aquele credo. O ensino religioso na rede estadual fluminense é confessional. No estado da Paraíba, o professor de ensino religioso nas séries iniciais do Ensino Fundamental deve ser habilitado em Pedagogia, Normal Superior ou Normal de nível médio. Para as séries finais, deve ser detentor do diploma de licenciatura em Ciências da Religião, Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia ou Psicologia. Como se pode ver, falta uma preparação específica e mais acurada, na maioria dos casos.

-0-

CONCLUSÃO

No que tange à formação específica para docentes de ensino religioso, o Parecer nº 97/99/CNE/CP traz como conclusão a impossibilidade de criação de diretrizes curriculares nacionais para orientá-los. A justificativa reside no fato de que cada sistema de ensino detém autonomia para definir os conteúdos da disciplina e os critérios de formação e contratação de professores. Dessa maneira, – entende o CNE – a unificação de diretrizes e normas afetaria a autonomia dos sistemas e poderia discriminar certas orientações religiosas.

Não resta dúvida de que a falta de preparação de pessoal bem qualificado para as atividades docentes poderá acarretar em prejuízo para o alunado, para as escolas e as religiões. Sem docentes altamente qualificados, em face da especificidade do ER, poderá ocorrer mera ação catequética, fundamentalismo, intransigência, proselitismo e até mesmo afronta à liberdade religiosa e à característica fundamental da laicidade do Estado brasileiro.

Persistindo a atual legislação, caberá ao Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte – no nosso caso – a árdua e ingente tarefa de emitir normas e diretrizes para os órgãos e instituições vinculados ao seu sistema.

NATAL (RN), janeiro de 2018

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. R. S. *O humano, lugar do sagrado*. São Paulo, Olho D' Água, 1995. ARMSTRONG, K. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.) *et alii*. *Violência e religião: cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Loyola, 2001.

BRASIL. Decreto 7.107/2010. Brasília, Imprensa Nacional, D.O.U, de 12.02.2010.

BRUSTOLIN, L. A.. Saberes Sagrados nas Tradições Religiosas in *Ensino religioso e Ensino Superior, caminhos e perspectivas*, CNBB/Sul III, Porto Alegre, 2002.

LIBANIO, J. B;. *A Religião no início do milênio*. São Paulo, Loyola, 2012.

<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao>.

www.basenacionalcomum.mec.gov.br.

www.conae.mec.gov.br

www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:2010-02-11;7107

[www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticias/stf/anexo/adi 4439](http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticias/stf/anexo/adi_4439).

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

MOSSORÓ: A CAPITAL DO SEMIÁRIDO

Benedito Vasconcelos Mendes

A cidade de Mossoró, localizada no semiárido do Estado do Rio Grande do Norte, foi agraciada com o significativo título de “Capital do Semiárido”, pela Lei Federal 13.568, de 21 de dezembro de 2017, sancionada pelo Presidente da República Michel Temer. A proposição deste título foi feita pela Deputada Federal Sandra Rosado em 2013, através do Projeto de Lei 6.164-A, de sua autoria. Esta importante designação de Capital do Semiárido, que a cidade de Mossoró recebeu, tem muito a ver com as atividades científicas da antiga ESAM -Escola Superior de Agricultura de Mossoró, hoje UFRSA - Universidade Federal Rural do Semiárido. Durante as décadas de 1970 e 1980, a então ESAM já divulgava, com orgulho, na contra-capa de todos os livros da Coleção Mossoroense, que na época era editada pela Fundação Guimarães Duque, da ESAM, a frase: “ESAM - a Única Escola de Agronomia do Brasil Semiárido”. Com o passar do tempo, surgiram outras Escolas de Agronomia nesta região e a ESAM deixou de fazer esta divulgação. Desde a fundação desta escola, em 1967, que a sua programação de ensino, pesquisa e extensão é dirigida para o Semiárido do Rio Grande do Norte e do Nordeste.

Em 1990, o Prof. Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, idealizador e um dos fundadores da ESAM, escreveu um livro com o título “Benedito Vasconcelos Mendes-O Sábio do Semiárido”, em reconhecimento aos trabalhos técnico-científicos realizados por este professor da ESAM, que dedicou toda a sua vida profissional ao estudo da natureza e do homem do Semiárido, pesquisando alternativas tecnológicas para uma melhor convivência do sertanejo com as secas regionais.

O primeiro livro escrito pelo professor Benedito Vasconcelos Mendes, publicado pela Editora Nobel, de São Paulo, em 1985, tem como título “Alternativas Tecnológicas para a Agropecuária do Semiárido”.

O CETASA - Centro de Tecnologia Agropecuária para o Semiárido, que contempla vários projetos de desenvolvimento regional, todos eles voltados para a região semiárida do Nordeste, a exemplo do CEMAS - Centro de Multiplicação de Animais Silvestres, do MUVICA - Museu Vivo da Caatinga (tipo de jardim botânico de plantas do Semiárido) e vários projetos de qualificação profissional, para uma melhor atuação no Semiárido, a nível de Mestrado, Doutorado e outros tipos de cursos, foram idealizados pelo professor Benedito Vasconcelos Mendes, na antiga ESAM.

O Professor Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, como editor da Coleção Mossoroense, que foi idealizada, criada e dirigida por ele, desde a sua fundação em 1949 até 2005, data de sua morte, editou o maior número de livros sobre o Semiárido brasileiro que a história registra, de modo que quem se dedicar a estudar assuntos relacionados à região semiárida nordestina, necessariamente, tem que pesquisar em livros da Coleção Mossoroense.

O nome da universidade que sucedeu a ESAM, Universidade Federal Rural do Semiárido, contempla o vocábulo “Semiárido”, como garantia do seu propósito de continuar a dar prioridade ao desenvolvimento do Semiárido.

Como vimos, este galardão que a nossa cidade acaba de conquistar (Capital do Semiárido), que vai proporcionar uma maior identidade da cidade com a região onde ela está inserida, tem sua justificativa nos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela nossa querida UFERSA.

A real importância do título dado à Mossoró de “a capital do semiárido” é que ele vai proporcionar uma maior identidade da cidade com a região onde ela está inserida. Se Mossoró fosse detentor deste título há mais tempo, provavelmente, o Instituto Nacional do Semiárido-INSA, pertencente ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações-MCTIC, estaria sediado em Mossoró e não em Campina Grande-PB. O mesmo poderia ter ocorrido com a localização da EMBRAPA-SEMIÁRIDO (CPATSA-Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido), que tem sede em Petrolina-PE.

CARACTERÍSTICAS DA VASTA E POPULOSA ÁREA SEMIÁRIDA, QUE SIMBOLICAMENTE, TEM COMO CAPITAL A CIDADE DE MOSSORÓ-RN

A Região Geográfica Nordeste é composta por uma área seca, denominada Semiárido (Sertão Nordestino), e por uma porção úmida, formada pelas serras úmidas (que possuem altitudes superiores a 600 metros) e pela Zona da Mata (Mata Atlântica). As serras úmidas possuem microclima de altitude, com maior pluviosidade, maior nebulosidade, maior umidade relativa do ar, temperatura média mais baixa e menor luminosidade, quando comparada com as condições climáticas que ocorrem na área seca e quente circundante (Sertão). As serras úmidas estão distribuídas, de maneira dispersa, na intimidade do Semiárido. A Zona da Mata nordestina é uma estreita faixa de terra úmida, contínua, localizada ao longo do Oceano Atlântico, que se inicia no Cabo de São Roque, nas cercanias da cidade de Touros, no Rio Grande do Norte e se prolonga até o Sul da Bahia, no limite com a Região Sudeste.

O Semiárido é uma região muito vasta, populosa e muito pobre. Abrange uma área de quase 1 milhão de quilômetros quadrados, mais precisamente 980.133.079 quilômetros quadrados. Possui uma população de 24 milhões de habitantes e apresenta os piores índices de desenvolvimento humano (IDH) do Brasil. Estão localizados no Semiárido 1.135 municípios. Com exceção do Estado do Maranhão, a semiaridez está presente em todos os outros estados do Nordeste brasileiro (PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE e BA) e em uma pequena parte do Norte do Estado de Minas Gerais, que pertence à Região Sudeste. De todos os estados nordestinos, o Rio Grande do Norte é o que possui a maior área seca, com 92,97% do seu território dentro da região sertaneja, estando 88,02% dos seus municípios localizados no Semiárido. A parte semiárida do Nordeste Brasileiro é maior e mais populosa do que muitos países. O meio físico do sertão quente e seco, com seu Clima Semiárido Tropical, com suas secas periódicas e catastróficas, com suas chuvas reduzidas (abaixo de

800 mm/anuais) e altamente variáveis no tempo e no espaço, com seus rios intermitentes, apresentando deflúvios somente durante três a cinco meses por ano, com seus solos pobres, pedregosos ou excessivamente arenosos, com sua vegetação raquítica, seca e espinhenta, condicionou o aparecimento de um povo diferente (sertanejo), cuja organização social denominamos de Civilização da Seca.

CIVILIZAÇÃO DA SECA, QUE OCORRE NA ÁREA SECA E QUENTE DO NORDESTE, QUE TEM MOSSORÓ COMO SUA CAPITAL SIMBÓLICA

A organização social do povo que habita o Sertão Nordestino (Semiárido) é denominada Civilização da Seca, que foi formada pela miscigenação das três etnias que viviam no Sertão Nordestino na época da colonização, no final do Século XVII e início do Século XVIII, ou seja, ela foi originada pelos cruzamentos de homens brancos (colonizadores portugueses) com índias tapuias, nativas do Semiárido, com participação pequena e tardia da etnia negra, que veio da África como escrava.

A etnia branca que entrou na formação do sangue do sertanejo, era de origem africana, constituída por Judeus, que depois de terem sido expulsos da Espanha foram para a cidade portuguesa do Porto e de lá vieram para o Nordeste do Brasil. Estes colonizadores portugueses eram, em sua maioria, Cristãos Novos (judeus recém-convertidos ao cristianismo). O fato preponderante que fez com que grande parte dos portugueses que vieram colonizar o sertão seco nordestino fosse de Cristãos Novos foi a perseguição ao povo judeu, por motivos religiosos (Santa Inquisição), que estava ocorrendo em Portugal. Também contribuíram a vontade atávica do povo judeu de ganhar dinheiro e o espírito aventureiro, próprio do judeu errante. O fato de duzentos anos depois do descobrimento do Brasil, o interior semiárido continuar selvagem e quase totalmente desabitado por brancos, forçou a Coroa Portuguesa a procurar povoar o sertão com colonizadores luso-brasileiros, oferecendo datas de terra a quem estivesse interessado em criar gado no interior seco do Nordeste bra-

sileiro, fosse ele brasileiro ou português, já que a atividade canavieira praticada na Zona da Mata não podia ser estendida para o Semiárido, devido à baixa e irregular pluviosidade. Naquele período, o sonho dos Cristãos Novos portugueses era vir para o Brasil e tornar-se rico com a criação de bovinos no interior do Nordeste, nas terras doadas pela Coroa Portuguesa e depois de rico, voltar para Portugal, para contrair matrimônio com moça judia. Este sonho atraiu grande número de jovens judeus, que aproveitaram também esta oportunidade, para se livrar dos possíveis castigos ordenados pelos tribunais inquisidores da Igreja católica em Portugal. Os portugueses ao chegarem no Sertão, praticamente não encontravam mulheres brancas nem negras, porém um grande número de mulheres tapuias, que estavam á época, sendo escravizadas nas guerras de corso.

O único branco que entrou na constituição genética do caboclo sertanejo foi o branco português, pois até os europeus que estiveram no Nordeste naquele período ficaram no litoral, não se fixaram no sertão seco. Os holandeses ficaram principalmente no Recôncavo Baiano e depois em Olinda e Recife, na Zona da Mata pernambucana e os franceses na ilha chuvosa de São Luís - MA. Os brancos europeus que migraram para o Brasil no final do Século XIX e começo do Século XX, como os italianos, alemães, russos, poloneses e espanhóis se fixaram nas regiões Sul e Sudeste do Brasil e não vieram para o Nordeste.

Eram praticadas dois tipos de guerra, a de corso, que matava os guerreiros e escravizava as mulheres e as crianças e a guerra de extermínio, que trucidava toda a tribo, homens, mulheres e crianças.

A escassez de negras na região foi motivada pela concentração da população escrava nas regiões absorvedoras de mão de obra, como as áreas canavieiras de Olinda, Recife e do Recôncavo Baiano, bem como as áreas de garimpo da Chapada Diamantina, na Bahia e os garimpos de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. No período da colonização, a principal atividade econômica do Semiárido era a criação de gado, que absorvia poucos braços humanos, já que um só vaqueiro era capaz de cuidar de um grande número de reses.

A população negra do interior pecuário ficou mais densa somente a partir do final do Século XVIII. O fato é que os colonizadores portugueses, na ausência de mulheres brancas e negras, começaram a viver maritalmente com as índias nativas, de modo que constituíam famílias e não mais voltavam para Portugal. Antes do Século XVIII, a participação do negro pacato, emotivo e trabalhador, na formação do sangue do catingueiro foi pequena.

Os índios que já viviam no Sertão (tapuias), eram os mais valentes do Brasil, principalmente, os da Família Linguística Tarairius, dotados de extraordinária fortaleza física e de muita ferocidade. Eram altos, fortes, de cabeça chata, nômades, místicos, corajosos, valentes, vingativos, canibais e amantes da guerra, da música, da dança e do canto. Eles eram seminômades, viviam a percorrer, da foz às cabeceiras, os rios intermitentes do Semiárido. Como sabemos, a colonização do Sertão nordestino foi tardia, ocorreu cerca de 200 anos depois do descobrimento do Brasil e ela só tomou vulto depois da Guerra dos Bárbaros (1687-1704), que expulsou ou matou os fortes e valentes tapuias que viviam nas margens dos rios e lagoas sertanejos. Os índios habitavam onde havia disponibilidade de água, nas margens dos rios e lagoas e os colonizadores só podiam estabelecer suas fazendas nestas áreas que tinham coleções d'água e que já estavam ocupadas pelos índios nativos. Os índios reagem à invasão de suas terras, caçando o gado dos fazendeiros, destruindo suas lavouras e invadindo e flechando os moradores das fazendas e vilas primitivas. Na guerra contra os índios, os colonizadores luso-brasileiros tiveram ajuda dos bandeirantes paulistas (dentre eles, o maior matador de negros e de índios que a história registra, o famoso bandeirante Domingos Jorge Velho), dos bandeirantes baianos da Casa da Torre de Garcia D'Ávila, dos bandeirantes pernambucanos do Sobrado e dos índios mansos das tribos tupis, trazidos do litoral. Os primitivos habitantes do Sertão Nordeste eram mamelucos quase puros. Até há pouco tempo, os tradicionais tipos humanos da Civilização da Seca, como o vaqueiro, o jangadeiro, o cangaceiro, o jagunço, o beato, o penitente, o raizeiro, o curandeiro e o repentista violeiro apresentavam fortes traços fisionômicos, psicológicos e culturais dos tapuias.

As guerras praticadas pelos sertanejos, a exemplo da Sedição de Juazeiro (final de 1913, início de 1914), a Guerra de Canudos, protagonizada pelo Beato Antônio Conselheiro (1896-1897), a luta relacionada com o Caldeirão do Beato Zé Lourenço (emboscada ao Tenente José Bezerra, Comandante da Polícia do Estado do Ceará (tropa que invadiu Caldeirão, praticada pelo Beato Severino Tavares em 1937), a Guerra dos Caceteiros, em Pau de Colher (Casa Nova - BA), do Beato Senhorinho, em 1938, as sangrentas e incontáveis lutas encetadas por jagunços e cangaceiros no final do Século XIX e início do Século XX e muitos outros episódios guerreiros, demonstram a incrível valentia do caboclo nordestino herdada dos tapuias.

ELEMENTOS CULTURAIS DA CIVILIZAÇÃO DA SECA

A Civilização da Seca possui hábitos, costumes, tradições, crenças e religiosidade típicos, encontrados somente no Sertão Nordeste. Esta civilização pioneira, ímpar e intuitiva foi capaz de originar o cangaceirismo (fenômeno social encontrado somente no Semiárido), uma culinária regional típica (que surgiu como imperativo das secas regionais), uma medicina caseira, usada principalmente por vaqueiros e cangaceiros, um tipo muito particular de prática religiosa (baseada no misticismo, nas romarias e nas pregações dos padres missionários, beatos e penitentes), uma literatura de cordel feita pelos poetas do improviso e por cantadores de viola, um tipo muito particular de música regional (executada por violeiros, rabequeiros, bandas cabaçais, bandas de pífanos de taboca e que mais tardiamente foi contemplada pela genialidade de Luiz Gonzaga), uma arte utilitária dos artesãos, uma arquitetura de taipa própria da região seca e uma engenharia empírica das máquinas e equipamentos industriais que formam, em seu conjunto, a identidade cultural da Civilização da Seca.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na civilização da Seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

CLICHÊS INAPAGÁVEIS

Valério Mesquita

Todo homem é sujeito e senhor de sua história. Seja político, empresário, profissional liberal, magistrado ou religioso. Meu tio Dario, falecido aos 97 anos, escreveu a sua história de vida com humildade e decência. Filho de pais modestos, nasceu em Macaíba onde a sua mãe Sofia Curcio, viúva, educou-o com sacrifício e obstinação, fruto da fibra italiana dos seus pais. Fez os primeiros estudos em sua cidade e, em seguida, Natal, para depois se formar pela Faculdade de Direito do Recife. Foi promotor de Justiça, juiz de Direito em Santa Cruz, Areia Branca, Macaíba e Natal, onde se aposentou. Parodiando Paulo na sua epístola, diria que ele combateu o bom combate e guardou a fé nos postulados jurídicos. O seu saber o fazia jurista de muitas consultas entre advogados e juízes que o procuravam.

Dario foi o último remanescente de uma geração de três famílias que se interligaram pelo parentesco e pelo matrimônio: Andrade, Maciel e Mesquita. As três vertentes pontificaram da primeira metade do século vinte até o seu final. Seus irmãos, também longevos como ele, foram: Nair, Sofia, Nilda, Floriano e Clóvis. Do casamento com Geni Maciel de Andrade nasceram dois filhos: Sonia e Ivan Maciel de Andrade, advogado, jurista, escritor, membro da Academia de Letras, ex-consultor geral do estado por duas vezes. Deixou netos e bisnetos. O traço marcante da personalidade do meu tio residia na simplicidade. Daí a urbanidade, a disponibilidade de trato para com todos que dele se acercavam. Quando publiquei o meu primeiro trabalho em 1968, um pequeno ensaio intitulado “O Tempo e sua Dimensão”, estimulou-me bastante, denotando o sentido de ajudar porque esta era uma marca registrada inconfundível.

No Grande Ponto e no Café São Luiz a silhueta clara do seu vestir, a voz explicativa que se derramava no consuetudinário gesto italiano de ser, guardam a sua memória como o bom humor

de cantarolar qual jovem de bem com a vida. O ex-padre Zé Luiz, frequentador assíduo do café, registrou na sua coluna jornalística a alegria do amigo numa manhã luminosa com o estribilho da poesia de Gonzaguinha: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Mas, há outro aspecto relevante na família Andrade. Refiro-me à união dos irmãos que jamais se intrigaram. Eram solidários em todos os instantes. Exemplos magníficos de vida pautados no modo despojado e modesto de se conduzirem. Assim foi também Dario no exercício da magistratura, onde não fez inimigos nem sujou as mãos com o azinhavre da improbidade.

Dario foi um autodidata. Leu os clássicos da literatura mundial e os grandes compêndios da filosofia do Direito formando uma sólida cultura. Poderia ter sido desembargador e a sua capacidade estava, inclusive, acima da média, não fossem as tribulações políticas da época vividas pelo judiciário. Aquela figura despreziosa, que residia à rua General Osório, Cidade Alta, que não fumava nem bebia por ser inteiro, limpo, íntegro, probo, bom pai e esposo, sempre teve a minha admiração. Não privei tanto de sua intimidade quanto Ticiano Duarte, meu primo e seu sobrinho. Quando adoeceu, visitei-o algumas vezes. Não gostava de vê-lo sem o talento da boa conversa, da vivacidade, dos ademanos de homem educado e culto, sem deixar nunca de ser simples. Relembro-o hoje aqui com saudade para testemunhar-lhe que dele muito me orgulho e guardo as melhores recordações.

Outro perfil, ao lado de Alvamar Furtado, Múcio Ribeiro Dantas e Floriano Cavalcanti, foi Edgar Barbosa que formava um quarteto de invejável saber literário e filosófico na velha Faculdade de Direito da Ribeira, na década de 1960, comentado e reconhecido com reverência por nós, seus alunos, pelos corredores e salas da saudosa instituição.

Mas o professor não cabia num figurino único – embora confortável, do ponto de vista intelectual –, de grande e admirável jurista. Sua formação filosófica fizera dele um humanista no sentido lato, ou seja, na medida em que nada do que fosse humano lhe era indiferente. Compará-lo ao seu mestre Luís da Câmara Cascudo seria fazer justiça ao primeiro, o que elevava a estatura intelectual do segundo.

Por trás desse duplo verniz jurídico e humanista, Edgar Barbosa encobria um homem cordial que só a pouco e a vagar deixava transparecer no convívio com seus alunos. Já alertados por colegas mais antigos, nós também não demoramos a descobrir outros traços salientes da personalidade complexa de nosso mestre em Direito Constitucional. Isso acontecia até com certa regularidade, na medida em que fui também me habituando a integrar uma espécie de círculo de ouvintes do velho professor para as conversas que se sucediam à aula, mas que aconteciam ali mesmo, juntamente com Carlos Gomes, Claudio Emerenciano, Hilda Fagundes e outros colegas.

Visava transmitir sabedoria, conhecimento, humanismo. Com essa preocupação sempre alerta, o grande estilista fazia incursões pela antiguidade clássica à cata de exemplos, de modelos, de parâmetros comparativos com os problemas de nosso tempo, ilustrando-os e esclarecendo-os, como costumava fazer nos seus ensaios e artigos jornalísticos escritos para o jornal *A República* a partir da década de 1920, como revela o volume de textos e crônicas organizado pelo jornalista Nelson Patriota e lançado pela editora da UFRN. Ali se podem detectar alguns temas que serão amadurecidos pelo futuro jurista, como o direito do voto feminino, os problemas enfrentados pelo ensino público, a importância da liberdade de expressão para a vida política brasileira, entre outros.

A esses temas, acrescentou o mestre considerações líricas, evocações nostálgicas, quadros recortados cuidadosamente de sua memória afetiva sobre a sua telúrica Ceará-Mirim natal, com seus vales férteis como se fora recortada por um Nilo transplantado para lá por um sortilégio de Deus. Cenas de infância, tipos populares que chamaram sua atenção de menino imaginoso, acontecimentos únicos que ficaram nos porões da memória, tudo isso constituiu matéria literária em suas mãos. Às vezes me flagro entrando, pela via franca da memória, na sala de aula da antiga Faculdade de Direito, na velha Ribeira que, como o beco recantado pelo poeta Manuel Bandeira, está “intacta, suspensa no ar”. Nesses momentos, sinto que é hora de reler algum tópico do livro *Imagens do Tempo*, onde recolheu crôni-

cas dispersas nos jornais locais, porque sabia que deveria preservá-las em livro. Ao ler o perfil de um Henrique Castriciano, de um Juvenal Lamartine, de um José Gonçalves ou de um Padre Monte, ou ainda uma crônica dedicada ao jasmineiro de Auta de Souza, um retrato de Vila Flor, a descrição de um velho engenho, tudo isso me confirma que o escritor memorialista soube entender como poucos a alma patricia do homem potiguar, seus valores essenciais, que outro mestre, Luís da Câmara Cascudo, resumiu à perfeição num livro juvenil.

Recordar Edgar Barbosa termina por ser também um exercício de saudade sem saudosismo, porque se faz em contato com sua obra, a qual, pelas lições que nos legou, permanece aberta e receptiva às questões da nossa época. Como ex-aluno, evoco-o com emoção.

Do mesmo modo, o Rio Grande do Norte não pode esquecer outro dos seus filhos mais ilustres. O embaixador Fernando Abbott Galvão, ou Galvão, como era conhecido nos meios do Itamaraty, exerceu a carreira de forma ativa e permanente, após obter a primeira colocação em sua turma, no Instituto Rio Branco, em 1953. De família tradicional do estado, logo cedo revelou seus pendores para a vida diplomática. A dignidade pessoal, a seriedade com que enfrentava obstáculos, a fidelidade aos princípios filosóficos que acreditava e a firmeza como defendia seus pontos de vista, foram os pontos cardeais, de sua vida. Testemunhei mais de perto quando, por algum tempo, fui alvo, com outros amigos, da fidalguia com que nos recebia semanalmente em sua casa, no alto da Candelária.

Presenciou fatos que hoje comumente encontramos em livros de história, como o famoso protesto do líder soviético Nikita Khrushchov na Assembleia Geral da ONU e a guerra civil em El Salvador. Interagiu com personalidades de reconhecido relevo histórico, como o escritor Guimarães Rosa; os ex-presidentes brasileiros Getúlio Vargas e Café Filho; com o ex-secretário-geral das Nações Unidas Dag Hammarskjöld; e o ex-presidente português Mário Soares. Serviu em representações brasileiras em Nova Iorque (junto às Nações Unidas), Caracas, Lisboa (por duas vezes – uma na embaixada e outra como cônsul-geral), Zurique (como cônsul-geral), São Salvador

(como embaixador) e Lagos (como embaixador, à época em que a cidade ainda era capital da Nigéria).

Na fisionomia austera, escondia a bonomia de gostos e de gestos na arte de receber, ao lado da companheira por toda vida Sônia Bezerra Galvão. Eram nas tardes de terça-feira – que pontificavam Clemente Galvão (seu devotado irmão), Antomar Ferreira de Souza, Lauro Gonçalves Bezerra, Kleber de Carvalho Bezerra, Jácio Fiúza, José Silveira Pinto e eu (formando a “bancada pessedista), o “bispo de Taipu”, Inácio Magalhães de Sena, José Anchieta e Marcelo Carvalho. A pauta era livre e a bronca também. Da cultura à política, do memorialismo aos usos e costumes. Permeava as discussões um lanche saboroso que apascentava a disposição dos confrades. Ao cair da tarde, quando, lá fora, luzia a primeira estrela vespertina, anunciando a noite de Natal, voltávamos todos às nossas casas, guardando o aceno e o sorriso do anfitrião.

O embaixador Fernando Galvão lançou também o livro “O Diário de Jonathas Abbott”, seu trisavô, prefaciado pelo embaixador Rubens Ricúpero, que mereceu destaque de página inteira na revista Veja e comentários nos dois jornais de maior circulação do país, a Folha de S. Paulo e O Globo.

A sua família hoje é detentora da maior tradição no Itamaraty, vez que já está na terceira geração de diplomatas. Além do embaixador, seus dois filhos, um sobrinho, seu genro e agora um neto são diplomatas. Seu filho mais velho, Marcos, é embaixador e secretário de assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda. O mais novo, Luís Fernando, é cônsul-geral adjunto em Miami. Seu genro é ministro-conselheiro na Missão do Brasil junto às comunidades europeias, em Bruxelas. Quanto ao seu neto, este ingressou na carreira diplomática em 2008, revelando, desde já, incontestável vocação. O seu amor a Natal, onde viveu a infância e grande parte da juventude, o fez retornar às raízes para desfrutar da aposentadoria ao lado dos amigos e parentes. Foi um cidadão do mundo, mas a Cidade do Sol era o seu universo, até acolhê-lo ao solo para o descanso eterno.

Por último, como capataz dos mistérios circundantes, é assim como consigo definir um amigo que se encantou: Pedro Simões Neto. Ele foi “o pássaro azul” de Maurice Maeterlinck que dizia “nós só morreremos, de fato, quando somos esquecidos”. A minha amizade com Pedro nasceu nas manhãs de ressurreição dos idos de cinquenta quando ingressamos no Colégio Marista: primário, ginásial, secundário, até a Faculdade de Direito, direto depois para as lutas da vida. Atravessou as fases do tempo, como advogado, professor de Direito, escritor, jornalista, pensador e acima de tudo, como ceará-mirinese de corpo e alma. Ele foi tanto Ceará-Mirim ao ponto de assemelhar-se a Leon Tolstoi quando afirmou: “se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”. Falar sobre ele a literatura emerge de todas as variáveis da condição humana. Porque Pedro sabia captar as verdades que se ocultavam por detrás do funcionamento da sociedade de sua época.

Fomos missivistas e nativistas incorrigíveis. Fazíamos de Ceará-Mirim e Macaíba, irmãs siamesas. Numa de suas notáveis epístolas telúricas, confidenciou-me que ia sempre a sua “Quinta dos Pírilampos”, paraíso incrustado em Tabatinga, área rural, território macaibense. E em sua viagem de circunavegação polar, além da ponte de Igapó, proveniente de Ceará-Mirim, dizia-me na narrativa, que “apesar de todos os perigos, sentia-se tentando a seguir pela estrada que leva a ponte das lavadeiras, a curva da morte, o peixe-boi, pelos Guarapes, até chegar a Mangabeira, só para evocar o tempo de menino dos anos cinquenta”. Pedro Simões foi excelente cronista, memorialista e ficcionista nato.

Tudo estava dentro dele. A percepção da beleza de Ceará-Mirim e o encantamento do seu vale, de sua história, como junção amálgama e simbiose entre o ver e o querer, o desejar e o fazer, o sonhar e o buscar, o nascer e o renascer. Como Pedro aplacava a indignação dos maus que o afligia? Como ele deflagrava um renascer permanente de esperanças em torno de sua terra? Eu percebia nele uma perfeita sintonia de escritor com a vida e a beleza. Acreditava, como o apóstolo Paulo, que o sofrimento engrandece o homem. Foi um idealista na forma, no conteúdo e no proceder porque uni-

versalizava os seus temas, nascidos na província, entre os simples. A Academia Ceará-Mirinense de Letras e Artes, da qual é fundador, imprimiu nova dimensão e estatura cultural ao município de tantas tradições. Pedro a criou para Ceará-Mirim ascender, sempre, avançar um percurso sem fim.

A instituição transformou-se no seu legado, transferido às novas gerações, não obstante, os contrastes e as heterogeneidades da vida social e política. Ela se consagra pelo homem e para o homem. Revela a humanidade ontem, hoje e sempre do Ceará-Mirim. Pedro trazia dentro de si, vivo, a alma do seu tempo; os sonhos, os encantos e desencantos, as paixões telúricas e atávicas, as crenças, os valores e compromissos. Na sua literatura, entre a realidade e a ficção, muitas vezes fazia-me lembrar Gustave Flaubert ante a estupefação da sociedade francesa da sua época, com as aventuras e desventuras de Madame Bovary, desvendou o mistério: “Madame Bovary sou eu”. Nos seus voos literários em busca de decifrar enigmas, ele reafirmou a sua vocação literária com um estilo articulado, conciso e moderno. O nome de Pedro Simões Neto está chantado na província submersa do Ceará-Mirim, porque foi memória, presente e futuro.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL (2).

Por Antônio Nahud

DORIS LESSING: o PRAZER da ESCRITA

ENTREVISTA publicada no caderno CULTURAL do jornal A TARDE e no livro ARTEPALAVRA – CONVERSAS NO VELHO MUNDO, 2002. Feita em Barcelona, Espanha, 2001, pelo jornalista ANTONIO NAHUD. DORIS LESSING ganhou o NOBEL DE LITERATURA em 2007. Morreu em 2013, aos 94 anos.

A escritora britânica DORIS LESSING (nascida Doris May Tayler, em Kermanshah, Pérsia, 1919), autora de “O Carnê Dourado” (1962), é lembrada para o Nobel de Literatura, ano após ano, nas últimas três décadas. No mês passado, levou o premio Príncipe Astúrias de Letras, o mais importante galardão literário espanhol, em reconhecimento a “uma das mais indiscutíveis figuras da literatura universal”. Amável, elegante, cabelos brancos atados, profundas rugas que guardam histórias e um olhar hospitaleiro, ela passou tempos difíceis, mas a sua fama como romancista só faz crescer.

Com uma meia centena de livros publicados, o seu percurso privado é tão fascinante como a obra. Viveu a juventude na Rodésia e na África do Sul. Após duas separações matrimoniais, do abandono de dois filhos e de perseguição política ao denunciar o regime racista, mudou-se para Londres em 1949, com pouco dinheiro e um manuscrito, “A Erva Canta / The Grass is Singing”. Aos 31 anos, viu publicada essa história que fala de um assassinato misterioso e um casamento estranho, abrindo caminhos à causa da emancipação feminina no pós-guerra, embora a escritora recuse com determinação o rótulo feminista.

Ao aparecer na sala reservada para a coletiva, no Instituto Britânico de Barcelona, palmas e flashes pipocaram como se estivéssemos diante de uma estrela pop. Ao ser chamada de intelectual por uma jornalista, DORIS LESSING se defendeu: “Sou autodidata. Intelectual não é precisamente a imagem que tenho de minha pessoa.”

ANTONIO NAHUD – A SENHORA SE CONSIDERA UMA ESCRITORA POLITIZADA?

DORIS LESSING – Deixei de ser comunista no início dos anos 1950. Faz muito tempo. Os meus livros são resultados de experiências, mas as pessoas costumam associá-los a fatos políticos. Eu discordo, nunca tive tempo para me ocupar com política. Escrevi muito, cuidei de um filho, tive que lutar para sobreviver, mas nunca houve essa tal atuação política que me atribuem.

ANTONIO NAHUD – MAS A SUA LITERATURA AJUDOU A CAUSA FEMINISTA.

DORIS LESSING – Nunca fui militante feminista. Não me envolvi com nenhuma associação feminista. Sou uma mulher que escreve, mas nunca escrevi pensando “estou escrevendo como mulher”. Escrevo a partir da experiência feminina, nada mais.

ANTONIO NAHUD – CONCORDA EM SER ENCLAUSURADA NO GUETO DA CHAMADA “LITERATURA FEMININA”?

DORIS LESSING – Claro que não. É uma espécie de literatura que não me interessa. Penso que a boa literatura não é boa por ser escrita por homens ou mulheres, é boa porque tem qualidades. O sexo do autor pouco importa. E eu não suporto a dita literatura feminina.

ANTONIO NAHUD – TAMPOUCO SUPORTA A LITERATURA COMPROMETIDA POLITICAMENTE?

DORIS LESSING – Nunca acreditei na literatura engajada. Desagrada-me. Sempre penso que se produz muita literatura de má qualidade. A escrita tem que ter vida própria em sua essência, nascida de uma mistura de experiências reais. A escrita política, panfletária, não tem nenhuma vida, é oca.

ANTONIO NAHUD – QUEM LÊ OS SEUS LIVROS COMO LITERATURA COMPROMETIDA E FEMINISTA NÃO A COMPREENDE?

DORIS LESSING – Escrevo com sinceridade. Escrevo, repito, sobre experiências, minha visão de mundo, mesmo quando se trata de narrativas não realistas, como as de ficção-científica. Escrevo claramente, mas percebi há muito tempo que se uma pessoa não tiver experimentado o mesmo que eu, ela não entenderá completamente o que quero dizer.

ANTONIO NAHUD – ONDE ESTÃO SUAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA NA SÉRIE DE FICÇÃO-CIENTÍFICA “CANOPUS EM ARGOS: ARQUIVOS”?

DORIS LESSING – Não existe uma diferença substancial entre realismo e fantasia. É só uma convenção. Pode-se dizer a verdade através da fantasia ou do realismo. Não importa a forma para se transmitir algo. O mais importante é a sinceridade do material escrito.

ANTONIO NAHUD – O SEU ESPÍRITO LIVRE É ADMIRADO.

DORIS LESSING – Ninguém é livre. A ideia de que se pode ser livre e fazer o que bem entender é ilusão. Uma coisa típica da

juventude. Todos nos encontramos, mais cedo ou mais tarde, obrigados a fazer coisas por determinadas situações ou pessoas.

ANTONIO NAHUD – QUASE SEMPRE É ASSOCIADA A “O CARNÊ DOURADO”. NO BRASIL, ESTE ROMANCE CHEGOU A SER UTILIZADO COMO LEITURA FAVORITA DE UM PERSONAGEM LIBERTÁRIO DE TELENOVELA.

DORIS LESSING – Fico feliz que o livro tenha sido útil para tanta gente. Mas estou cansada de falar sobre “O Carnê Dourado”. Já disse tudo o que tinha a dizer sobre ele, afinal escrevi muitos outros livros.

ANTONIO NAHUD – A SENHORA PUBLICOU UM ÚNICO VOLUME DE POESIAS, “FOURTEEN POEMS”. NÃO SE CONSIDERA BOA POETA?

DORIS LESSING – Nem boa nem má, não sou poeta. Não me vejo escrevendo poesia. Continuo interessada em escrever prosa.

ANTONIO NAHUD – QUAL A FUNÇÃO DA SUA LITERATURA?

DORIS LESSING – A mesma de qualquer outra literatura honesta: comentar sobre a vida para as pessoas que estão interessadas em analisar a sua própria vida através da literatura. Não tento mudar o mundo com a literatura. Não é possível. Creio também que escrever me faz mais humana.

ANTONIO NAHUD – O QUE PENSA DO UNIVERSO FEMININO?

DORIS LESSING – O mesmo que penso sobre os homens. Acho piegas o conceito de mulheres como seres mais delicados e

generosos. Basta estudar a história para encontramos mulheres terríveis, cruéis. Não enxergo as mulheres de forma maniqueísta, nem os homens. Todos podem ser bons ou maus.

ANTONIO NAHUD – NESSA ÉPOCA TENSA, OS ESCRITORES QUE DÃO O TESTEMUNHO PÚBLICO SOBRE O CONFLITO OCIDENTE VERSUS ORIENTE ULTRAPASSAM “LIMITES”?

DORIS LESSING – Não se pode obrigar o escritor a opinar quando não o deseja, mas ele tem todo o direito de dar sua opinião sobre o que tiver vontade. Eu acho o Bush detestável, um homem horrível. Nos Estados Unidos, as bibliotecas e os colégios não recebem a verba de manutenção que necessitam, mas há sempre dinheiro para bombardeios, tanques de guerra etc. Nunca há dinheiro para as coisas verdadeiramente importantes.

ANTONIO NAHUD – DISSE-ME EM 1998, EM SUA CASA LONDRINA DE HAMPSTEAD, QUE “A REALIDADE É SEMPRE PIOR DO QUE SE ESCREVE”. CONTINUA COM A MESMA OPINIÃO?

DORIS LESSING – Mantenho esta opinião. Basta abrir os olhos para enxergar injustiças, violência, crueldade. Está tudo aí, diante de nossos olhos, mais duro que qualquer história romaneada. A vida é dura para a maioria das pessoas.

ANTONIO NAHUD – AVELHICE NÃO PARECE PREOCUPÁ-LA.

DORIS LESSING – Não é nada do outro mundo. Envelhecemos e morremos. E é tudo. Não se pode fazer nada.

ANTONIO NAHUD – NOS SEUS ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO, CRIOU A EXPRESSÃO “NOVOS BÁRBAROS”. PODE EXPLICAR O QUE QUER DIZER?

DORIS LESSING – Falo de pessoas que não sentem curiosidade pela história ou pela literatura, por exemplo. São pessoas com muitos anos de estudo e, ainda assim, não se preocupam profundamente com a leitura. É um fenômeno novo que vem abalando a reputação educacional.

ANTONIO NAHUD – QUAL O CAMINHO QUE UM JOVEM ESCRITOR DEVE SEGUIR?

DORIS LESSING – Não existe um caminho concreto. Tudo depende da experiência e das escolhas de cada um. Fundamental é adquirir independência interior, ter fé em seu próprio julgamento e não dar atenção aos modismos literários. Um crítico que nos trata com desprezo pode no futuro dar tapinhas nas nossas costas. Tudo pode mudar da noite para o dia.

ANTONIO NAHUD – TEM REMORSOS POR TER ABANDONADO SEUS FILHOS?

DORIS LESSING – Não abandonei meus filhos. Abandonei um estilo infame de vida. Uma existência racista, enfadonha, horrível e insignificante. Não conseguia continuar vivendo esse tipo de vida inferior. Foi uma questão de sobrevivência.

ANTONIO NAHUD – LANÇOU RECENTEMENTE “THE SWEETEST DREAM”. FALE UM POUCO SOBRE ELE.

DORIS LESSING – Narra um tempo em que se tinha ideologia. Eu mesma tive algumas crenças utópicas. Outros tiveram utopias boas ou más. As utopias transformam os homens em selvagens capazes de matar. O livro trata disso.



CONTOS E CRÔNICAS



PERSEGUIÇÃO

Clauder Arcanjo

Saiu ainda de madrugada. No alforje, um pedaço de rapadura, a cabaça com água, os arreios novos e a vontade de resolver logo aquilo tudo.

Encostou a porta, ajustando a trameia para não fazer barulho. Não queria anunciar a sua partida. Deixou a mulher e os três meninos nos lençóis.

Na porteira, deu pelo velho galo. Como se pudesse ser denunciado por aquele galináceo, arrojou o passo no sentido de pegar logo a estrada.

— Tenho que acabar logo com isso.

Uma conversa com ele mesmo, enquanto as alparcatas chapinhavam na terra seca; no rosto, a bênção do orvalho em raros galhos ainda verdes. Era setembro. O inverno fora bom, mas o verão viera com força e disposição.

Após a primeira curva, serenou as passadas, pois se sentiu mais protegido.

Na cabeça, não havia plano bem traçado, tão só a agonia de pôr fim a tanta consumição. Dois meses; desde julho, que aquilo lhe aperreava o juízo. Melhor, na Festa da Padroeira, na procissão de Senhora Sant'Anna. Era 26 de julho, um domingo abafado e irritadiço.

Relembrou tudo. Chegou cedo à cidade. Na garupa da burra cardá, a produção da safra: duas sacas de grãos, de milho e feijão. Pretensão de fazer negócio, no intuito de comprar o cavalo prometido ao filho mais velho. Na Pedra do Mercado, arriou as sacas e, como não sabia o que fazer, esperou. Enxugou o suor do rosto; em seguida, tangeu a mulher e os meninos para a casa do compadre Zequinha. “Me esperem por lá. Resolvo logo isso.”

A coisa viva de novo nos olhos agateados, como se tudo de volta. “Tenho que resolver logo isso tudo...” Uma mosca varejeira quis se meter por entre os seus beijos, sacolejou o rosto, espantando-a. Com pouco, estava de novo com o cocuruto tomado pela lembrança daquele domingo.

O mercado de Licânia foi se enchendo com a algazarra dos negócios. “Quem quer, quem quer?... Vai levar, patrão? Uma dúzia pelo preço de meia dúzia. Quem vai querer?...”

Inquieto, era homem da roça, sentiu-se atazanado com tanto barulho e conversaria. Espichou os olhos, mania de sertanejo, e voltou a sentar-se sobre as sacas.

— Ô meu galego! O patrão está aqui para comprar ou para vender?

Era um homem taludo, ao lado de um cavalo branco, bonito e bem ajazado. As roupas coloridas e o chapéu diferente, com fitas coloridas, o intrigaram de início.

— Está aqui para comprar ou para vender? — insistiu o homenzarrão.

O juízo confuso, a vontade de se juntar à família na calçada do compadre.

— Bem. De certa forma, sinhô, estou aqui para as duas coisas.

Mal bateu com a língua nos dentes, sentiu a mão fina daquele homem alto e esquisito sobre o seu ombro. A conversa espichou-se, jeito macio de agrado e decisão. Com pouco, ele repassou as suas duas sacas, recebendo um bilhete repleto de garatujas.

— Aqui está o local onde eu estou. Apareça depois da proissão com mais os cobres acertados, que o cavalo é do seu rapaz, galego! Aproveitarei o tempo até lá para retirar-lhe a sela e os arreios, além de dar um banho no animal. Fez bom negócio; foi desespero meu para levar comida para os de casa. Sei que o inverno foi bom, mas a lagarta atacou o nosso roçado.

Estranhou mãos tão lisas; enxada deixa calo em qualquer cristão, pensou. Dobrou o papelote, subiu na garupa da burra e saiu.

A tarde passou lenta, num redemoinho de visões. O roçado, a colheita, as duas sacas, o homem alto e a conversa macia, a entrega da produção e... o bilhete.

Pediu um particular com compadre Zequinha:

— Preciso de uma quantia, compadre. Antecipação do carnabal.

Pôs o dinheiro no bolso, e foi acompanhar a Santa. “Sois vivo o retrato.... No céu e na terra, sempre, sempre, decantada....”

No cair da tarde, após a Sant’Anna acomodada no altar da Matriz, pediu licença e foi para o local indicado. O compadre lera-lhe o bilhete, e dera-lhe o caminho do acampamento dos ciganos.

Levou arreios novos, por precaução. Como o homenzarrão falara em retirá-los, comprara uns na bodega do Paulo Amaro.

Chegando lá, deu por tudo descampado. Tão só as marcas de fogueira no chão e restos de lixo nas vizinhanças.

Um troço forte a roer-lhe bofes e entranhas. “Desgraçado!”

Sem dizer nada, socou os arreios no bisaco acomodado na garupa do luar. Chegando a Licânia, pegou mulher e meninos e, depressa, deixou a rua no rumo de casa. No céu, a companhia de uma lua nova, faceira naquele horizonte limpo. Como a zombar de tantos pensamentos cinza.

Não quis conversa no caminho. A mulher, calada, seguia-o, dois passos atrás. Os garotos, sonolentos, na sela da mula.

Setembro, a notícia: “Os ciganos estão na Santa Rita!”. Pouco menos de duas léguas.

Não dormiu aquela noite. “Desgraçado!”

Agora, a caminho do ajuste de contas. Conferiu os arreios que comprara no Paulo Amaro. Sem serenar o passo, engoliu um gole da água da cabaça. Vontade de resolver logo aquilo.

Entrou por trás do acampamento, dando com a presença do cavalo junto à última barraca. Lavado, escovado e selado, faltando-lhe somente os arreios.

Agachou-se, a conferir se todos ainda dormiam. Um frango ciscou junto aos seus pés, tocou-lhe para longe com uma decidida mãozada.

A cena, viva, de novo; como se de volta. “Tenho que resolver logo isso tudo...”

Afrouxou o nó da corda que prendia o alazão à estaca, colocando-lhe, em seguida, o novo cabresto. Antes, amarrou, na ponta daquela corda, que ficou pendendo junto ao mourão, um saquinho de couro cru, que trouxera na algibeira. Dentro dele, alguns cobres e o bilhete do cigano, repleto de garatujas. “Desgraçado!”

Saiu de mansinho. Estranhando aqueles seus passos tão lisos. “Apareça depois da procissão com mais os cobres acertados, que o cavalo é do seu rapaz, galego!”

Na primeira curva da estrada, montou e galopou, de volta para casa. Com um sentimento forte a amaciar-lhe bofes e entranhas.

CLAUDER ARCANJO é engenheiro, professor e escritor, autor de “Licânia” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar.

ELA

Francisco Sobreira

Chegou um dia à janela do quarto e a viu. Estava estendendo roupa em uma minúscula área. Uma mulher jovem, com pouco mais de trinta anos, morena clara, altura mediana, soltos os cabelos pretos. O rosto, embora um pouco curvado, dava pra ver que era bonito. Espetou nele o olhar, esperando o momento em que ela o erguesse e o virasse em sua direção. Mas a mulher assim permaneceu e logo terminou o serviço e entrou na casa.

Passou a ir para a janela todo dia, em duas, até três vezes. Nem sempre ela estava lá. Mas quando a encontrava, repetia-se a situação inicial, ela um pouco curvada, ele a olhando fixamente, que parecia (ou fingia?) não se dar conta de que era observada. Só a sua roupa mudava - e sempre um vestido, e isso o deixava contente, porque lhe desagradava o hábito de hoje as mulheres preferirem calças compridas.

Até que um dia ela ergueu o rosto. Foi rápido, uns poucos segundos, mas se sentiu recompensado. E o bom é que a mulher passou a olhar também para ele, e, com o decorrer dos dias, pareceu-lhe que o fazia com mais vagar. Uma vez em que ela manteve por um pouco mais de tempo os olhos cruzados com os dele, o homem arriscou-se a acenar-lhe com a mão, ela lhe retribuiu o gesto, seguido de um sorriso sutil. Logo se afastou, mas, antes de entrar na casa, virou-se, ele repetiu o aceno, ela também, assim continuando pelos dias seguintes.

Por hábito, ia para a janelona da sala de visitas, depois de tomar café. Ali se detinha por algum tempo, palitando os dentes, tomando sol, lançando a vista para o terreno baldio, que se transformara em um estacionamento de carros. Naquele dia, ao ali chegar, lá estava ela estendendo roupa. A janela ficava de frente para onde ela fazia o seu trabalho, propiciando-lhe uma visão mais nítida da mulher. Demorou um pouco a perceber a presença dele, mas, quando o viu, foi logo abrindo um largo sorriso. A curtíssimos intervalos, enquanto a mulher se concentrava no

que fazia, ficaram se fitando. Pôde confirmar que era bonita, o rosto lhe lembrando o de uma outra mulher que, na hora, não conseguiu identificar. E de súbito, foi tomado por um gesto ousado: espalmou a destra, moveu-a três vezes, ela moveu a cabeça, concordando com o seu pedido. Retirou-se veloz rumo ao seu quarto, arrancou uma página de caderno, nele escreveu o número do celular, pegou uma pedra pequena, mas pesada, embrulhou-a bem de maneira que parecesse uma bola e retornou. Ela continuava no mesmo lugar, desocupada, esperando-o. Mostrou-lhe o papel, depois imitou o gesto de telefonar, e com o indicador, o de que iria jogar o papel na grama junto ao muro da casa. A mulher fez sim com a cabeça, e feito um foguete, deixou o local e logo depois reapareceu junto à grama, recolhendo o papel.

Esperou o seu telefonema no mesmo dia. Ela não telefonou nem nesse dia, nem nos dois vindouros. Afrito, começou a se perguntar se a mulher pensara bem e desistira dele. À aflição se juntou a frustração, quando não a viu nas várias vezes em que foi se postar à janela do quarto. Então, a sacana só queria fazer um jogo divertido comigo.

Já certo de que ela lhe passara a perna, eis que o celular tocou na noite do quarto dia. Exultou com a sua voz rouca, pausada, algo sensual. Quando ela disse como se chamava, como que uma repentina luz acendeu no cérebro dele, fazendo-o lembrar-se da mulher com quem ela se parecia - a apresentadora de um telejornal local, as duas (quanta coincidência!) tendo o mesmo nome.

Conversaram por uns vinte minutos, ao final dos quais ficou combinado que se encontrariam na casa dela, naquela mesma noite. E o seu marido, perguntou. Ela soltou uma risada e respondeu que marido? nem lembro mais quanto tempo que ele me deixou.

Ao desligar o celular, ele não pôde conter um grito de triunfo. Ao desligar o seu, ela abriu um sorriso irônico, lançou o olhar para o sofá. Nele refestelado, de bermuda e descamisado, um homem mexia num celular. Tudo certo, ela disse. Ele vai chegar daqui a pouco.

FRANCISCO SOBREIRA é escritor, autor de “Não Enterrarei os Meus Mortos”, “Infância do Coração” e vários outros livros.

MENINO DE PERIFERIA – PARTE 1

Thiago Gonzaga

Por algum motivo que não consigo explicar, quase não me lembro de acontecimentos da minha primeira infância, e quando os lembro, nem sempre são momentos muito bons. Surgem-me na memória fragmentados, como marcas de um tempo, que inclui muita dor, mas, também, muita alegria.

A minha infância, embora dura, sofrida, considero-a como boa, pois apesar da falta de um pai e de dinheiro, vivi inocentemente feliz dentro da minha realidade.

Com o tempo descobri que os momentos felizes não estão atrelados ao dinheiro. E todos os períodos bons que vivi na infância não se relacionavam ao “vil metal”. Muitas vezes quando estávamos com fome, nada se comparava a subir numa árvore, tirar uma fruta do pé e chupá-la ali mesmo, um caju, uma manga verde. Nada se comparava à expectativa de chegar o final do ano para ganhar um par de roupas novas; nada como fazer nosso próprio brinquedo, cavar buracos no quintal, brincar com tampinhas de garrafas, com latas de leite vazias e baladeiras, subir em galhos de árvores, fazer as vezes de polícia e ladrão, tudo era motivo para despertar a criatividade, tudo era motivo para ser feliz. Uma criança carece de muito pouco, porém nesse pouco penso que o mais importante é se sentir amada, segura através do amor dos seus pais.

Minha primeira lembrança, quando volto ao passado, talvez seja a do meu pai. O único registro que tenho dele é de vê-lo, entrando no meu quarto, eu deitado numa rede, e ele me servindo alguma coisa, uma espécie de refrigerante, tipo guaraná, com um brote. Isso foi o que ficou em minha lembrança. Refrigerante era algo raro que eu tinha muita vontade de beber. Acredito que, nessa ocasião eu estava adoentado devido a um corte no dedão do pé, que me fez ficar preso na rede por algum tempo. Lembro muito bem do dia em

que levei esse corte, foi um acidente que me marcou muito, chorei demais, e tive que ser levado para o hospital. Eu estava correndo no quintal, quando pisei num caco de vidro. Nossa morada tinha um amplo terreno, comprado por meus pais, no tempo em que o bairro de Cidade Nova estava começando. Na verdade, esse bairro foi uma espécie de refúgio para os moradores que tinham vindo do interior, querendo conseguir residências na recém-inaugurada Cidade da Esperança, conjunto habitacional criado pelo governador Aluizio Alves, no início dos anos 60. Mas, por não ter mais casas disponíveis, os que vieram em êxodo, abriram uma estrada entre dunas que cercavam a Cidade da Esperança e começaram a construção do bairro que iriam denominar de Cidade Nova. Meus pais chegaram ali bem no início, faziam parte dos primeiros moradores, compraram o terreno para pagar de modo parcelado, era uma área relativamente grande para as condições financeiras deles, dava pra construir até quatro pequenas casas, mas como eles não tinham recursos, fizeram somente uma casa, bem pequena, de barro, na parte da frente, e cercaram o terreno com paus e arames. Guardo tudo isso ainda em minha mente.

Não tenho muitos dados sobre o passado do meu pai, mas sei que ele tinha vindo de Araruna na Paraíba e que havia servido o Exército. Minha mãe nasceu na cidade de Ceará-Mirim, porém quando criança foi doada para uma outra família, e cresceu na cidade de São José de Mipibu. Começou a trabalhar de empregada doméstica ainda criança.

Do período a que me referi, não temos fotografias, nossas condições financeiras, então, não permitiam despesas com fotos.

Lembro-me de alguns momentos, como minha mãe deixando eu e minha irmã numa creche; nós ficamos chorando desesperados no portão, agarrados, soluçando, fazendo escândalo, como se a nossa mãe não fosse mais voltar, isso era terrível. Tínhamos, então, de quatro para cinco anos.

Outra lembrança, de quando cursava a primeira série regular: eu não era muito chegado à escola, faltava aula de vez em quando, escondido do meu irmão mais velho. Mãe e pai trabalhavam e passavam o dia fora, não tinham como saber o que fazíamos durante o dia. Uma vez fui pra escola com dor de barriga, e infelizmente, já em sala de aula, com muita vergonha não tive coragem de pedir pra ir no banheiro, e fiz as necessidades sentado na cadeira; a classe toda, imediatamente, começou a rir de mim e a me apontar, chamando atenção da professora para o ocorrido. Foi quando eu saí correndo sem dar satisfações, e corri, corri, corri em direção a minha casa; ao chegar lá, me tranquei e chorei muito, nunca mais quis voltar para a escola.

Nessa época recebemos a notícia de que o nosso pai sofrera um AVC. Poucos dias depois, ele veio a falecer; eu e minha irmã éramos muito pequenos e não sentimos dor, nem entendíamos o que era a morte, mas meu irmão mais velho, acredito, foi quem sofreu e deu suporte a minha mãe, devido às más condições de vida. Ele já era um adolescente com quase 18 anos, depois foi embora pra Recife tentar uma vida melhor. Continuamos a nossa vidinha, eu, minha irmã e nossa mãe, que trabalhava diariamente em busca do nosso sustento.

Para minha mãe, o que importava era a sobrevivência, acho que por isso ela começou a me incentivar a trabalhar logo cedo. Não fazia parte do contexto dela que eu estudasse ou não. Ela sempre falava que eu deveria arranjar um emprego, e era muito rígida conosco, tudo era motivo pra nos bater, pra nos gritar. Mas os dias se sucediam, em meio à solidão da nossa vida, eu e minha irmã sempre em casa, sozinhos, inseguros, muitas vezes pastorados pelos vizinhos, vivíamos na inocência de duas crianças.

Porém, apesar das dores, lá uma vez ou outra quebrava-se essa rotina. Meu irmão sempre juntava alguns amigos, que ficavam tocando violão no quintal da casa da gente, minha mãe gostava também, faziam espécies de quadrilhas de São João, no enorme quintal rodeado de mato, árvores e cercas de arame. Joãozinho, Dedé, Tota, Primo e vários outros amigos do meu irmão sempre iam lá em casa e eram muito animados. Meu irmão começou a namorar uma jovem,

que tinha muitos irmãos, e por um período, dentre meus seis e sete anos, a casa dela passou a ser meu segundo lar. Eu vivia lá, passava praticamente o dia todo solto no quintal da casa, correndo e brincando com os meninos, irmãos e irmãs, Carlos, Petrônio, Andreia, Adriana, Canindé, todos crianças na mesma faixa de idade, que só queriam saber de brincar, de correr pra cima e pra baixo. Algumas vezes, a mãe deles, Dona Salete, que me tratava como filho, nos dava “orelha de pau” para comer, eu adorava, foi uma das gulodices mais saborosas que comi na minha infância. Quando eu não estava brincando, ficava vendo televisão; foi lá que assisti a um dos melhores filmes, nesse tempo, um clássico cult, “Fúria de Titãs”. Éramos, eu e os filhos de Dona Salete, quase irmãos, eu só voltava pra casa à noite quando minha mãe retornava do trabalho, ela muitas vezes chegava antes de mim, e já me esperava com um chinelo na mão. A fase na casa de Dona Salete e seus filhos, foi sem dúvidas a melhor da minha infância, parecíamos uma única família.

Me recordo de um parque de diversões que ia sempre para o bairro da gente, parque simples, mas eu gostava muito de brincar em uns barquinhos, que iam e vinham, aquilo era bom demais. Eu juntava moedas, catava latas, garrafas, plásticos, e levava para trocar no ferro velho, tudo muito barato. Com o apurado comprava o ingresso para o parque.

Nessa época, o aterro sanitário, o famoso forno do lixo, ficava no nosso bairro, e uma das minhas diversões era ir mexer no lixo, com uns amigos, catávamos muita coisa, brinquedos quebrados, plásticos, etc., mas a motivação maior era pegar ligas cirúrgicas para fazer as nossas baladeiras, um dos nossos brinquedos favoritos. Muitos amigos recolhiam para comer, danones vencidos, biscoitos, que eram despejados dos carros de lixo. Algumas vezes também fiz isso, mas nem sempre tinha coragem, me dava nojo. A melhor maneira de provar essas “iguarias” era quando eu e algum amigo pegávamos um ônibus e íamos passear no Hiper Bomprego, que era supermercado-modelo em Natal. Na época não tinha shopping, nem praças de alimentação. Íamos para o setor de congelados, furávamos os dano-

nes com os dedos e ficávamos lambendo tudo, discretamente, para os seguranças não notarem. Muitas vezes também íamos ao centro da cidade, onde havia lojas que nos encantavam: Americanas, Brasileiras e Pernambucanas; nas Brasileiras entrávamos e pegávamos muitos confeitos para chupar, já que a fiscalização era deficiente, nesse tempo não existiam câmeras de segurança, Natal era uma cidade relativamente pacata.

Embora eu andasse, às vezes, na rua, sempre fui muito quieto, acredito que por medo da minha mãe; ela era, como eu já disse, muito severa, brigava sempre com a gente quando fazíamos algo que considerava errado; acho que esse foi um dos motivos de eu não ter entrado para o mundo do crime: medo dos cinturões da minha mãe que doíam muito. Ela também nos gritava tanto que os vizinhos até nos perguntavam o que tinha acontecido, por que os gritos de mãe eram tão estridentes conosco; ela nos batia, acho que um pouco além do que merecíamos, porém, quem mais me batia era meu irmão, na época em que morou conosco. A diferença de mais de dez anos entre nós dois, fazia dele uma espécie de pai, já que não tínhamos pai e nossa mãe trabalhava o dia todo fora de casa. Meu irmão me açoitava de cinturão e me machucava muito, ainda me vêm à mente os gritos que eu dava, o desespero. Até hoje não entendo por que meu irmão me tratava assim, penso que por ser ainda novo, não sabia bem o que estava fazendo. Porém, tivemos nossos bons momentos como irmãos, não devo negar. Eu sempre ouvia as músicas que ele escutava; isso refinou um pouco o meu gosto musical. Fagner, Zé Ramalho, Alceu Valença, Belchior, Ednardo, Amelinha, Caetano Veloso, Chico Buarque, eram constantes na programação do rádio que havia em nossa casa, pra nós uma grande diversão. Desses cantores todos, Fagner era o que eu mais gostava, achava lindas as melodias de suas canções, e as letras de alguma forma me tocavam. “Fanatismo”, “Fumo”, “Traduzir-se” - descobri, anos depois - eram poemas musicados. Virei também fã de Zé Ramalho, o jeito místico dele, as letras das canções, me encucavam. Certa vez, fiquei impressionado com um colega do meu irmão que nos mostrou a coleção completa do cantor paraibano em LPs, e sonhei ter uma igual. Eu

achava que Zé Ramalho flertava com a MPB e o Rock. Também ouvi bastante nas rádios o auge do primeiro disco do cantor e compositor potiguar, Pedrinho Mendes. Algumas músicas do seu primeiro Lp fizeram bastante sucesso nas rádios populares do Estado. Uma banda que gostei muito quando criança, a Reflexus, banda baiana, difundiu nas letras de suas composições, protestos contra a escravidão e defendia o negro. Além disto, dava verdadeiras aulas de história em suas canções, como, por exemplo, na letra seguinte:

Caolak, Rufisque, Zinguichor, são as cidades do Senegal
Ilê Ayiê está nos torsos, nas indumentárias africanas
Linguisticamente o francês na dialética união baiana
Baobá, árvore símbolo da nação
Dos deniakés, os Berberes, dinastia da região, ilê

Aprendi muito sobre a África e suas raízes ouvindo e prestando atenção nas letras das bandas Reflexus e Banda Mel, nos anos 80. Inegável a influência musical que tive, também, da minha mãe, quando criança, pois conheci muita música ouvindo os discos que ela escutava nos finais de semana, Roberto Carlos, Júlio Iglesias, Luíz Gonzaga, Nando Cordel, Noite ilustrada... Porém, com o tempo, claro, fui filtrando tudo isso. Mas, não tenho como negar que, com a vivência nas ruas e nas casas dos vizinhos, escutei muito da música denominada brega, Carlos Alexandre, Amado Batista, Reginaldo Rossi.

THIAGO GONZAGA é escritor, pesquisador e professor. Mestre em literatura comparada pela UFRN, autor de “Os Grãos – Ensaio Sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e outros livros.





ESTAÇÃO DAS CHUVAS

ANGICOS

Jarbas Martins

I

em que hora nua
no riacho, as águas em cacho,
banha-se a lua ?

II

E havia biqueiras e pequenos
barcos que nos singravam a alegria.
O Cabugi, seu pico, a Estrela Guia
- a tua mão tentadora, flor de acenos.

A Árvore do Bem e do Mal. E havia
a Árvore da Inocência. Que venenos
destilava teu corpo e acendia,
no céu chuvoso, a vaga Estrela Vênus?

As sangrias dos açudes recém-vindas
e o impenitente cheiro de aguapés.
Os bicos dos teus seios eram lindas
flores brotando findas e fiéis.
Águas correndo riacho, entre teus dedos,
purificavam culpas e segredos

JARBAS MARTINS é Promotor de Justiça aposentado, poeta e escritor, autor de “Contracanto”, “14 versus 14” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

POEMA DE PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO

ENTREVISTA

**Outro poema dos dons sertanejos
de Oswaldo Lamartine
a Sanderson Negreiros,
anotados por Paulo de Tarso Correia de Melo,
segundo conhecido modelo.**

*Graças quero dar ao divino
labirinto dos efeitos e das causas
pela diversidade das criaturas
que formam este singular universo.*

Jorge Luís Borges

Graças quero dar
pelas vastidões do sertão, rouco de silêncio
Pela brisa dos alísios,
vinda de um quebrar de serra.
Pela madrugada pintada no céu.
Pelas serras despindo-se da névoa da manhã,
trespassadas de cristais pelo sol
e azulescendo à tardinha.
Pelo silêncio do sol do meio-dia
que se ouve como uma música.
Pelas andorinhas que escrevem no céu da tarde
caligrafia e coreografia.

Pelo sertanejo assuntando o poente.
Pelo chegar da boca-da-noite.
Por aquelas noites escuras no pátio
quando se aprende a carta de abc das estrelas.
Pelo nascer da lua com bolandeira, halo de profecia.
Pelo sono, por um bater de chocalho
irrecuperável e distante e uma súbita
chuva, grossa e calma.
caindo sobre os telheiros da alma.
Pelo épico inverno.
justiceiro e esperado como Ulisses.
Pelo acordar com um frio
que se cobre de nomes exóticos
como cruviana e tacaruna.
Pelo café quente,
tomado na manhã chuvosa
em xícara descasada.
Pela coalhada ancestral.
Pelo banho de chuva com trovoada,
esta orgia antiga.
Pelo estourar da babugem.

Por uma curimatá ovada
comida à beira da mesa grande
de uma casa de fazenda,
sentado em banco encerado
pelo suor das gerações.
Pelo morrer do dia
com aboio de vaqueiro,
gado voltando ao curral,
água escorrendo em lajedo.

Pelas moças de lá, de flor na cabeça,
e os rapazes, encadernados em couro.
Pela noite de desafio
ao frio do alpendre.
Pelo cantador de viola de fitas,
aedo mendigo,
viajando ao contrário do tempo,
e por muitas outras músicas:
pelo cachorro chorando
numa goela de serra
em noite de lua,
pelo canto dos galos amiudando no amanhecer,
pelo gaitado de jumento ao meio-dia,
pelo açoite do galo-de –campina,
pelo tremolo da juriti
e a pausa musical do planar
dos urubus circunspectos..
E dentro das casas de fazenda,
sob velhos telhados claro-escuros,
onde joga xadrez o destino,
não posso esquecer
todas as dobradiças de todas as portas,
as fechaduras , as tramelas e as traves
de todos os quartos imensos e vazios.
E o estalar do fogo de lenha
o bater dos tachos de cobre
o borbulhar das chocolateiras de flandres,
o chiado das chaleiras de ferro
o ritmo do pilão
o derrame de água
nas jarras da Cantareira

o títular dos bilros na almofada.
E de noite,
o gemido dos armadores de rede
o raio de lua na telha de vidro da camarinha
o arrastar das apragatas nos corredores escuros
e a dança das sombras móveis
feitas pela luz trágica dos candeeiros

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é professor, poeta e escritor. Autor de “Talhe Rupestre” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

PIRANGI

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas

Mar de Pirangi
Líquida turquesa
Joia de beleza
Como eu nunca vi
És sempre surpresa
Mesmo que esperada
Qual o amor da amada
Pão na minha mesa
Sol de Pirangi
Praia, loca e porto
Reino, sonho e horto
Tudo agora aqui
Paz de Pirangi
Vinho em minha taça
Só o que não passa
Abraço de amigo
Balanço de rede
Chão, teto e parede
Carnaval antigo
Vento perfumado
Filhos a meu lado
Enfim: o que é bom
Luz, sabor e som
Deus até mais perto
Sinto, e isso é certo
Cá em Pirangi

MARCELO NAVARRO RIBEIRO DANTAS é professor, magistrado, poeta e jurista. Autor de várias obras jurídicas. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.



NOVOS ACADÊMICOS



SAUDAÇÃO AO PROFESSOR DALADIER PESSOA CUNHA LIMA PELO ACADÊMICO ARMANDO NEGREIROS

07/11/2017

Senhor Presidente, Diógenes da Cunha Lima,

Autoridades aqui presentes ou representadas,

Senhoras e Senhores Acadêmicos,

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

A nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras completará na próxima terça-feira, dia 14 de novembro, 81 anos da sua fundação em 1936. Dois anos, dois meses e nove dias depois, 23/01/1939, nascia em Nova Cruz Daladier Pessoa Cunha Lima, filho de Diógenes da Cunha Lima e Eunice Pessoa da Cunha Lima. Pelo seu rico e extenso currículo podemos afirmar que a sua posse nesta Academia é serotina, ou serôdia, termo médico utilizado para parto realizado após duração excessiva da gravidez. Daladier já era para ter entrado nesta Academia há muitos anos.

Sempre foi uma praxe os pais exigirem que os filhos estudassem, para ser alguém na vida. Além disso, sendo os pais comerciantes, era comum iniciar os filhos no trabalho muito cedo. Nós, lá em Mossoró, começamos a ajudar seu Rafael com oito, nove anos de idade. Mas tinha que estudar pesado. Não queria nenhum filho sócio. No seu negócio quem mandava era ele. Se algum optasse pelo comércio que montasse a sua empresa. Para trabalhar com ele era como empregado. Felizmente a ameaça funcionou e formaram-se quatro em medicina e uma em serviço social.

Daladier relata que seu pai, comerciante de tecidos em Nova Cruz, dizia que os filhos deviam começar a labuta na sua loja quando a distância entre as mãos alcançasse um metro, o que ocorria aos oito, nove anos. Trabalhar e estudar era o lema.

Formando da turma de medicina de 1965 da UFRN, fez pós-graduação em Doenças Infecciosas e Tropicais na USP; especialização em Medicina do Trabalho em 1976 e Administração Universitária pelo CRUB e Universidade de Quebec no Canadá em 1985. Durante o curso médico foi presidente do Diretório Acadêmico Januário Cicco; escolhido por unanimidade como orador na Colação de Grau do curso de Medicina. Em 1980 liderou um grupo de profissionais para a criação da Sociedade de Geriatria e Gerontologia do RN. Dedicou-se integralmente à UFRN, desenvolvendo atividades nos três objetivos que fundamentam uma Universidade – ensino, pesquisa e extensão. Foi assistente da professora Giselda Trigueiro e desenvolveu estudos pioneiros, com destaque para Calazar e Leptopirose, com trabalhos apresentados em Congressos e publicados em revistas especializadas entre as mais conceituadas do Brasil.

No ano de 1978, era reitor Domingos Gomes de Lima e houve concurso para efetivar os professores colaboradores. O saudoso e querido Professor Leide Moraes abriu uma vaga para anesthesiologista na Maternidade Escola Januário Cicco. Passei em primeiro lugar – não se trata de cabotismo: só havia um profissional inscrito. No ano seguinte, 1979, por necessidade de serviço passamos de 20 para 40 horas. Houve uma reunião no Centro de Ciências da Saúde. Foi aí que conheci o Professor Daladier que era o seu diretor, eleito pelo Conselho Departamental, o Reitor era Diógenes da Cunha Lima Filho. Após as apresentações e a explicitação das normas de que seriam dois turnos de quatro horas, cinco dias na semana, o professor Daladier nos advertiu: - Não se trata de aumento salarial. Trata-se de aumento na carga horária, aumento no trabalho e consequente remuneração. A reunião terminou num clima de entendimento e cordialidade.

Exerceu as funções de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação por seis meses e Vice-Reitor da UFRN de 1983 a 1987 na gestão do Reitor Genivaldo Barros. Em 1987 houve o maior e mais participativo pleito para o processo sucessório para a Reitoria da UFRN, com eleições diretas da comunidade universitária e vários candidatos a Reitor e a Vice. Eu mesmo fui um dos candidatos a Reitor, contra a vontade

do Chefe de Departamento e Diretor da Maternidade Escola Januário Cicco, Professor Leide Moraes, e perdemos para o Professor Daladier que foi eleito, referendado pelos colegiados superiores e nomeado pelo Presidente da República, tendo sido Reitor de 1987 a 1991. Sua gestão é reconhecida como democrática, profícua e competente.

Nesse período ressalta-se a construção do prédio da Escola de Música, com mais de 4.000 m². Até hoje ainda é considerado o melhor prédio e as melhores instalações de escolas de música do Brasil. Demonstrando sensibilidade também com o setor das artes, o Reitor Daladier escolheu a melhor área do campus para construir um dos mais bonitos prédios da UFRN, e, com isso, mostrou o quanto a Universidade precisa ver, com igual prioridade, todos os campos do saber e da evolução espiritual do ser humano. Com isso, a música se desenvolveu tanto na UFRN quanto na própria cidade e até no Estado. Enfim, não foi somente a construção de um prédio, mas foi, sobretudo, a quebra de um paradigma, a favor da valorização da arte musical, que, no conjunto, terminou por valorizar as atividades artísticas, dentro da UFRN. O Reitor Onofre Lopes tem o grande mérito de ser o fundador da Escola.

Findo o período universitário tinha que optar entre o retorno à atividade médica ou continuar na área de educação. Prevaleceu a segunda opção e instalou as Escolas de Idioma Yázigí em 1993. Em seguida aceitou o convite da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte para criar o ensino superior no âmbito da instituição. Com a participação de competente equipe passou a formular o projeto da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do RN – FARN – que foi instalada oficialmente em 25 de fevereiro de 1999. Em 2012 a FARN foi transformada em Centro Universitário do RN. Foi diretor da FARN durante 12 anos e a partir de 2012 passou a exercer a função de Reitor da UNI-RN.

Recebeu várias homenagens e títulos honoríficos, além de pertencer a instituições socioculturais como a Academia de Medicina do RN, o Instituto Histórico e Geográfico do RN e agora a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

É autor do livro “Noilde Ramalho: Uma História de Amor à Educação”, biografia publicada em 2004, com 554 páginas. Em 2004, publicou “Recordando Henrique Castriciano”, um opúsculo sobre a vida desse expoente das letras norte-rio-grandenses, na primeira década do século XX. É autor de dezenas de trabalhos científicos, na área das doenças infecciosas, bem assim de plaquetes, entrevistas, discursos, resenhas educacionais, além de centenas – cerca de 500 – artigos e crônicas publicados em jornais de Natal. Há 14 anos colabora com o jornal Tribuna do Norte, na condição de cronista/articulista, com um texto a cada duas semanas.

O escritor Daladier Pessoa Cunha Lima caracteriza-se por uma linguagem clara, simples, sem palavras perdidas, o que favorece a fluidez da leitura do texto. Faço aqui uma comparação com uma condição médica. Quando o indivíduo tem um sistema cardiovascular íntegro, sem trombos, varizes, defeitos congênitos, o sangue flui irrigando e oxigenando todos os órgãos. Já dizia o bioquímico Severo Ochoa, “o homem tem a idade dos seus vasos”. Nos escritos de Daladier, a leitura é leve, constante, o leitor quase não para e tende a seguir em frente, pois não existe palavra solta, atropelos, obstáculos, ou seja, não se encontram ateromas linguísticos para perturbarem a fluidez dos textos que ele escreve.

No livro Retratos da Vida, lançado em dezembro de 2015, no dia em que o autor completou 50 anos da formação em medicina, encontram-se 86 crônicas que revelam essas qualidades do escritor. Na crônica, Daladier transmite suas passagens cotidianas, vividas nas mais diversas condições, quase sempre momentos prosaicos da existência, por vezes transformados em instantes de pura emoção. Assim, em Retratos da Vida o autor se auto revela, mostra-se ao leitor, como se as crônicas fossem leituras dele mesmo. Nota-se que três assuntos são recorrentes no contexto do livro: a natureza, a fé em Deus e a medicina.

Como médico escritor ele relata numa crônica, com o título de “Por um triz”, publicada na Tribuna do Norte em 23 de agosto de 2012, um filme a que teria assistido. Somente no final da crônica ele

abre o jogo e diz que o que acabara de descrever realmente aconteceu no início de sua carreira, em 1966, aos 27 anos, em Santa Cruz no programa CRUTAC da UFRN. Vejamos um resumo:

“Montando arfante pangaré, um homem chegou e pediu socorro para uma mulher que estava prestes a morrer devido a grande sangramento vaginal”. Havia necessidade urgente de uma transfusão sanguínea para melhorar o estado geral e realizar curetagem uterina. Plantonista solitário, o próprio Daladier doou o seu sangue em seguida realizou a curetagem e salvou a mulher.

Eleito, em 18/04/17, para ocupar a Cadeira nº 03, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras que tem como patrono o Conselheiro Brito Guerra, Fundador Otto Guerra, sucessor e último ocupante José de Anchieta Ferreira.

Um pouco de Daladier por sua filha Romeica, a quem agradeço pelos dados que me foram fornecidos: “Começou os estudos de inglês com minha mãe, Ana Maria, e um casal amigo, vizinhos. O professor ia até a nossa casa, duas vezes por semana, à noite, no ofício de ensinar o idioma aos não tão jovens alunos. Depois deu continuidade aos estudos na escola de idiomas Yázigi, enfrentou e foi aluno com jovens e adolescentes, foi bem no desafio. Hoje, fala o idioma de forma razoável, mas a pronúncia não se compara às dos netos. Se sente realizado pois lê textos com desenvoltura e boa compreensão, na língua inglesa.”

Daladier por ele mesmo: “O professor Rodrigues Alvez foi quem mais me instigou à leitura e à escrita. Sob seu acompanhamento, li boa parte da obra de Machado de Assis, além de outros livros também de famosos autores. Na minha lembrança, estão obras de Érico Veríssimo, Raul Pompéia, José de Alencar, Humberto de Campos, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Coelho Neto, Dostoiévski, Ivan Turgueniev, Tolstói, Victor Hugo, Câmara Cascudo, Shakespeare, Herman Melville, Philip Roth, Walt Whitman, entre muitos outros. Durante a minha formação médica sempre me fascinei pelos vínculos da literatura com a medicina. Na Faculdade, fui fundador

e redator principal de um jornal dos estudantes, chamado “O epi-
plon”, subordinado ao Diretório Acadêmico, do qual fui Presidente.”

Em uma entrevista a Thiago Gonzaga respondendo à pergunta “Além da literatura, que outra arte desperta o seu interesse?” Daladier: “De um modo geral, todo tipo de arte me fascina, seja a popular ou a chamada erudita. Não tenho dom para ser um artista seja da música, da poesia, das artes plásticas, por exemplo, mas tenho a graça de poder apreciar essa superior qualidade do espírito humano. Na música, posso citar três artistas por quem nutro especial admiração: Luis Gonzaga, Frank Sinatra e Amadeus Mozart.”

Casado com Ana Maria Freire Cunha Lima, Daladier tem seis filhos e catorze netos.

Caro colega e confrade Daladier, a sua presença nesta Casa só a magnifica e engrandece. Muito obrigado.

DISCURSO DE POSSE DE DALADIER PESSOA CUNHA LIMA NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, EM 07/11/2017

Meu primeiro gesto, no instante em que chego a esta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, é de gratidão a Deus, por me conceder esta e muitas outras dádivas ao longo da vida. Invoco a proteção dos nossos Santos Mártires de Cunhaú e Uruaçu, pois creio que o sangue dos seus martírios se transformou em fonte de fé aos pósteros que lhes exaltam aqui nesta terra. Não somente por dever, mas também por me sentir feliz ao fazê-lo, dedico também minha gratidão, acrescida de afeto, aos ilustres acadêmicos desta Casa, os quais me concederam a grande honra de ser um dos seus pares, quando tive a distinção de receber 31 votos dos 31 imortais que compareceram à eleição para esse fim. Integrar esta Academia de Letras é, para mim, como é para qualquer pessoa, uma honraria sem igual, fazer parte de uma confraria de homens e mulheres que muito se dedicam ao mundo do intelecto, e, assim, podem vislumbrar a vida em uma dimensão mais ampla e sempre no rumo da luz – Ad Lucem Versus. Relembro, neste momento, a célebre frase de Guimarães Rosa: “É junto dos bão que a gente fica mió”. Aqui chego como sempre fui, ciente das minhas limitações, sem esquecer a modéstia, certo de que outros cultores do espírito, das artes e das letras fazem jus a esta alta honra. Sou um diletante face às lides na literatura, como penso ser a maioria dos Acadêmicos desta Casa. Afeito à leitura desde menino, cresci em ambiente familiar no qual os livros eram bem-vindos. Na nossa casa, em Nova Cruz, eles eram sempre vistos, seja nas mãos dos leitores, ou deixados sobre algum móvel, ou ainda guardados em uma estante de portas de vidro e madeira logo na entrada da primeira sala. Devo dizer que, da família, o leitor contumaz, o fã maior dos livros, aficionado número um das páginas impressas, era o irmão Cunha, que mostrou, desde cedo, sua inclinação para a literatura. Aliás, das gerações de meninos e de jo-

vens que conheci, ninguém chegou a alcançá-lo no amor às artes e às letras. Aquele menino magricela de Nova Cruz, com o mesmo nome do nosso pai, Diogenes, sempre em comunhão com as letras, forjou, de forma crescente, sua ampla cultura, e se tornou grande escritor, frasista, compositor, poeta, pensador, e que, por todos os méritos reconhecidos, é o Presidente desta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Porém, vou contar o que poucos sabem sobre uma outra aptidão que ele julgava possuir: ser cantor e saxofonista. Da música, o poeta conhece melodia, ritmo e harmonia, mas, suas tentativas de brilhar por meio da voz, ou de ser mestre de saxofone, sou franco em dizer, deixemos mesmo por conta dos seus sonhos e das suas quimeras ... Mas o Presidente pode sossegar, pois isso parece ocorrer com grandes escritores, a exemplo de José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, que tentou ser tocador – não falo em músico – de violoncelo e também não conseguiu seu intento!

Sempre me inclinei pela área das ciências, e tive a medicina na mente desde criança, para ser a profissão de escolha. Contudo, nunca deixei de lado as lidas culturais. Nas escolas e nos colégios por onde passei, havia sempre um professor ou professora a me incentivar nas leituras e na escrita. De todos, o que mais me incentivou nesse ofício foi o professor Francisco Rodrigues Alves, do curso científico – ensino médio – do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Sob seu acompanhamento, li quase toda a obra de Machado de Assis.

A medicina e a educação sempre ficaram na vanguarda das minhas atividades. No entanto, a cultura me foi constante na condição de vivência paralela. A partir da maturidade, dediquei-me com mais afinco à literatura, quando a leitura passou a preencher a maior parte das minhas horas de lazer. Ao mesmo tempo, o ato de escrever se tornou mais frequente, quando passei a publicar artigos, crônicas, plaquetes, discursos e textos diversos, além de um livro biográfico com 554 páginas, um de crônicas com quase 300 páginas, e um outro menor, do porte de um opúsculo. Há cerca de 14 anos, publico no jornal Tribuna do Norte, a cada duas semanas, um artigo ou uma crônica, com um total de cerca de 450 textos.

A leitura e a escrita me comprazem. Sou um amante dos livros, e a minha biblioteca pessoal já se encontra a caminho dos 4.000 volumes, quase todos catalogados. O ser humano aprendeu a escrever por volta de 4.000 anos antes de Cristo. A invenção da escrita, segundo alguns autores, foi o avanço tecnológico mais significativo da humanidade. A boa leitura conduz à liberdade, à capacidade de pensar, à crítica e à autocrítica, à criatividade, à autonomia na incorporação e na elaboração de novos conhecimentos e de novos saberes.

Ao chegarmos a este recinto, a própria fachada do prédio, com suas lombadas de tomos gigantes, remetem-nos à ideia de entrarmos no mundo fascinante dos livros. Com todo esse atual avanço tecnológico, estará o livro físico fadado a perder o primado? Poucos anos atrás, parecia que sim, mas a prática mostrou que o livro impresso continua sendo amado, e tudo leva a crer que por muito tempo. Invenção precisa, versátil, lúdica, tão apropriada ao seu objetivo, é muito difícil de ser substituída. De grande valia, porém, é também o amplo uso dos arranjos digitais, em consonância com a forma que continua preferida, mantendo-se o cuidado em dar vida somente às boas obras. Para completar essa ode ao livro, cito, de Umberto Eco, uma das melhores frases sobre essa invenção quase perfeita: “O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados”. E mais outra frase forte, esta de Millor Fernandes: “Livro não enguiça”.

Posso dizer que, por muitos anos, minhas leituras foram dispersas, sem maiores cuidados em relação ao texto. Mas a partir da fase em que mais tempo destinei à leitura, e, quando a escrita passou a fazer parte das minhas agradáveis tarefas, comecei a ler de forma mais sensível, ao ponto de atentar para o uso da palavra certa, para a clareza da frase e do ritmo do texto, tanto em prosa quanto em poesia. Segundo o grande escritor russo Vladimir Nabokov, a palavra certa é a única que transmite, com o máximo da perfeição, a tonalidade exata e a intensidade do pensamento. Em uma crônica do ótimo escritor Cristóvão Tezza, li e guardei na mente uma frase sobre esse tema: “O primeiro leitor é sempre o próprio escritor.” Ora,

isso é verdade para a maioria dos escritores. Os textos que escrevo, sou deles o primeiro leitor, e nunca a versão primeva é a final, faço mudanças no sentido de melhorá-los. Assim, tanto a escrita quanto a leitura exigem um vagar, um caminhar atento pelo texto. A escritora norte-americana Gertrude Stein, que se destacou em Paris, na época da famosa “Geração Perdida” – três primeiras décadas do século XX –, no seu livro *The Autobiography of Alice B. Toklas*, escreveu: “Frases, não são somente palavras, mas sempre frases, foram paixão da vida de Gertrude Stein”. Ernest Hemingway, conhecido por seu estilo límpido e direto, cujos livros propiciam ótima leitura, muito aprendeu com sua compatriota Gertrude Stein.

Ler muito e escrever muito é o caminho a seguir por qualquer escritor. Assim, é fácil de se concluir que a leitura é o centro criativo da vida do escritor. Ao partir dessa premissa, chega-me à lembrança o processo da influência literária que existe nas obras dos diversos autores, ao redor do mundo, tema maior do crítico e escritor contemporâneo Harold Bloom. O autor de *A Angústia da Influência* – 1973 – e de *A Anatomia da Influência* – 2011 – dedica a Shakespeare a maior parte dos seus estudos nesse tema, e até o chama de Fundador, dada a importância que atribui ao famoso bardo, conforme afirma: “Continuo voltando a Shakespeare nos capítulos que se seguem, não por ser um bardólatra – e eu sou – mas porque ele é inevitável para todos os que vieram depois, em todas as nações do mundo”. E mais na frente, a respeito de como é hoje a humanidade, Bloom comenta: “Estariamos aqui de qualquer modo, é claro, mas sem Shakespeare não nos teríamos enxergado como o que somos”. No contexto desse tema, diz o grande escritor português José Saramago: “O meu trabalho como escritor é o de levantar esses homens vivos que, pelo fato de estarem mortos, estão vivos”. A nossa poeta imortal Diva Cunha revela, em um poema de Canto de Página, o quanto a influência pode ser pródiga e nos manter singulares ao mesmo tempo: “Sou todos/ os poetas que li/ com a devida ressalva/ eles não sou eu/ cadeira que ocupo/ enquanto escrevo”.

Esta noite para mim parece um sonho, enche-me de contentamento, renova-me as forças do entusiasmo a fim de olhar para trás e dizer: valeu a pena. Permitam-me lembrar até da coragem que aumenta em mim no intuito de prolongar meu tempo aqui na terra, eu que enfrentei recente e grave ameaça à saúde. Agrada-me muito a ideia de ser imortal, mas, digo a verdade, ainda vou lutar muito para ficar, por mais tempo possível, aqui mesmo, no mundo dos vivos ... Neste momento, já integro esta nobre Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, quando passei a ocupar a Cadeira 3, a qual tem como Patrono o Conselheiro Brito Guerra, o fundador, Imortal Otto de Brito Guerra, e 2º ocupante, o Imortal José de Anchieta Ferreira da Silva.

É de praxe que, no momento da posse, o novo Acadêmico faça uma saudação às figuras humanas vinculadas à história da Cadeira recém-ocupada. Neste instante, passo a discorrer, de forma sucinta, sobre os três ilustres nomes citados.

Alguns meses atrás, a professora Angela Guerra, aqui presente, esteve na minha sala de trabalho, na Reitoria do UNI-RN – ela exerce a função de Vice-Reitora –, e me revelou a alegria de ter visitado a sede do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, à procura de informações mais precisas sobre o Conselheiro Brito Guerra, seu bisavô. Ao chegar ao Tribunal, emocionou-se ao ver a fotografia do avô do seu pai na galeria dos ex-presidentes daquela Corte, mais ainda, por ter sido ele o fundador e primeiro presidente de tão importante Tribunal de Justiça. Na verdade, é inusitado o fato de que um norte-rio-grandense que viveu no século XIX, quando as comunicações e os transportes eram precários, tenha tido, na área jurídica, tanta projeção no âmbito nacional. Luiz Gonzaga de Brito Guerra – Conselheiro Brito Guerra – nasceu em 27 de setembro de 1818, na fazenda Coroas, no município de Campo Grande, província do Rio Grande do Norte e faleceu a 6 de julho, de 1896, em Caraúbas, RN. Quando jovem, recebeu o apoio do seu tio, Padre Francisco de Brito Guerra, e se formou em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito de Olinda, PE. Exerceu o cargo de juiz de Direito em várias cidades do Rio Grande do Norte e, por Decreto Imperial, foi nomeado Desembargador da

Relação de Ouro Preto, em Minas Gerais, então a capital daquele Estado. Em 1874, ele instala o Tribunal de Justiça de Minas Gerais, em Ouro Preto, tendo sido o 1º Presidente daquela Corte, reconduzido por mais dois mandatos. Em dezembro de 1886, assume a elevada função de Ministro do Supremo Tribunal Federal, por dois anos. Por meio de Carta Imperial, recebeu os títulos Barão de Assu e de Comendador da Ordem de Cristo. O melhor texto que encontrei sobre a vida do Patrono da Cadeira 3 é o discurso de posse de Otto Guerra, nesta Academia.

O fundador da Cadeira Nº 3, desta Academia, é o insigne imortal Otto de Brito Guerra. Regozijo-me por escrever sobre essa figura humana de tantas virtudes e de tantos méritos, professor, escritor, jurista, advogado, jornalista, humanista, estudioso das questões sociais, senhor da paz e da concórdia, cristão profundo e sábio, expoente na prática e na orientação dos valores da família, enfim, um homem plural, cujo perfil se sobressai no cenário humano do Rio Grande do Norte, em todos os tempos. Ressalto a altivez da sua personalidade, a coragem revelada nos momentos cruciais, nos instantes em que sua dignidade pessoal recebeu desafios. Refiro-me à defesa dos presos políticos do governo militar de 1964, quando poucos tinham a coragem de enfrentar os poderosos, a fim de restaurar e de coibir as injustiças praticadas. O advogado Otto de Brito Guerra se tornou um símbolo na defesa da liberdade, dos direitos humanos e da justiça, quando ultrajados em seus princípios, ele sempre respeitado por sua força moral, por seus saberes jurídicos e por sua inextinguível ética cristã. Foi também ousado e brilhante advogado, mormente na defesa das causas dos pobres sem terra e sem teto, dos excluídos e desamparados.

Em belo discurso de homenagem póstuma, o professor Múcio Vilar Ribeiro Dantas diz que as ideias de Otto Guerra cresceram com o vigor da seiva que fluía dos escritos de autores da estirpe de Euclides da Cunha, e destaca a obra *Os Sertões* como a paixão literária maior, o seu “catecismo cívico e o breviário social”. Refere-se também ao convívio de Otto com os jesuítas, no Recife, para aprimorar sua formação

filosófica e religiosa. Outros nomes de escritores brasileiros são citados: Oliveira Vianna, Alberto Torres, Alceu Amoroso Lima, Jackson Figueiredo, Elói de Souza, Nilo Pereira, Floriano Cavalcanti, Seabra Fagundes e Câmara Cascudo. Além de dois papas, Paulo VI e João Paulo II, no tocante aos autores estrangeiros que tiveram influência na formação cultural de Otto Guerra, destacam-se os seguintes nomes: Jacques Maritain, Thomas Merton, Paul Valery, George Bernanos, Giovanni Papini e Pierre Blanchard. Contudo, sabe-se que a maior influência sobre a obra de Otto Guerra veio do seu pai, Desembargador Felipe Guerra, no tocante à questão das secas do Nordeste. Sobre esse tema, Hélio Galvão diz que evita falar em influência literária, pois prefere falar em influência cultural, no “rico sentido sociológico” da palavra. Professor Múcio Vilar, a respeito das publicações de Otto Guerra, resalta os livros *A Batalha das Secas*, *Divórcio e Reajustamento Familiar*, *O Serviço Social na Era Atômica*, *O Idoso e sua Problemática*, *Tragédia e Epopéia do Nordeste*, *Vida e Morte do Nordestino* e *Problemas da Ordem Jurídica do Nordeste*, bem como a produção de cerca de mil artigos para a imprensa local.

O magistério foi uma constante na vida de Otto de Brito Guerra. Desde a criação da UFRN, em 1958, esteve ao lado de Onofre Lopes e outros pioneiros, com seus constantes préstimos. Ocupou o cargo de Vice-Reitor da Universidade na gestão de Onofre Lopes, com ação eficaz para a consolidação da novel instituição. A federalização da Universidade, ocorrida em 1960, deve-se muito ao trabalho de Otto Guerra. Foi um dos fundadores da Faculdade de Direito, onde lecionou Direito Civil e foi Diretor, com uma ativa gestão, que garantiu um futuro de glórias para a instituição. Seus ex-alunos jamais o esquecem. Antes da UFRN, ensinou sociologia e outras disciplinas na Faculdade de Educação e de Serviço Social, e em ambas foi fundador, principalmente na Escola de Serviço Social. Essas instituições se somaram a outras para a criação da UFRN, que antes de ser federal, era estadual. Portanto, Otto foi não somente um brilhante propulsor, mas foi também um precursor da grande obra que é a UFRN. Depois de aposentado, tornou-se Professor Emérito daquela Universidade.

Hélio Galvão situa os estudos de Otto Guerra em três sentidos: Sociologia rural; Serviço Social e Doutrina Social Católica. Na área da sociologia rural, ressalta a vivência de Otto Guerra com as comunidades do interior, além das reminiscências guardadas da infância vivida sob o drama das secas do semiárido, tema que foi foco das pesquisas e dos escritos do seu pai, desembargador Felipe Guerra. Quanto ao Serviço Social, Hélio Galvão enfatiza que, para o novo Acadêmico, é difícil de separar esse campo do saber dos estudos sobre a instituição familiar. Nessa perspectiva, seria, então, Serviço Social da Família. No tocante à terceira ênfase, escreve Hélio Galvão: “A Doutrina Social Católica encontra em Otto Guerra um estudioso apaixonado, em dia com seus documentos fundamentais e com seus comentadores mais autorizados, nacionais e estrangeiros”. Essa saudação a Otto Guerra foi feita em 1949, ou seja, 47 anos antes da sua morte, tempo que foi muito profícuo para a sua produção social, cultural e literária.

Há poucos dias, em conversa com um dos filhos de Otto de Brito Guerra, o advogado Marcos de Castro Guerra, pedi-lhe algo que fosse interessante para compor estas minhas palavras de posse na Cadeira 3 desta Academia. Na ocasião, o amigo Marcos Guerra me relatou que o seu pai, cerca de três semanas antes de falecer – ele estava em plena saúde –, chamou-o para conversar, pois queria corrigir algumas imprecisões dos seus dados biográficos, bem como, unificar as possíveis veiculações. Sempre cuidadoso, ele disse: “Não gostaria que, ao falecer, cada jornal ou TV diga o que souber, o que lhes pareceu correto, e que saiam coisas de menor importância ou mesmo disparates.” Marcos Guerra destaca alguns pontos da conversa: a) A função que exerceu no Governo de Mário Camara, em 1933 – com 21 anos – é o equivalente à Casa Civil – hoje em dia –, e não Chefia de Gabinete; b) À Academia Norte-Rio-Grandense de Letras ele demonstrou total apreço; c) A ANCAR, que fazia assistência técnica e extensão rural, foi uma das suas ideias a favor do homem do campo; d) Orgulhava-se de ser autor, por meio de Comissão da OAB, de proposta de mudança do Código Civil, com a retirada da expressão “loucos de todo gênero”, o que foi aprovado pelo Congresso; e) Foi pioneiro no Brasil sobre o tema Direito e Meio Ambiente; f) Orgu-



lhava-se do zelo com que conseguiu estruturar a biblioteca da antiga Faculdade de Direito, da qual foi fundador e diretor, situada na Ribeira, muito elogiada por professores e alunos que por lá passaram. Marcos Guerra relembra que seu pai era frequentador habitual das livrarias de Natal, e que era pródigo na compra de livros. Por sua casa, na rua Coronel José Pinto, 277, passavam muitas pessoas, e até sacerdotes, padres e bispos que iam trocar ideias e até pedir conselhos ao professor Otto Guerra.

Otto de Brito Guerra, nasceu em Mossoró/RN, em 27/07/1912, e faleceu em Natal, em 16/03/1996, era filho de Felipe Neri de Brito Guerra e dona Maria Gurgel de Brito Guerra. Foi casado com Catarina Selda Câmara de Castro, e o casal gerou 13 filhos, 9 mulheres e 4 homens. O imortal José de Anchieta Ferreira, em seu discurso de posse nesta Academia, em 14 de setembro de 2000, refere-se à prole de 24 filhos de Luís Gonzaga de Brito Guerra, o Conselheiro Brito Guerra, – avô de Otto – que somada à prole de Felipe Neri de Brito Guerra – pai de Otto –, com onze filhos, e mais a prole de treze filhos do próprio Otto de Brito Guerra, perfaz um total de 48 rebentos dessas três gerações de homens por demais férteis do sertão do Nordeste. Católicos, eles seguiram, ao pé da letra, a palavra da Bíblia – Gênesis, 9 – quando Deus disse a Noé: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra”. Ressalte-se que os 24 filhos de Luís Gonzaga de Brito Guerra foram de três esposas, pois ele ficou viúvo por duas vezes.

Dona Selda foi esposa e mãe exemplar, e muito contribuiu para que a família, após a morte do marido, tomasse a decisão de criar o Instituto Otto Guerra – IOG –, a fim de preservar a maior e melhor biblioteca particular do Rio Grande do Norte, na forma de acervo pessoal, com 18 mil volumes de obras selecionadas e adquiridas pelo patrono desse espaço cultural, postos à disposição das pessoas interessadas em consultá-las para estudos e pesquisas.

Para saber mais sobre o Fundador da Cadeira 3 desta Casa, recomendo pesquisar nos arquivos da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, nos livros “Otto, Guerra no nome, paz no coração” e “Otto Guerra – Traços e Reflexões de uma Vida”, autoria

da filha Zélia Maria Guerra Seabra, no livro (dois volumes) *Patronos e Acadêmicos*, de Veríssimo de Melo, nos arquivos do Instituto Otto Guerra – IOG, e no livro, recentemente lançado, “Otto de Brito Guerra – Garimpo de Ideias e Reflexões”. Esta obra, edição conjunta do UNI-RN e do IOG, autoria dos professores Fábio Fidelis de Oliveira e Marcelo Maurício da Silva, com participação dos alunos Silvério Alves da Silva Filho, David Oscar Macêdo e Priscila Pereira do Ramo, é a primeira pesquisa acadêmica sobre a produção intelectual de Otto Guerra. Quero destacar o quanto o IOG e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN se empenharam para tornar viável esse estudo e essa publicação. Além dos professores e alunos já citados, destaco o Prefácio, escrito pelo advogado e defensor dos Direitos Humanos Marcos de Castro Guerra.

A leitura desse livro leva-nos a sugerir uma tese de doutorado sobre a vida e a obra de Otto de Brito Guerra.

Católico diligente, senhor de uma fé inexcedível, a igreja foi um das suas paixões. Dá para pensar que, se ele tivesse vivido no começo da era cristã, Jesus teria tido treze apóstolos, e, até mesmo, cinco evangelistas. Aliás, sobre a profunda religiosidade de Otto Guerra, é sempre bom lembrar que ele foi um dos poucos leigos que integrou uma das comissões do Concílio Vaticano II, indicado pelo papa Paulo VI, bem como que foi agraciado com a comenda de São Gregório Magno, outorgada pelo Papa João XXIII, uma das mais altas honrarias concedidas pela cúpula do Vaticano. Feliz o Rio Grande do Norte por ter no panteão da sua história o nome de Otto de Brito Guerra, para que as novas gerações possam mirar-se em líderes e heróis forjados na vida simples e sem arroubos, plena de fé, e de bondade, pródiga de exemplos dignificantes, sempre na busca e na prática do bem. Repito as palavras finais do excelente discurso de homenagem póstuma desta Academia ao imortal Otto de Brito Guerra, autoria do ilustre Acadêmico Jurandyr Navarro: “Otto de Brito Guerra, como os grandes homens, deixou-nos um desafio: quem o imitará?”

Já não estava nos meus planos o ingresso na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. No entanto, quando soube do encan-

tamento do médico José de Anchieta Ferreira da Silva, meu amigo e ex-professor, ressurgiu aquele sonho de tempos atrás, e, após consultar os Acadêmicos que antes haviam me incentivado para esse fim, sem hesitar, resolvi ser candidato à Cadeira 3, por ele ocupada durante 16 anos. Já expressei o meu contentamento pelo sufrágio unânime que recebi dos Acadêmicos que foram à eleição.

Além do apego à leitura e à escrita, além do homem de letras e do médico de formação excelente, Anchieta Ferreira era um cidadão exemplar, correto, digno, bondoso, um humanista de nascença, que sonhava com um mundo melhor, menos injusto, menos egoísta, mais altruísta e pleno de amor ao próximo. Suas posições políticas e sociais eram puras e autênticas, pugnava sempre em prol dos mais fracos, e tinha desprezo pela injustiça e pelo desamor. Capaz de se emocionar diante dos que sofriam, não perdia a chance de ajudar, dentro do possível, a quem dele recorresse. Oftalmologista, tenho a impressão de que poucas vezes cobrou uma consulta ou uma cirurgia. Sua clínica particular era voltada para os pobres, os desvalidos, os desprezados pelo poder público, e vivia com os ganhos dos empregos que conquistou. No âmbito familiar, Anchieta sublimou-se no amor puro, no amor gratuito, no amor total. O maior exemplo dessa verdade foi a vida do casal, ele e sua esposa Maria Lúcia Gurgel. O casal não teve filhos, e os dois viveram um para outro, com ênfase diante da cruel doença que acometeu a esposa, ainda em fase jovem da existência. Esse foi o maior desafio da vida de Anchieta Ferreira, ao qual ele respondeu, mais uma vez, de forma coerente com os seus valores de compaixão, de solidariedade, de bondade, de dignidade humana, e, sobretudo, de amor sem limite, advindo da imensa fé em Deus.

José de Anchieta Ferreira da Silva nasceu em São José de Mipibu-RN, em 16 de julho de 1928, e faleceu em Natal, em 15 de novembro de 2016. Foi aluno do Grupo Escolar Barão de Mipibu e do Colégio Marista de Natal. Estudou na Faculdade de Medicina do Recife, onde concluiu o curso médico em 1955. Fez especialização em oftalmologia em Belo Horizonte, quando foi aluno do mais famoso oftalmologista do Brasil, à época, o professor Hilton Rocha. José de

Anchieta Ferreira era filho de Júlio Ferreira da Silva e de Maria Stella Garcia Ferreira. Dos oito filhos do casal citado, apenas um continua entre nós, com plena saúde, que é Murilo Ferreira da Silva, presente neste auditório, ao lado da esposa, senhora Zuleide Ferreira. Anchieta, já doente, com doença incapacitante, foi acolhido e passou a morar com a família do irmão, da qual recebeu apoio, cuidados e carinho, durante doze anos, até falecer, em 15 de novembro de 2016.

Além de professor da UFRN, competente e eficaz na ação docente, e de médico zeloso e humanista, inclusive como integrante do corpo de saúde da Polícia Militar do Estado, Anchieta dedicou-se às lides culturais, haurindo, sobremaneira, da sapiência do seu grande amigo Otto de Brito Guerra. Os dois mantinham conversas quase diárias, ao longo de caminhadas matinais no calçadão da Praia do Meio durante mais de vinte anos. O escritor Anchieta Ferreira soube reunir textos de valor histórico, sínteses biográficas, características singulares de pessoas tanto no âmbito público quanto privado, fatos pitorescos, quase sempre envoltos de sutil bom humor. Quanto ao estilo, ele seguia a célebre frase: “É fácil escrever difícil; o difícil é escrever fácil”. Na verdade, seu estilo era de fácil leitura, simples, sem volteios, sem palavras inúteis, longe da pretensa erudição. Diogenes da Cunha Lima, no prefácio que fez do livro *História – Fatos e Fotos*, de José de Anchieta Ferreira – 1996, faz bela locução: “Trabalhando com os olhos, José de Anchieta vê o que os outros não vêem. As suas histórias são fiéis, de elevada simpatia humana, escritas em estilo fácil e cor local. Relembro Goethe: ‘De tudo o que é nacional, provinciano, individual até, deduz-se alguma coisa própria a toda humanidade’.” E Diógenes ainda afirma: “O autor tem o coração leve, sutilezas no dizer, ancorado no bom humor. Este livro é, como diria Jorge Luís Borges, valorizador das pequenas sabedorias”. Neste livro *História, Fatos e Fotos*, que na capa tem desenho do artista Dorian Gray Caldas, na qual se vê motivos da antiga cultura grega, consta uma bibliografia com nomes de autores consagrados, além de interessante índice onomástico. A obra revela fatos e fotos históricas, em especial a respeito da medicina do Rio Grande do Norte. Por essa leitura, sabe-se que o primeiro oftalmologista do Estado é o médico

Adolfo Ramires, que recebeu o diploma de médico, em 1914, das mãos do Professor Aluísio de Castro, famoso também como escritor, e que pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Vários médicos de Natal foram motivos de suas crônicas contidas no livro *História – Fatos e Fotos*, inclusive o Dr. José Paulo Antunes, que era cirurgião, formado na Alemanha, poliglota, alto, magro e negro. Ele foi o primeiro médico da cidade conforme a Acta Diurna de 22 de agosto de 1942, famosa coleção de escritos de Câmara Cascudo. No rol dos nomes dos médicos presentes nos textos deste livro estão Mariano Coelho, José Tavares, Joaquim Luz Cunha, além de Adolfo Ramires, José Paulo Antunes e de Hilton Rocha, de Belo Horizonte. A história da medicina do Rio Grande do Norte, em parte, passa pelas páginas deste livro do escritor José de Anchieta Ferreira.

O primeiro livro do médico e escritor José de Anchieta Ferreira, sob o título *Histórias que não Estão na História*, 2ª edição, foi lançado em 1989. Na data de 10 de junho daquele ano, tive a honra de receber o autógrafa do autor, com os dizeres: “Ao prezado Reitor Daladier Cunha Lima, com o abraço e admiração”. No prefácio deste livro o professor, escritor e jurista Mário Moacyr Porto escreveu: “Anchieta – o professor José de Anchieta Ferreira –, em suas *Histórias que não estão na História*, recolheu, com argúcia de bom pesquisador, o que de mais sugestivo ocorreu no passado histórico do Rio Grande do Norte. (...) Anchieta, com olho vivo de repórter, “humanizou” algumas de nossas respeitáveis figuras, não para tirá-lhes do pedestal a que foram alçadas pela reverência tupiniquim, mas para que viessem até nós sem os falsos brilhantes das narrativas oficiais”. Vê-se que o prefaciador fixou duas habilidades de Anchieta, na escrita deste livro, o de pesquisador e o de repórter. Na verdade, na leitura desta obra, nota-se o trabalho do pesquisador, na busca dos fatos reais e fidedignos com a história. Por outro lado, surge a aptidão do repórter em identificar sutilezas, fatos triviais, pitorescos, detalhes que não aparecem nos relatos oficiais. Assim os textos escritos por Anchieta Ferreira são, quase sempre, de valor histórico, mas contados de forma agradável, “bom de ler e gostoso para recordar”, com o bom humor sempre a integrar o conteúdo. Assim, o médico,

o escritor, o pesquisador e o repórter se integram para que surja um texto leve de crônicas plenas de humanismo e de historicidade.

Apraz-me citar dois ótimos trabalhos escritos sobre o médico e escritor Anchieta Ferreira: o necrológico promovido pela Academia Norte-Rio Grandense de Letras, realizado em 14 de fevereiro de 2017, de autoria do Acadêmico João Batista Pinheiro Cabral, e o outro, sob o título José de Anchieta Ferreira: visão aguçada para fatos históricos, cujo autor é o escritor e editor David de Medeiros Leite, integrante da Academia Mossoroense de Letras.

Agradeço as palavras de saudação do confrade e amigo médico Armando Negreiros, um dos melhores escritores do Rio Grande do Norte nos dias atuais. Culto, com formação também em Ciências Jurídicas, sua produção literária já se torna vasta, na qual demonstra ampla cultura humanista, tendo a medicina como motivo usual da sua obra escrita. Seu estilo é solto, aberto, direto, sempre envolto em apurado bom humor. Quanto às suas palavras a meu respeito, afirmo que elas hipertrofiaram algum mérito que eu possa, por acaso, possuir. Ao prezado amigo e ilustre Acadêmico Armando Negreiros, o meu fraternal abraço de gratidão.

As Academias têm o condão de difundir a imortalidade dos seus integrantes, inclusive pelo ritual da sucessão das suas cadeiras, no intuito de manter, independente da vida física, a presença espiritual dos que merecem esse galardão. Portanto, esta Casa abriga homens e mulheres cujos feitos vencem a inelutável passagem do tempo, e por isso, ganham a honra da imortalidade acadêmica.

Perto de concluir, recorro da memória para deixar uma emocional saudação aos meus queridos genitores, Diógenes e Eunice, papai e mãe, que nos deram, a mim e a meus irmãos, as melhores lições de vida e o dom de viver em plenitude, sob a graça da fé em Deus e em Jesus Cristo. Insisto em prestar honras ao livro, através dos precisos versos de Castro Alves, em inesquecível soneto: “Oh, Bendito o que semeia Livros à mão cheia/ E manda o povo pensar!/ O livro, caindo n’alma/ É germe – que faz a palma,/ É chuva – que faz o mar!” Com esse poema, que nos remete à infância, brindo todos os presentes, a minha família, a começar

pelas irmãs Gilma e Olindina, e seus esposos, o irmão Ariam, feliz por ver Ariam Neto aqui, em seu lugar, os irmãos Diogenes e Marcelo, e suas esposas, tias Yeda e Zilpe, a prima-tia Haidée, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, parentes, amigos e amigas. Uma referência muito especial para minha querida esposa, Ana Maria, que luta para aceitar a minha mania de ficar em casa, até nos fins de semanas e feriados, na intenção de ler e de escrever; e para meus queridos filhos, Daladiana, Anadier, Romeica, Augusto, Bruno e Renata, Genros e Noras, além dos meus 14 netos, dos quais, no intuito de não me alongar, cito somente Pedro, o mais novinho.

Nesta Casa da imortalidade, onde somente existe vida, onde a própria história acadêmica compõe uma plêiade de nomes que se sucedem, nada mais próprio do que estes versos do grande poeta Walt Whitman, no poema Grandes São os Mitos, do livro Folhas de Relva:

“Grande é a vida ... é real e mística, seja aonde for e o que for,
Grande é a morte ... Certa como a vida junta todas as partes, a morte
junta todas as partes;

Certa como as estrelas retornam depois de fundirem-se na luz,
a morte é tão grande quanto a vida.”

Ao concluir, reitero o quanto estou feliz e honrado por chegar a esta Casa de Câmara Cascudo; e, nesta hora, declamo versos de um dos melhores poetas do mundo, Fernando Pessoa, cujo nome nos é tão natural e que fala a nossa amada e bela língua portuguesa:

“Toda a vida é um sonho.
Ninguém sabe o que faz,
ninguém sabe o que quer,
ninguém sabe o que sabe.
Dormimos a vida, eternas crianças do Destino”.

Muito Obrigado.

ANRL, em março de 2018



ANRL em Março de 2018

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luíz Alberto G. de Faria (eleito)
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Eliás Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Ne-greiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís António	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	(vaga)

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em março de 2018

www.offsetgrafica.com.br